

IVCOMERV

CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE - GO

Anais do IV COMERV

23, 24 e 25 de Setembro de 2022

IVCOMERV

CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE - GO

Anais do IV COMERV

23, 24 e 25 de Setembro de 2022

Editora Omnis Scientia

ANAIS DO IV CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE 2022

Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO - PE

2023



PRESIDENTE DO IV CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE

Kemilly Gonçalves Ferreira

COORDENADORA DOCENTE DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO IV CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE

Ma. Lara Cândida de Sousa Machado

COORDENADOR DISCENTE DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO IV CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE

Breno Frota Sabbadini

COMISSÃO CIENTÍFICA DO IV CONGRESSO MÉDICO DE RIO VERDE

Ana Isabel Sodré Lima

Clara Cecília Rodrigues Mendes

Laura Vilela Buiatte Silva

Letícia Mesquita Pacheco

Maryanna Freita Alves

Mateus Barbosa Pasquali

Nathalya Faria Alves

PALESTRANTES

Ana Carolina Maluf Miranda

Ana Lúcia Cabral Vilela

Ana Lúcia Cabral Vilela

Ana Paula Alexio

Bruno Vieira Bernardes

Carolina da Silva Andrade Araújo

Carolina da Silva Andrade Araújo

Carolina Lacerda Partata

Daniela Textor

Danielle Arabi Lopes Frazão

Davi Jorge Fontoura Solla

Diogo Petroni Caiado Fleur

Edna Cristina Padula

Filipe Candido Goulart

Gabrielly Cruvinel Fernande

Guilherme Souza De Faria

Gunther Abreu De Almeida

Ian Camilo Costa Maranhão

Ian Camilo Costa Maranhão

Jéssica Resende Angelini

João Emílio Hanum Paes
João Pedro Lins Mendes De Carvalho
Laene De Sousa Ribeiro
Lilian Martins Lacerda
Luann Morey Lemes
Lucas Lopes Resende
Maisa Cristine De Oliveira Borba
Mariana Costa Jonas
Mariana Costa Jonas
Marilia Davoli Abella Goulart
Mylena Almeida Rodrigues
Nayhara Costa Fagundes
Paulo Appollonio Filho
Pedro Ernesto Miranda
Pedro Queiroz de Melo Neto
Renato Faria Santos
Ricardo Furtado Mendonça
Rodrigo Teixeira Cleto
Rychard Aruuda de Souza
Sabrina Kênia Alvez de Toledo
Sabrina Kênia Alvez de Toledo
Tassya Daiana Porto Lima
Tathiane Alvez Lima Evangelista
Tathiane Alvez Lima Evangelista
Thalles Guimarães Vieira
Uiara Rios Pereira
Victor Queiroz De Miranda

AVALIADORES

Adriana Vieira Macedo Brugnoli
Aline Monezi Montel
Ana Paula Félix Arantes
Andreia da Silva Souza
Berenice Moreira
Bruno Martinelli
Camila Ramalho Bonturi
Cláudio Piras
Fernanda Sardinha de Abreu Tacon
Fernando Martins Cruvinel
Gabriela Marini

Iane de Oliveira Pires Porto
Jair Pereira de Melo Junior
Jéssica Gisleine de Oliveira
Lara Cândida de Sousa Machado
Larissa Cristina Clementino Lara Caiado
Marcelo Bighetti Toniollo
Marina Machado Santos
Sheila Janaina Sestari
Tatiana Dela-Sávia
Uiara Rios Pereira
Vanessa Barbosa de Moraes Thompson
Viviana Cristina de Souza
Viviane Lovatto

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Cássio Brancalone
Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva
Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão
Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior
Dr. Walter Santos Evangelista Júnior
Dr. Wendel José Teles Pontes



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

C749 Congresso Médico de Rio Verde (4 : 2022 : Rio Verde, GO).

Anais do IV Congresso Médico de Rio Verde 2022 : volume 1
[recurso eletrônico] / coord. Kemilly Gonçalves
Ferreira. — 1. ed. — Triunfo : Omnis Scientia, 2023.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

Evento realizado nos dias 23, 24 e 25 de setembro de
2022, no teatro Lauro Martins em Rio Verde, Goiás).

ISBN 978-65-81609-40-5

DOI: 10.47094/978-65-81609-40-5

1. Medicina - Estudo e ensino. 2. Pessoal da área de
saúde - Formação. 2. Residentes (Medicina). 3. Medicina
- Prática. I. Ferreira, Kemilly Gonçalves. II. Congresso.
III. Título.

CDD23: 610.7098117

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

O COMERV (Congresso Médico de Rio Verde) é um evento promovido pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Rio Verde (CAFAMERV). Nos anos de 2018 e 2019, desenvolvemos dois eventos presenciais que marcaram a trajetória acadêmica daqueles que participaram. Em 2020 inovamos diante das adversidades trazidas pela pandemia e tivemos nossa primeira edição online, o COMERV-ON, que foi igualmente um sucesso! Em 2021, inovamos novamente na nossa 3ª edição, sendo que, foi realizada de forma híbrida. Assim, pudemos proporcionar aos nossos inscritos o melhor dos dois cenários (online e presencial), buscando sanar com excelência as deficiências trazidas pela pandemia ao ensino médico. Nesse ano, 2022, realizamos de forma presencial a 4ª edição desse congresso incrível, o IV COMERV. No IV COMERV, contamos com diversos palestrantes nacionais renomados e mais de 400 congressistas. Além disso, procuramos desenvolver e incentivar de maneira mais intensa a pesquisa científica e a submissão de artigos já que essas são a base da metamorfose na medicina. Dessa forma, nós da comissão organizadora, principalmente a científica, se orgulha em disponibilizar esses anais para a leitura e a evolução acadêmica de vocês, leitores.

Kemilly Gonçalves Ferreira – Presidente do IV Congresso Médico de Rio Verde.

SUMARIO

TRABALHOS APRESENTADOS NA MODALIDADE ORAL - RESUMO EXPANDIDO

COBERTURA VACINAL: A IMPORTÂNCIA E OS DESAFIOS NO PLANO DE AÇÃO A VARÍOLA DOS MACACOS.....	16
MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS PRODUZIDAS POR RUÍDOS EM PROFISSIONAIS ATUANTES NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.....	20
MANIFESTAÇÕES DERMATOLÓGICAS EM PACIENTES DURANTE A INFECÇÃO PELA COVID-19.....	25
PANDEMIA E DIABETES MELLITUS TIPO 1 EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	29
REPERCUSSÕES CLÍNICAS DA OBESIDADE EM PACIENTES GESTANTES.....	33

TRABALHOS APRESENTADOS NA MODALIDADE ORAL - RESUMO SIMPLES

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.....	37
COBERTURA VACINAL DE TUBERCULOSE E POLIOMIELITE NO ESTADO DE GOIÁS DE 2018 A 2021.....	38
IMPACTO DAS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DA ESOFAGITE EOSINOFÍLICA NO DESENVOLVIMENTO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS.....	39
IMPACTO PSICOLÓGICO NA REPRODUÇÃO HUMANA.....	40
SÍNDROME DE TAKOTSUBO: A DOENÇA QUE SIMULA O INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO (IAM). COMO SUSPEITAR?.....	41

TRABALHOS APRESENTADOS NA MODALIDADE ORAL – RESUMO E-PÔSTER

A NÃO ADESÃO FARMACOLÓGICA DE ANTIRRETROVIRAIS E O CONSEQUENTE AUMENTO DA TRANSMISSÃO DO VÍRUS DO HIV.....	42
ALTERAÇÃO NA QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE MENTAL DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE.....	44
ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DA DIETA NO QUADRO ÁLGICO EM PACIENTES COM ENDOMETRIOSE.....	45
ANÁLISE MULTIFATORIAL: REABILITAÇÃO PULMONAR EM PACIENTES HOSPITALIZADOS PÓS COVID-19.....	46
ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E SUA IMPLICAÇÃO NA SAÚDE MENTAL.....	48
AS REPERCUSSÕES CLÍNICAS DA SÍNDROME DO TORNIQUETE CAPILAR PARA A PEDIATRIA.....	49
AS REPERCUSSÕES DO CLIMATÉRIO NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER.....	50
BENEFÍCIOS DA ULTRASSONOGRAFIA DURANTE A PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO.....	51
COBERTURA VACINAL DE HPV NO ESTADO DE GOIÁS NO PERÍODO DE 2017-2022.....	53
COVID X QUEDA DE CABELO: POSSÍVEIS CAUSAS E MELHORES TRATAMENTOS.....	53
ENDOMETRIOSE PÉLVICA: ESTADO ATUAL DO DIAGNÓSTICO.....	54

EPISIOTOMIA: A LINHA TÊNUE ENTRE SUA INDICAÇÃO E UMA PRÁTICA

ROTINEIRA QUE CONFIGURA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA.....	55
ESTRESSE E A QUEDA DA IMUNIDADE: A REATIVAÇÃO DO HERPES-ZÓSTER.....	56
FATORES DE RISCO RELACIONADOS À SEPSE NEONATAL.....	58
IMPACTO DA RECIDIVA DE SARAMPO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS.....	59
IMPORTÂNCIA DA CIRURGIA PLÁSTICA REPARADORA NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES PÓS-BARIÁTRICOS.....	60
IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO NUTRICIONAL NO DIABETES MELLITUS.....	61
IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS COM ENFOQUE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE.....	62
INFLUÊNCIA DA ANESTESIA EPIDURAL INTRAPARTO NO DESENVOLVIMENTO DE AUTISMO.....	63
O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO GANHO DE PESO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.....	64
OCLUSÕES VASCULARES RETINIANAS APÓS COVID-19.....	65
OS DESAFIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO CUIDADO DAS MÃES COM DEPRESSÃO PÓS-PARTO.....	66
PARTICULARIDADES DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NA INFÂNCIA.....	67

PARTOS HUMANIZADOS NO BRASIL E O SEU IMPACTO NA VIDA DAS GESTANTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	68
PÉ DIABÉTICO: UMA RESPONSABILIDADE SOCIAL E PROFISSIONAL.....	70
SUBNOTIFICAÇÃO DE CASOS DE HANSENÍASE COM A PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL.....	71
RETINOPATIA DIABÉTICA: ANÁLISE MULTIFATORIAL EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO II.....	72
RISCO AUMENTADO DE OSTEOPOROSE PÓS-MENOPAUSA EM RAZÃO DO HIPOESTROGENISMO.....	74
TROMBOFILIA COMO CAUSA DE AVE EM JOVENS MULHERES.....	75
UTILIZAÇÃO DE IMUNOBIOLOGICOS ESPECIAIS EM PORTADORES DO VÍRUS HIV.....	76

TRABALHOS APROVADOS – RESUMO EXPANDIDO

A DEMANDA DE INTUBAÇÃO OROTRAQUEAL: OS REFLEXOS NO APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA MÉDICA.....	77
AS INFLUÊNCIAS HORMONAIS NO DESENVOLVIMENTO DE MIOMAS UTERINOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	82
DOR GÊNITO-PÉLVICA:ANÁLISE ETIOLÓGICA, IMPACTO NA ESFERA BIOPSISSOCIAL E ABORDAGEM MÉDICA.....	85
EPIDEMIOLOGIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL 1998 A 2021.....	89

PREVALÊNCIA DA TUBERCULOSE PULMONAR EM MULHERES NO MUNICÍPIO DE FORMOSA GOIÁS.....	92
--	----

QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA (ELA).....	96
---	----

MENÇÕES HONROSAS

RESUMOS SIMPLES

COBERTURA VACINAL DE TUBERCULOSE E POLIOMIELITE NO ESTADO DE GOIÁS DE 2018 A 2021, de autoria de Ana Terezinha Mesquita de Miranda Macedo, Débora Rosa Pereira da Motta Salomão, Renata Dias Furtado Mendonça, Patrícia Gouveia Appollonio, Ana Paula Alves Gouveia, , orientado por Lara Candida de Sousa Machado, foi apresentado na MODALIDADE ORAL – Resumo Simples e foi premiado em 1º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

SÍNDROME DE TAKOTSUBO: A DOENÇA QUE SIMULA O INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO (IAM). COMO SUSPEITAR? de autoria de Vinicius Lima Nunes, Kamilla Assis Diniz, Lara Cristinne Maia dos Santos, Isadora Nogueira de Souza Lenza, Júlia Constantino Mesquita orientado por Larissa Cristina Clementino Lara Caiado, foi apresentado na MODALIDADE ORAL - Resumo Simples e foi premiado em 2º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

IMPACTO DAS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DA ESOFAGITE EOSINOFÍLICA NO DESENVOLVIMENTO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS, de autoria de Adelzi Auto Alves Júnior, Camila Vanzin Bonifácio Fonsêca, Guilherme Rocha Rodrigues, orientado por Ana Paula Fontana, foi apresentado na MODALIDADE ORAL- Resumo Simples e foi premiado em 3º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

RESUMO EXPANDIDO

MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS PRODUZIDAS POR RUÍDOS EM PROFISSIONAIS ATUANTES NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA, de autoria de RAIENE SARA CARDOSO PEREIRA, Henry Hideki Naoe, Rui Miguel Bettencourt Melo, Ermonio Ernani Estanislau Oliveira, Gabryela David Mendonça , orientado por Viviana Cristina de Souza, foi apresentado na MODALIDADE ORAL – Resumo Expandido e foi premiado em 1º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

A IMPORTÂNCIA E OS DESAFIOS NO PLANO DE AÇÃO A VARÍOLA DOS MACACOS, de autoria de Mariana Mesquita Leite, Allan Ribeiro Machado, Jean Masaharu Takahachi, João Augusto Pinheiro Rezende, orientado por Ana Paula Fontana, foi apresentado na MODALIDADE ORAL – Resumo Expandido e foi premiado em 2º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

MANIFESTAÇÕES DERMATOLÓGICAS EM PACIENTES DURANTE A INFECÇÃO PELA COVID-19 de autoria de Milena Souza Lopes, Eduardus Parente Domingues orientado por Cristhiane Campos Marques, foi apresentado na MODALIDADE ORAL – Resumo Expandido e foi premiado em 3º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

E-POSTERS

BENEFÍCIOS DA ULTRASSONOGRAFIA DURANTE A PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO, de autoria de Joana Haab Krein, Suzane Oliveira Andrade, Paula Castro Ferreira, Louise Carolina Alves Teixeira, Lorena Fagundes Lisboa, orientado por Mário Augusto Padula Castro, foi apresentado na MODALIDADE E-PÔSTER e recebeu MENÇÃO HONROSA pela colocação em 1º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022

TROMBOFILIA COMO CAUSA DE AVE EM JOVENS MULHERES, de autoria de Nássara Letícia Müller Pinheiro, Guiler Algayer, Gabriely Leite Carvalho, Brenda Yukari Vaz Otsubo, Beatriz Kaori Vaz Otsubo, orientado por Barbara Correia Neves Sabino, foi apresentado na MODALIDADE EPÔSTER e recebeu MENÇÃO HONROSA pela colocação em 2º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

AS REPERCUSSÕES DO CLIMATÉRIO NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER, de autoria de Giovanna Monte Bernadelli, Isabella Rezende Guimarães Amaral, orientado por Ana Paula Fontana, foi apresentado na MODALIDADE E-PÔSTER e recebeu MENÇÃO HONROSA pela colocação em 3º LUGAR no evento: IV Congresso Médico de Rio Verde, promovido pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UniRV que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de 2022.

**COBERTURA VACINAL: A IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA VACINA NO PLANO DE
AÇÃO A VARÍOLA DOS MACACOS**

¹Mariana Mesquita Leite, ²Allan Ribeiro Machado, ³Jean Masaharu Takahachi, ⁴João Augusto Pinheiro Rezende, ⁵Ana Paula Fontana.

¹ Graduando Faculdade de Medicina de Rio Verde. Universidade de Rio verde – GO.

marianaleite.fy@hotmail.com.

² Graduando Faculdade de Medicina de Rio Verde. Universidade de Rio verde – GO.

³ Graduando Faculdade de Medicina de Rio Verde. Universidade de Rio verde – GO.

⁴ Graduando Faculdade de Medicina de Rio Verde. Universidade de Rio verde – GO.

⁵Graduada em Enfermagem, Docente da Faculdade de Medicina de Rio Verde (FAMERV) - Rio verde/GO. fontana@unirv.edu.br

RESUMO

Erradicada desde a década de 1980, uma variante viral da varíola antes endêmica de regiões africanas foi propagada para outros continentes em 2022. Estudos indicam possíveis relações entre a hesitação populacional perante as vacinas nos últimos anos e os surtos da varíola dos macacos em regiões não endêmicas. Objetivo: descrever a importância e os desafios da cobertura vacinal no plano de ação no combate à incidência da varíola dos macacos. Metodologia: Revisão Integrativa baseada nas plataformas de busca PubMed e MedLine. Utilizou-se como critério de inclusão pesquisas entre o ano de 2017 e 2022, relacionadas à temática e ao objetivo proposto por este estudo. Foram excluídos artigos não relacionados à hesitação da população perante às vacinas ou ao surto de varíola dos macacos. Resultado e Discussões: a varíola do macaco pode ser contida por meio de medidas e estratégias dos setores de saúde pública por meio da disponibilidade da vacina. Conclusão: perante inúmeros desafios, a vacina contra a varíola ainda se mostra importante plano de ação a propagação da doença.

INTRODUÇÃO

A varíola foi inicialmente detectada na Europa e na Ásia na antiguidade, sendo globalizada com as expansões coloniais do século XV. A grande letalidade da doença no Novo Mundo foi devida, principalmente, ao fator imunológico ainda deficitário da população nativa perante ao patógeno da varíola. No ano de 1796, Edward Jenner desenvolveu a primeira vacina contra a varíola a partir da

inoculação da varíola bovina. Com o passar dos séculos, medidas sanitaristas passaram a fazer parte da estratégia de erradicação da doença a nível mundial de forma eficaz e segura.

Ao longo dos anos a vacina se demonstrou muito eficaz no combate a doenças infectocontagiosas, como o sarampo e a própria varíola, considerada erradicada desde 1980 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A Campanha da Erradicação da Varíola (CEV) foi considerada até hoje como a estratégia mais bem-sucedida na história da saúde pública, entretanto, nos últimos anos, a hesitação vacinal se tornou uma barreira no controle da disseminação de doenças já erradicadas. No ano de 2019 com a pandemia da COVID-19 boa parte da população mundial deixou de acreditar na segurança e eficácia da vacina, contribuindo, assim, para a volta de doenças infecciosas.

O vírus *Monkeypox*, variante da clássica varíola, pode ser transmitido por meio do contato direto com sangue e fluidos corporais. Entre os sinais e sintomas mais comuns apresentados são erupções cutâneas, febre, cefaleia, calafrios e mialgias, semelhantemente ao que ocorre com a manifestação clínica da varíola tradicional.

A vacina contra a varíola pode ter sua eficácia em cerca de 85% sobre a proteção imunológica contra a varíola dos macacos. Em 2019, algumas vacinas já foram desenvolvidas com o uso da forma modificada do vírus Ankara atenuado, a *Vaccinia Ankara Modificado* (MVA), porém ainda há controvérsias quanto a sua eficácia e sua disponibilidade ainda permanece limitada.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é descrever a importância e os desafios da cobertura vacinal no plano de ação no combate à incidência da varíola dos macacos.

METODOLOGIA

Trata-se em uma Revisão Integrativa de Literatura de caráter analítico, com abordagem qualitativa dos dados realizada em seis etapas: elaboração da questão de pesquisa; busca e amostragem – estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; extração de dados; avaliação e análise crítica dos dados obtidos; análise e síntese dos estudos com interpretação dos resultados; apresentação da revisão. Para a questão norteadora da pesquisa, foi considerada a estratégia PICO, sendo: P = população em geral; I = cobertura vacinal; CO = plano de ação contra a varíola dos macacos; assim, formulou-se a seguinte questão: “Qual a importância e os desafios da cobertura vacinal como plano de ação a varíola dos macacos?”.

A pesquisa foi baseada nas bases de dados PubMed e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MedLine). Na estratégia de busca foram consideradas combinações de descritores conforme as indicações de cada base de dados, sendo eles os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Medical Subject Headings* (MeSH).

A escolha dos descritores foi feita com base em palavras identificadas em textos sobre a temática de interesse, além das seguintes palavras-chave: “varíola dos macacos”, “vacinas”, “surto

de varíola”, “vírus da varíola” e “erradicação”. O operador booleano “AND” foi empregado nas combinações dos descritores usados entre as palavras-chave “varíola dos macacos” e “vacinas”; “surto de varíola” e “erradicação”.

Utilizou-se como critério de inclusão pesquisas datadas entre o ano de 2017 e 2022, relacionadas à temática e ao objetivo proposto por este estudo. A limitação dos últimos 5 anos se deve ao aumento da incidência de surtos de doenças infecciosas, em especial a varíola dos macacos, após queda na cobertura vacinal no Brasil e no mundo.

Foram excluídos artigos anteriores ao ano de 2017 ou que não estivessem relacionados à hesitação de parte da população perante às vacinas ou ao surto de varíola dos macacos e as estratégias de ação de combate à doença.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

193 artigos foram identificados na base de dados MedLine enquanto que 116 foram na plataforma Pubmed. Os artigos selecionados para a leitura na íntegra mencionaram características que se enquadravam nos critérios de inclusão desta pesquisa.

A varíola dos macacos em humanos foi caracterizada como uma doença infectocontagiosa endêmica das regiões africanas. Acredita-se que a via de infecção viral deste patógeno se dá por meio de seu contato com lesões teciduais, pelo trato respiratório e mucosas. No ano de 2022, o vírus *Monkeypox* disseminou para áreas não endêmicas, sendo relatados cerca de 2000 casos confirmados em 140 países. O surto atingiu principalmente jovens, não comórbidos e sem uso de vacinação prévia, evidenciando que uma das causas possíveis para a disseminação da doença seja a queda da cobertura vacinal contra a varíola nos últimos anos.

Dois tipos principais da vacina são disponíveis atualmente: a considerada de “segunda geração”, contendo o vírus replicante e, por isso, passível de maiores efeitos colaterais; e o de “terceira geração”, contendo o vírus em sua forma atenuada, não replicante, cujos efeitos adversos são menos agravantes. Nesse sentido, a vacina de segunda geração foi limitada à população conforme os fatores de risco submetidos, não indicada, portanto, para crianças, gestantes e imunossuprimidos.

Por volta da década de 1960, Estados Unidos e alguns países da África se uniram em prol do controle e erradicação da varíola. Foi realizada a estratégia conhecida hoje como “vacinação em anel” a qual consiste no isolamento e vigília dos pacientes diagnosticados com a doença e na vacinação de todos os indivíduos que tiveram contato com o caso confirmado.

Perante isso, a fim de conter o avanço do vírus *Monkeypox*, alguns países como Canadá, Reino Unido e Estados Unidos passaram a pôr em prática novamente o plano de ação “vacina em anel”. Como medida profilática, o Reino Unido passou a administrar a vacina atenuada contra a varíola, a MVA. A indicação é que seja dosada nos primeiros 4 dias de exposição do indivíduo com um caso confirmado da doença, uma segunda dose deve ser administrada com um intervalo de 28 dias. Apesar de não prevenir a infecção viral, a vacina se mostrou eficaz na redução dos sintomas, reduzindo possíveis complicações.

A vacina contendo o vírus atenuante, embora seja potencial agente de controle dos surtos atuais, possui entre os maiores desafios para a sua real efetivação a dificuldade de monitoramento e detecção dos contatos específicos com indivíduos diagnosticado com a varíola dos macacos, por ser um vírus de propagação lenta e de longo período de incubação.

Além do mais, a hesitação perante a cobertura vacinal se faz muito presente, à medida que a escassez de informações, com evidências científicas concretas, levadas à população se torna grande empecilho. Registros apontam que a baixa aceitação às vacinas teve agravo a partir da pandemia de COVID-19, já que uma série de vacinas foram desenvolvidas e comercializadas, mesmo sem comprovações devidas a respeito de possíveis efeitos colaterais.

A queda da cobertura vacinal pós-erradicação da varíola também contribui negativamente na efetivação dos planos de ação existentes para a tentativa de conter os surtos da varíola dos macacos, à medida que dificulta o controle do número crescente de indivíduos sem imunidade contra o vírus da varíola.

O desafio atual encontra-se no esforço imprescindível para o desenvolvimento de medidas de rastreio e monitoria das populações em situações de risco.

CONCLUSÃO

Conscientizar a população sobre o impacto da hesitação vacinal se faz necessária como uma das estratégias de ação de saúde pública. Profissionais da saúde, alinhados com os demais setores sociais, devem buscar compreender a viabilidade das medidas de prevenção e controle das doenças infectocontagiosas a serem tomadas com base no rastreio e monitoria da população.

MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS PRODUZIDAS POR RUÍDOS EM PROFISSIONAIS ATUANTES NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Raiene Sara Cardoso Pereira¹; Gabryela David Mendonça²; Ermonio Ernani Estanislau Oliveira³; Rui Miguel Bettencourt Melo⁴; Henry Hideki Naoe⁵; Viviana Cristina de Souza⁶.

^{1,2,3}Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde – FAMERV, Rio Verde – Goiás, Brasil,
raisaracardoso@gmail.com

⁴Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

⁵Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto – São Paulo, Brasil

⁶Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde – FAMERV, Rio Verde – Goiás, Brasil, viviana.
csc@hotmail.com

RESUMO

OBJETIVO: Conhecer as manifestações clínicas produzidas em consequência dos ruídos na Unidade de Terapia Intensiva em Rio Verde-GO. **METODOLOGIA:** Realizou-se um estudo, identificando os tipos de ruídos presentes e relacionando seus efeitos com a qualidade de vida dos profissionais. O presente estudo foi realizado na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Municipal Universitário e Hospital do Câncer no município de Rio Verde – Goiás. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** 91,7% dos participantes da unidade HC e 85,7% do HMU declararam estar expostos a ruído perto, sendo esse ruído proveniente de equipamentos no local. Ao serem questionados sobre o bem estar no trabalho, os participantes expressaram desconforto pelo ruído hospitalar. **CONCLUSÃO:** Acima de 80% dos participantes de ambos os hospitais declararam trabalhar perto de ruídos que são provenientes da UTI e 75 % relataram que os ruídos provocam indisposição e interfere na execução de suas tarefas.

PALAVRAS-CHAVE: Ruídos, unidade de terapia intensiva, estresse, saúde.

INTRODUÇÃO

A poluição sonora ambiental está presente em quase todos os ambientes urbanos e encontram-se também nos hospitais, sobretudo nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI), onde existe maior concentração de tecnologias diagnósticas e terapêuticas, provocando níveis de ruído mais elevados decorrentes do seu funcionamento e operação. O ruído nas UTI's resulta de diversas fontes como: monitor cardíaco, respiradores, oxímetro, bomba de infusão, sistema de aspiração e incubadora, etc.

O elevado número de alarmes representa risco potencial para integridade e segurança do paciente na terapia intensiva, não apenas pelos transtornos orgânicos provocados pelos altos níveis de ruídos, como também por levar os profissionais a um processo de dessensibilização (redução do estado de alerta e da confiança no sentido de urgência desses alarmes), resultando na chamada “fadiga

de alarmes”.

OBJETIVOS

O atual estudo teve como principal objetivo analisar as manifestações clínicas produzidas por ruídos, a partir da percepção, níveis e efeitos na equipe de enfermagem da UTI do Hospital Municipal Universitário e Hospital do Câncer do Município de Rio Verde-Goiás, além de, identificar os tipos de ruídos presentes na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), avaliar os efeitos dos ruídos na qualidade de vida dos profissionais e descrever a relação do estresse com os ruídos.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados foram coletados na unidade terapia intensiva do Hospital Municipal Universitário e Hospital do Câncer de Rio Verde – Goiás – Brasil. Foram aplicados dois questionários aos profissionais técnicos de enfermagem e enfermeiros. O primeiro questionário foi aplicado afim de identificar perfil dos participantes, enquanto o segundo identificou os principais indicadores de exposição e riscos em relação aos ruídos. A análise dos dados teve como suporte a estatística descritiva, utilizando-se a distribuição da frequência. Os fatores que indicaram falta de bem estar dentro das unidades, foram analisados em relação a parâmetros de duração da exposição ao ruído e tempo de atuação.

A coleta de dados foi realizada após aprovação do projeto pela Instituição e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Rio Verde (UNIRV- Rio Verde), parecer favorável número 3.923.337 e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos sujeitos do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos participantes

Neste estudo participaram um total de 33 profissionais da área da saúde, 12 do HC e 21 do HMU.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos profissionais da saúde nas unidades HC e HMU, Rio verde, 2021.

Características	HC		HMU	
Sexo	f	%	f	%
Masculino	3	25,0	3	14,3
Feminino	9	75,0	18	85,7
Estado civil				
Casado	7	58,3	11	52,4
Solteiro	5	41,7	10	47,6
Escolaridade				
Técnico	7	58,3	17	81,0
Graduação	2	16,7	0	0,0
Pós graduação	3	25,0	4	19,0
Tempo de serviço na UTI				
Menos de um ano	4	33,3	3	14,3
Entre um e cinco anos	5	41,7	9	42,9
Entre seis e dez anos	1	8,3	5	23,8
Acima de 10 anos	2	16,7	4	19,0
Turno de trabalho				
Diurno	6	50,0	6	28,6
Noturno	5	41,7	8	38,1
Diurno-noturno	1	8,3	7	33,3
Jornada trabalho				
12 horas / 12 horas	11	91,7	13	61,9
24 horas / 24 horas	1	8,3	8	38,1
Idade				
Média (DP)	34,2 (9,42)		37,0 (7,53)	
Mediana	32		38	
Faixa etária	21-51		22-52	

Identificação dos riscos

Os participantes foram questionados sobre alguns possíveis indicadores de risco referente ao ruído no ambiente de trabalho. Quando questionados sobre a exposição ao ruído, 91,7% dos participantes da unidade HC e 85,7% do HMU declararam estar expostos a ruído perto, sendo esse ruído proveniente de equipamentos no local (Tabela 2). Nas duas unidades (58,3% no HC e 61,9% no HMU) os trabalhadores indicaram que frequência de ruído é constante e que pode durar mais de 8 horas diárias (Tabela 2). Dentro dos equipamentos o monitor paramétrico e a bomba de infusão foram identificados como os principais causadores de ruído nas duas unidades.

Tabela 2. Principais indicadores de exposição e riscos identificados pelos profissionais da saúde nas unidades HC e HMU, Rio verde, 2021.

Indicadores		HC		HMU	
		f	%	f	%
Exposição ao ruído	Ruído perto	11	91,7	18	85,7
	Equipamentos ruidosos no local	11	91,7	20	95,2
	É necessário usar protetores auditivos	4	33,3	0	0,0
Frequência de ruído no ambiente de trabalho	Sempre	7	58,3	13	61,9
	Frequente	2	16,7	5	23,8
	Às vezes	3	25,0	3	14,3
Equipamentos causadores de ruído	Monitor paramétrico	12	100,0	19	90,5
	Ventilador mecânico	8	66,7	11	52,4
	Bomba de infusão	10	83,3	16	76,2
	Air condicionado	0	0,0	9	42,9
	Gasômetro	0	0,0	3	14,3
	Rede de gases	1	8,3	5	23,8
	Televisão	1	8,3	3	14,3
	Oxímetro	0	0,0	7	33,3
Tempo de exposição diária ao ruído	4-6 horas	1	8,3	2	9,5
	6-8 horas	1	8,3	1	4,8
	Mais de 8 horas	10	83,3	18	85,7

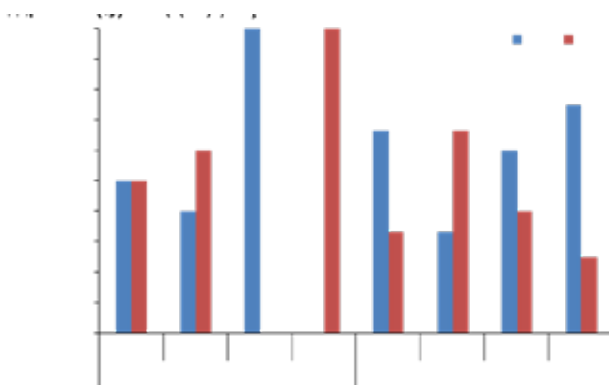
Efeitos do ruído na saúde dos profissionais

Dos participantes que consideram permanente a frequência de ruído na UTI (Tabela 2, participantes que responderam sempre à frequência de ruído), o 30,3% tem um tempo de atuação relativamente curto (1-5 anos), e o 42,4% tem uma jornada de trabalho de 12 horas no local. 33,3% de participantes do HC e 14,3% do HMU indicaram que a sua audição era ruim devido a exposição ao ruído no trabalho.

No entanto, ao serem questionados sobre o bem estar no trabalho, os participantes expressaram desconforto pelo ruído hospitalar. Questionamentos sobre a perda de concentração, de eficácia, irritação com o ruído, cansaço e qualidade de sono, entre outras foram realizadas. Mais de 70% dos participantes de cada unidade (75% dentro do HC e 71,4% dentro do HMU), afirmaram que o ruído elevado provoca mau humor e indisposição. O 51,5% dos participantes (58,3% dentro do HC e 47,6% dentro do HMU) declararam que os níveis de ruído interferem com a execução das tarefas, provocando perda da eficácia.

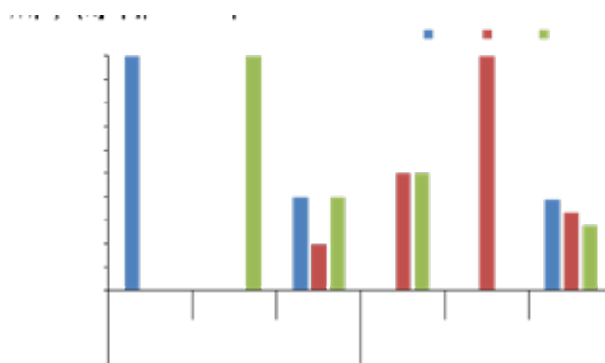
Ao agrupar os participantes por tempo de atuação dentro da UTI, foi visto que 100% dos participantes com mais de 10 anos de atuação no HC, declararam que o ruído interfere na execução das tarefas (Figura 1).

Figura 1. Percepção sobre a interferência do ruído hospitalar na execução das tarefas nos profissionais da saúde, com diferentes tempos de atuação nas UTI HC e HMU.



Outro fator importante a ser considerado dentro do bem estar dos funcionários, é a percepção de cansaço causada pela exposição ao ruído. No HMU 38,1% dos profissionais afirmaram que o ruído dos equipamentos produz cansaço, enquanto que nos participantes do HC, 41,7% declarou que as vezes o ruído pode gerar este desconforto. Analisando as frequências de percepção do cansaço nos participantes de acordo com o tempo de exposição diário ao ruído, foi visto que de 6-8 horas de ruído, houve uma maior incidência de sentimento de cansaço, sendo que no HC 100% dos funcionários com estas horas de exposição declararam que as vezes podem sentir cansaço, enquanto no HMU o 100% afirmou se sentir cansado.

Figura 2. Percepção da influência do ruído hospitalar no cansaço nos profissionais da saúde, com diferentes tempos de exposição nas unidades do HC e HMU.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os dois hospitais utilizados para o estudo (HC e HMU), acima de 80% dos participantes (em ambos) declararam trabalhar na presença de ruído perto, com 42,5% realizando jornada de 12 horas. 33,3% de participantes do HC e 14,3% do HMU indicaram que a sua audição era ruim devido a exposição ao ruído no trabalho. Mais de 70% dos participantes de cada unidade (75% dentro do HC e 71,4% dentro do HMU), afirmaram que o ruído elevado provoca mau humor e indisposição. No grupo de participantes que atuam há mais de 10 anos, 100% deles declararam que o ruído interfere na execução de tarefas. Esse resultado diminui para 60% dentro os participantes entre 1 e 5 anos. Além disso, aproximadamente 40% dos participantes dos dois hospitais julgaram que o ruído gera cansaço e desconforto.

MANIFESTAÇÕES DERMATOLÓGICAS EM PACIENTES DURANTE A INFECÇÃO PELA COVID-19

Milena Souza Lopes¹; Eduardus Parente Domingues²; Cristhiane Campos Marques³.

¹Acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde, Rio Verde –GO, Brasil
milenasouzalopes@gmail.com.

²Acadêmico na Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde, Rio Verde –GO, Brasil.

³Docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde, Rio Verde –GO, Brasil
ccmarques@uol.com.br.

RESUMO

OBJETIVO: Analisar a ocorrência e as principais manifestações dermatológicas nos pacientes infectados pela COVID-19. **METODOLOGIA:** Uma revisão integrativa da literatura médica atual, através de artigos, estudos descritivos e observacionais, fez-se pesquisas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), PubMed e Web of Science. Utilizando o termo “COVID-19” em combinação com “dermatologia” e “manifestações cutâneas”, selecionou-se 14 contribuições, incluindo todos os relatórios clínico-patológicos. Os critérios de inclusão foram artigos divulgados entre 2020 a 2022, relacionados aos objetivos propostos. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** De acordo com estudos clínicos, a urticária pode ser o primeiro sinal da COVID-19 e está associada a doença relativamente leve. Ademais, há associação significativa entre urticária e sintomas gastrointestinais. Além dela, erupções vesiculares também podem aparecer e há uma possível ligação com sintomas neurológicos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Concluiu-se que manifestações dermatológicas podem surgir em pacientes infectados com o SARS CoV-2. Desse modo, a urticária e as erupções vesiculares são as mais prevalentes e elas também podem agravar outros sintomas. Portanto, o reconhecimento das manifestações cutâneas associadas pelo coronavírus pode ajudar a estabelecer um diagnóstico precoce nas fases iniciais da doença, para que sejam identificados potenciais transmissores assintomáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus; Manifestações Cutâneas; Dermatologia.

INTRODUÇÃO

Em 2019, em Wuhan, China, houve um crescente número inexplicável de pneumonia e a partir do isolamento do vírus em amostras do trato respiratório inferior de pacientes infectados, foi descoberto um novo tipo de coronavírus (SARS-CoV-2), no qual a doença resultante foi denominada Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). Devido a sua facilidade de disseminação e contaminação foi declarada uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional pela Organização

Mundial da Saúde (OMS), apresentando um grande desafio para a saúde comunidades em todo o mundo.

Nesta doença, as manifestações mais comuns são de comprometimento pulmonar, porém quando se trata das extrapulmonares, as lesões cutâneas vêm sendo abordadas frequentemente em relatos de casos e artigos. Sabe-se que lesões dermatológicas são bem conhecidas por ocorrerem no cenário de doenças virais, como na dengue e no sarampo e, devido a isso, essas manifestações têm valor diagnóstico ou prognóstico.

Na COVID-19, os sinais cutâneos foram relatados em vários pacientes, sendo a urticária, erupções vesiculares e a hipersensibilidade as mais prevalentes. A fisiopatologia delas ainda é inconclusiva, mas não se pode excluir possíveis etiologias alternativas como relação entre infecções virais, resposta imune ou reações medicamentosas.

Desse modo, a dermatopatologia pode ser fundamental para diferenciar lesões clinicamente semelhantes em doentes e aprofundar a compreensão dos mecanismos patogénéticos efetivamente associados à COVID-19.

OBJETIVO

Analisar a ocorrência e as principais manifestações dermatológicas nos pacientes infectados pela COVID-19.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para alcançar o objetivo proposto – Analisar a ocorrência e os fatores que desencadeiam manifestações cutâneas nos pacientes portadores de COVID-19 –, foi realizada uma revisão integrativa da literatura médica atual por meio de artigos, estudos descritivos e observacionais relevantes para o tema. O trabalho seguiu as recomendações do relatório *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-analyses* (PRISMA). Assim, fez-se pesquisas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da saúde (LIACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed e Web of Science. Utilizando o termo “COVID-19” AND “SARS-CoV-2” em combinação com “dermatologia”, “pele”, “manifestações cutâneas” e “manifestações dermatológicas”, para coletar documentos que descrevem manifestações cutâneas em pacientes contaminados pelo SARS-CoV-2. Selecionou-se 14 contribuições, incluindo todos os relatórios clínico-patológicos. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos 2 anos, entre 2020 a 2022 que abordassem os objetivos previamente propostos pelo trabalho. Os critérios de exclusão foram monografias, trabalhos de conclusão de curso e resumos apresentados em congresso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As manifestações cutâneas são importantes no diagnóstico de várias doenças infecciosas, como na dengue e no sarampo. Tendo em vista que alguns casos de COVID-19 são assintomáticos,

quando surgem indicativos dermatológicos eles podem servir como um sinal de infecção, auxiliando no diagnóstico oportuno.

De acordo com estudos clínicos, a urticária pode ser o primeiro sinal da COVID-19. As características clínicas não diferem muito daquelas da urticária idiopática e geralmente consistem em pápulas pruriginosas. Em média, a urticária dura uma semana e está associada a doença relativamente leve. Algumas lesões apareceram antes do início da febre, enquanto outras em combinação com pirexia e tosse. As características histológicas também imitam as da urticária idiopática e, portanto, limitam o valor da biópsia de pele.

Em uma revisão sistemática realizada na Itália, de 895 pacientes com COVID-19, 12% apresentavam lesões de urticária, e em 16% desses esta começou antes do início dos outros sintomas de COVID-19, indicando um achado para o diagnóstico em contextos clínicos apropriados e podendo auxiliar a orientar os testes iniciais. Ademais, uma análise de 200 pacientes com COVID-19 encontrou uma associação significativa entre urticária e sintomas gastrointestinais, o que poderia auxiliar os médicos em seu manejo antecipado.

A explicação fisiopatológica é devido ao SARS-CoV-2 induzir direta e/ou indiretamente a ativação de mastócitos e basófilos. Desse modo, lesões persistentes de início tardio provavelmente estão relacionadas à ativação geral do sistema imunológico, confirmada pela associação com vasculite e ausência de eosinófilos no infiltrado, com dermatite de interface espongiótica ou liquenóide.

Além da urticária, vesículas também podem indicar a doença. Erupções vesiculares na COVID-19 foram descritas em distribuições localizadas e difusas. O padrão localizado é caracterizado por vesículas monomórficas no mesmo estágio de evolução que estão confinadas ao tronco. Mas o padrão difuso pode ser mais comum. Um estudo de coorte relatou que foi responsável por 18 (75%) de 24 casos. O padrão difuso consiste em pápulas polimórficas, vesículas e pústulas que se desenvolvem simultaneamente no tronco e se espalham distalmente, às vezes envolvendo as palmas das mãos e plantas dos pés que tendem a desaparecer após cerca de 8 dias. Além disso, uma revisão sistemática realizada no Irã relatou uma possível ligação entre erupções vesiculares e sintomas neurológicos, incluindo cefaleia, disgeusia, irritabilidade e confusão.

Outrossim, no Reino Unido foi realizado um estudo com 336.847 pessoas, no qual observou-se que 17% dos casos positivos para SARS-CoV-2 relataram erupções cutâneas como primeira apresentação e 21% como o único sinal clínico de COVID-19, além dela ser mais preditiva do que a febre. Além disso, uma análise de 296 pacientes hospitalizados com COVID-19 nos Estados Unidos constatou que os achados mucocutâneos estavam associados à necessidade de ventilação mecânica, mesmo quando ajustados para idade, índice de massa corporal e comorbidades.

Desse modo, é de extrema importância a observação de manifestações cutâneas, tanto dentro como fora do hospital; pelo médico através de um exame físico completo no paciente, com ênfase na inspeção e; pelo próprio indivíduo, observando se surgiram indicativos dermatológicos no seu próprio corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, observa-se que a sintomatologia da COVID-19 ainda é bastante incerta, já que o coronavírus não se manifesta apenas com sintomas respiratórios, mas existem diversos sinais e sintomas em estudos que podem ser associados a este vírus, como nas manifestações dermatológicas, principalmente no surgimento de urticária e de erupções vesiculares. Na grande maioria dos sintomas, os mecanismos fisiopatológicos subjacentes não são totalmente compreendidos, embora achados histopatológicos possam adicionar dados relevantes, principalmente relacionados às respostas de reações imunológicas.

Ademais, observou-se a relação de manifestações cutâneas com a possibilidade do agravamento de outros sintomas, como com o aparecimento de lesões urticariformes podendo anteceder sintomas gastrointestinais da doença; e erupções vesiculares, que podem estar relacionadas a sintomas neurológicos, incluindo cefaleia, disgeusia, irritabilidade e confusão.

Conclui-se que, é de extrema importância o reconhecimento das manifestações cutâneas associadas à COVID-19, pois podem ajudar a estabelecer um diagnóstico precoce nas fases iniciais da doença por dermatologistas e profissionais da atenção primária, possibilitando a oferta de medidas de suporte em momento oportuno e evitando a sobrecarga de níveis mais especializados de atenção à saúde e, também, que sejam identificados potenciais transmissores assintomáticos.

PANDEMIA E DIABETES MELLITUS TIPO 1 EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Eduarda da Silva Farias¹; Paloma Divino Scheffer²; Ana Beatriz Viana Gouvea³; Eloísa Corrêa Damacena⁴; Marianna Silva Lima⁵; Lidiane Bernardes Faria Vilela⁶

^{1, 2, 3, 4, 5}Graduando em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde - UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil. mariaesfarias@academico.unirv.edu.br

⁶Orientadora. Nutricionista. Doutora em Ciências Médicas. Professora Titular da Universidade de Rio Verde - UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

RESUMO

Objetivos: Avaliar o surgimento e a complicação da Diabetes Mellitus Tipo 1 em crianças e adolescentes durante a pandemia de Covid-19. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura utilizando artigos originais nas bases de dados científicas Online Scientific Eletronic Library (SCIELO), United States National Library of Medicine (PUBMED) e Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS). Os descritores utilizados foram: “Diabetes Mellitus Type 1”, “Children” e “COVID-19”. Os critérios de inclusão foram artigos completos e gratuitos publicados nos últimos dois anos. Os critérios de exclusão foram estudos duplicados e que não correspondiam à temática. Após a seleção, oito artigos foram explorados neste trabalho. **Resultados e Discussão:** Identificou-se o aumento de diabetes mellitus tipo 1 em menores de 18 anos durante a pandemia, juntamente com o aumento da cetoacidose diabética (CAD) nesse mesmo público. O surgimento da diabetes em pacientes infectados por Covid-19 pode estar relacionado ao efeito viral nos sistemas relacionados à diabetes. Já a incidência de CAD pode ser pelo distanciamento dos serviços de saúde. **Conclusão/Considerações Finais:** É fundamental investigar quadros de diabetes em crianças e adolescentes infectados pela Covid-19 e realizar uma conduta adequada para prevenir distúrbios metabólicos a longo prazo.

INTRODUÇÃO

A epidemia do SARS-CoV-2 se iniciou no final de 2019, gerando a síndrome do desconforto respiratório. No início de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou uma emergência internacional de saúde pública. Sabe-se que algumas condições aumentam o risco de vida do paciente, como idade avançada, cardiopatias, doenças cerebrovasculares, hipertensão, obesidade e diabetes. Um estudo mostrou que 60% dos pacientes graves pela Covid-19 eram diabéticos, gerando um aumento de 90% de risco de mortalidade e 175% de risco à gravidade da doença. Notou-se que as crianças são as menos afetadas tanto em frequência quanto em gravidade e correspondem entre 1 a 5% dos pacientes.

O diabetes mellitus tipo 1 (DM1) constitui aproximadamente 5% de todos os diabetes mellitus, é uma doença autoimune desencadeada por interações genéticas, ambientais e imunológicas. Ocorre

uma resposta necroinflamatória nas ilhotas pancreáticas, com destruição irreversível das células beta produtoras de insulina. Alguns estudos investigaram a relação entre o vírus SARS-CoV-2 e a incidência de DM1, já que essa doença tem associações etiológicas e de gravidade com outras infecções virais, como o enterovírus, caxumba e citomegalovírus. A fisiopatologia dessa associação se deve ao mimetismo molecular do vírus e aos fatores inflamatórios do hospedeiro.

A pandemia também impactou negativamente pacientes não infectados pela Covid-19. Relatos mostram que o medo da contaminação pelo vírus pode ter reduzido acentuadamente a busca por atendimento e cuidado médico, agravando as condições clínicas de pacientes com outras comorbidades, como DM1. Em consequência disso, diagnósticos atrasados e doenças em estágios graves foram identificadas, como o aumento nos casos de cetoacidose diabética no início do diabetes tipo 1 em crianças e adolescentes. Além disso, um estudo mostrou que durante a pandemia, o número de admissões no pronto-socorro por cetoacidose diabética aumentou 70%. Dessa forma, percebe-se que a infecção pelo SARS-CoV-2 gerou uma descompensação metabólica em diabéticos do tipo 1 e aumentou a incidência dessa comorbidade, principalmente em pacientes mais jovens.

OBJETIVOS

Avaliar o surgimento e a complicação da Diabetes Mellitus Tipo 1 em crianças e adolescentes durante a pandemia de Covid-19.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa de literatura utilizando artigos científicos originais sobre a influência da pandemia de Covid-19 no surgimento e na complicação da Diabetes Mellitus Tipo 1 em crianças e adolescentes. Efetuou-se a busca eletrônica nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), United States National Library of Medicine (PUBMED) e Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS). Os descritores utilizados foram: “Diabetes Mellitus Type 1”, “Children” e “COVID-19”. Os critérios de inclusão foram artigos completos e gratuitos publicados nos últimos dois anos. Os critérios de exclusão foram estudos que não correspondiam à temática e artigos duplicados. Primeiramente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos de 20 artigos para a pré-seleção a partir dos critérios de seleção estabelecidos. Posteriormente, foram selecionados nove artigos para a leitura na íntegra, dos quais, um foi excluído por apresentar tema não pertinente à revisão. Ao final, oito artigos foram explorados neste trabalho nos idiomas inglês e espanhol.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O coronavírus é constituído de uma fita simples de RNA envolvida por um envelope contendo a proteína spike (S), que regula a entrada nas células alvo, facilitando a ligação ao receptor da enzima conversora de angiotensina 2 do hospedeiro (ACE2). Durante a infecção, há uma liberação de

interferons tipo 1 e fatores inflamatórios, que potencializam a ação dos macrófagos e das células natural killer. Já na fase progressiva da infecção, o sistema imune adaptativo neutraliza as glicoproteínas do envelope viral por meio dos anticorpos monoclonais produzidos pelas células T CD4 + e destroem as células infectadas por meio dos T CD8 +. Contudo, durante a fase aguda da infecção, o SARS-CoV-2 invade as células T CD4+ e T CD8+, levando a apoptose e linfocitopenia, um sinal de mau prognóstico.

Estudos apontam que houve um aumento de diabetes mellitus tipo 1 pediátrico durante a pandemia. Uma porcentagem desses novos casos ocorreu em pré-diabéticos, o que é visto em um a cada cinco adolescentes nos Estados Unidos. Outro estudo constatou uma forte relação entre a infecção pelo novo coronavírus e o surgimento de diabetes mellitus tipo 1 em crianças e em outras populações de risco, como índios nativos do Alasca, asiáticos e negros. A relação de diabetes e Covid-19 pode estar relacionada aos efeitos do vírus nos sistemas envolvidos ao risco de diabetes.

O SARS-CoV-2 entra nas células por meio do receptor ACE2, expresso no pâncreas juntamente com outros receptores de entrada para o antígeno. Logo, estudos apontam que o vírus pode infectar diretamente o pâncreas, diminuindo a produção de insulina e apoptose das células beta. Conforme essas células são destruídas, a disseminação do vírus colabora para um feedback positivo de ativação de células T CD8 + e maior produção de autoanticorpos para as células das ilhotas pancreáticas. Além disso, a diabetes recém-diagnosticada em pacientes com Covid-19 pode estar relacionada ao tratamento com glicocorticóides e ao efeito diabetogênico do vírus. Essa última característica se apoia no fato de que há uma necessidade alta de insulina em pacientes com Covid-19 grave ou em condições críticas com diabetes. Desta forma, há uma deficiência na secreção de insulina e uma certa resistência à insulina, principalmente na doença grave. Essa última, pode ocorrer tanto por um defeito próprio no receptor de insulina quanto pela interferência de sinalização do receptor causada pelo vírus.

Observou-se um aumento da frequência e da gravidade de cetoacidose diabética (CAD) em crianças e adolescentes com DM1 recente em um hospital de referência no sudeste do Brasil durante a pandemia. Estudos mostram que os casos de CAD com controle glicêmico inadequado foram a principal causa de internação desses pacientes. A cetoacidose diabética foi definida por um nível de pH menor que 7,3 e/ou bicarbonato menor que 15 mmol/L e a CAD grave como pH menor que 7,1 e/ou bicarbonato menor que 5 mmol/L. É uma complicação principalmente da DM1, gerada pela deficiência de insulina que causa um excesso de produção de cetona. Ao analisar dados de 532 crianças e adolescentes com DM1, o estudo identificou 238 pacientes com CAD e 103 pacientes com CAD grave entre março e maio de 2020, sendo a frequência dessa complicação duas vezes maior em relação aos dois anos anteriores. Houve também o aumento significativo das chances de desenvolver CAD após o diagnóstico de Covid-19 nos pacientes com DM1 pré-existente.

Algumas pesquisas mostram que há uma relação entre a gravidade da pandemia e a cetoacidose, já que durante o aumento do número de casos novos e óbitos por Covid-19, houve também o maior risco de CAD. Devido à rápida disseminação do vírus e o medo gradativamente maior da contaminação, notou-se a queda significativa de crianças nos serviços de saúde. Sabe-se que o desenvolvimento de

CAD é gerado pelo atraso no diagnóstico e tratamento de pacientes com DM1. Com isso, pode-se dizer que a ansiedade e a insegurança da população prejudicaram o atendimento em saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário pandêmico favoreceu tanto a descompensação metabólica quanto o surgimento de diabetes mellitus tipo 1 em crianças e adolescentes. A diabetes mellitus tipo 1 recém-diagnosticada em pacientes com Covid-19 pode apresentar mau prognóstico. Logo, o tratamento precoce e a monitorização adequada previne distúrbios metabólicos a longo prazo. É fundamental o estudo adicional da fisiopatologia da diabetes mellitus tipo 1 relacionada às complicações causadas pela própria infecção por SARS-CoV-2, para compreender se a DM1 associada à Covid-19 é uma condição transitória ou crônica. De acordo com a pesquisa realizada, a gravidade da pandemia parece ser o principal motivo para o aumento da cetoacidose diabética e atraso de cuidados médicos em crianças e adolescentes, principalmente pelo estresse individual e/ou social. A ocorrência de CAD é evitável se as diretrizes de gerenciamento dos dias de risco da doença pelo coronavírus forem seguidas e as visitas clínicas e a telemedicina forem utilizadas. É imprescindível o rastreamento, pelos profissionais de saúde, de sintomas de diabetes em pacientes menores de 18 anos com histórico de infecção por SARS-CoV-2. Os sintomas podem ser de polaciúria, polidipsia, polifagia, perda de peso, cansaço, dor de estômago e náuseas ou vômitos.

REPERCUSSÕES CLÍNICAS DA OBESIDADE EM PACIENTES GESTANTES

Carolina de Paula Andrade¹; Lara Miranda Cruvinel²; Maynara Vieira Simão³; Rafaela Pereira Nascimento⁴; Railton Matheus Oliveira Douro⁵; Ana Cecília Johas Marques da Silveira Leão Vaz⁶.

^{1,2,3,4,5} Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil.

⁶Graduada em Medicina pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro (2015). Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Pós graduada em Endocrinologia e Metabologia pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

RESUMO

OBJETIVOS: Avaliar a obesidade em gestantes e o seu impacto clínico na vida da mulher. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa, com a busca de dados eletrônicos nas bases: PubMed, UpToDate. Os critérios de inclusão foram artigos dos últimos 5 anos, nos idiomas português e inglês, e os de exclusão foram artigos que não apresentavam essa metodologia e a área de interesse em questão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A obesidade é uma doença crônica definida pelo acúmulo excessivo de tecido adiposo, e tem se tornado prevalente em mulheres no período gestacional. Essa patologia é avaliada através do IMC (Índice de Massa Corpórea), sendo que a partir de 30 já é considerado obesidade. Esse distúrbio gera consequências prejudiciais para a saúde da mãe, como o desenvolvimento de outras doenças, como o diabetes mellitus, hipertensão, tromboembolismo venoso. Além disso, pode ter impacto durante o parto, como o prolongamento deste, lacerações no períneo, infecções puerperais e maior possibilidade de ser realizada uma cesariana. **CONCLUSÃO:** O aumento de gestantes com sobrepeso vem aumentando ao longo dos anos, e isso tem refletido em complicações durante a gestação, no parto e após deste, prejudicando a saúde da mãe e do conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Obesidade; Gravidez de alto risco; Obesidade materna.

INTRODUÇÃO

A gestação é um período que envolve mudanças fisiológicas na mulher, associada à transformações físicas, sociais e emocionais. O estado gravídico acarreta eventos metabólicos com os níveis elevados de hormônios reprodutivos, como a progesterona e estrogênio, que levam a alterações no apetite, humor, sonolência e indisposição.

A obesidade é o problema de saúde mais comum na idade reprodutiva, que além de riscos significativos para a mulher e o bebê durante a gestação, também repercute em resultados negativos para ambos após o parto. O IMC (Índice de Massa Corporal), definido como a divisão do peso em

quilogramas pelo quadrado da altura em metros, é utilizado para classificar a população quanto a faixa de peso em que se encontra.

A obesidade na gravidez é definida como um IMC maior ou igual a 30 Kg/m^2 na primeira consulta pré-natal e possui uma subclassificação em classe I ($30\text{-}34,9 \text{ Kg/m}^2$), classe II ($35\text{-}39,9 \text{ Kg/m}^2$) e III ($\geq 40 \text{ Kg/m}^2$). A sua etiologia é multifatorial e está relacionada à alterações fisiológicas endócrinas do corpo, predisposição genética e devido à ingestão calórica desequilibrada e ao sedentarismo.

Dados do Ministério da Saúde, em 2020, mostram que de um total de 892.980 gestantes acima de 20 anos, acompanhadas na Atenção Primária, 508.048 apresentaram sobrepeso e obesidade, representando 56,9%.

É essencial a orientação e avaliação nutricional das gestantes para a prevenção da obesidade. A hipertensão arterial induzida na gestação é a complicação mais comum desse período e também uma das principais causas de morbimortalidade materna e neonatal, e está associada ao ganho de peso excessivo. O risco de pré-eclâmpsia é dobrado para cada aumento de 5 a 7 no IMC.

A obesidade está associada à diversas alterações no organismo, tanto inflamatórias quanto metabólicas, sendo evidenciado que o balanço energético positivo crônico leva ao aumento do armazenamento de triglicerídeos e hipertrofia dos adipócitos. O tecido adiposo secreta citocinas que possuem papel importante no desenvolvimento da resistência à insulina, afetando o metabolismo glicídico, proteico e lipídico. Estudos evidenciaram que mulheres obesas têm até 4 vezes mais chances de ter diabetes gestacional do que em mulheres com peso adequado. Além disso, nesse grupo de gestantes, há indícios de depressão, ansiedade acompanhadas de insatisfação corporal e compulsão alimentar em grávidas com obesidade. A obesidade também é um fator de risco para tromboembolismo venoso, sendo 4 vezes maior entre parturientes com IMC de 40. Ademais, a amamentação é prejudicada por fatores que incluem um alto nível de progesterona, que dificulta o declínio desse hormônio que leva à lactogênese, dificuldade de pega a mamas grandes e depressão em grávidas com obesidade.

Segundo pesquisas, a obesidade pode afetar na realização da ultrassonografia, pois prejudica a visualização da anatomia fetal, com baixa qualidade da imagem, dificultando a interpretação clínica. Isso ocorre em razão da baixa penetração das ondas sonoras no tecido adiposo.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, a criança que nasce da mãe portadora de obesidade, pode apresentar macrosomia (peso de 4.000 gramas ao nascer), lesão nervosa dos ombros, anomalias congênitas, hipoglicemia e apresenta um risco de desenvolver doenças cardiovasculares e diabetes.

A gestante deve ter uma alimentação balanceada, então recomenda-se que as eutróficas ganhem 420 gramas por semana e as obesas 220 gramas por semana. Os filhos de mulheres que ganham peso dentro dos limites têm maiores chances de nascerem com o peso adequado. É importante a prática de atividades físicas, que auxiliam na redução do tempo de trabalho de parto, da recuperação pós-parto, das taxas de colesterol, ajuda na manutenção do peso após o parto e nos sintomas depressivos.

OBJETIVOS

Avaliar a obesidade em gestantes e, conseqüentemente seu impacto clínico na vida da paciente.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de natureza qualitativa, por meio de coleta de dados eletrônicos nas bases de dados: PubMed, UpToDate, nas quais foram utilizados os descritores “Obesidade na Gravidez”, “Complicações na Gestação” e “Gestação de Alto Risco”. Assim, os critérios de inclusão foram artigos com recorte temporal dos últimos 05 anos, nos idiomas português e inglês. Os critérios de exclusão foram artigos que não apresentavam metodologia, linguagem adequada e não abordavam a área de interesse. Após o levantamento dos dados, fez-se interpretação e análise das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obesidade é uma doença crônica em que há acúmulo excessivo de tecido adiposo no organismo. O excesso de peso tem se tornado um grande problema de saúde pública, o qual, a prevalência está aumentando nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, como o Brasil, tendo reflexo nas gestantes, que fisiologicamente, ganham peso neste período de suas vidas. O IMC da gestante é avaliado tendo a idade gestacional do feto como referência. Os menores valores de cada categoria correspondem ao IMC na 6ª semana da gestação e, o maior, na 42ª semana.

Um aspecto importante é que o sobrepeso/obesidade está relacionado com o peso ponderal excessivo. Estudos com delineamento para avaliação nutricional de gestantes de alto risco, verificou que o grupo sobrepeso/obesidade apresentou maior proporção de ganho de peso excessivo ($p < 0,001$), que ainda reforça o alerta do ganho exagerado de peso materno em decorrência do risco de complicações no parto e puerpério.

Segundo a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, no Brasil, cerca de 20% das mulheres são obesas e mais da metade tem sobrepeso. Na concepção, a mulher obesa tem maiores riscos de infertilidade, uma vez que o excesso de peso aumenta a produção de insulina, que age no ambiente ovariano gerando acúmulo de hormônios masculinos. Além disso, apresentam maior risco de abortamento e insucesso nos tratamentos sobre infertilidade.

A obesidade em gestantes, traz como conseqüências, um risco maior de desenvolver doenças caracterizadas coletivamente como ‘síndrome metabólica’. Pode-se citar o diabetes mellitus, hipertensão, hiperlipidemia, doença cardíaca degenerativa e hiperuricemia. Acrescenta-se a esses, um estado trombótico, próprio da gravidez, em que há um aumento na concentração plasmática de fatores de coagulação, como o I, VII, VIII e o X, com diminuição da proteína S e inibição da fibrinólise. Dessa forma, a obesidade aumenta o risco de trombose por aumento dos fatores VIII e IX, mas não do fibrinogênio.

No parto pode-se apresentar um trabalho de parto prolongado, lacerações no períneo, infecções puerperais e maior possibilidade de parto por cesariana. Enquanto o feto apresenta maiores riscos para morte fetal e anomalias congênitas, como também, um maior risco de apresentarem dislipidemia, hipoglicemia neonatal, trauma, defeitos no tubo neural, prematuridade, sofrimento fetal e risco de aspirar mecônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se uma alta prevalência de mulheres em idade fértil e consequentemente gestantes com sobrepeso. Essa variável mostrou estar diretamente relacionada a complicações para engravidar como também intercorrências gestacionais, sendo relacionadas ou não com a gestação. Além disso, o excesso de peso está relacionado a complicações do trabalho de parto e acúmulo de peso no pós-parto.

TRABALHOS APRESENTADOS NA MODALIDADE ORAL - RESUMO SIMPLES

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Bianca Costa Fadini¹; Bárbara Xavier Lopes²; Louise Fagundes Ribas Souza³; Pedro Vieira dos Anjos Neto³; Thays da Silva Queiroz³; Lara Cândida de Sousa Machado⁴.

¹Acadêmico de Medicina, Universidade de Rio Verde; Email: biancacostafadini@hotmail.com

²Acadêmico de Medicina da Universidade de Rio Verde-Campus Goianésia

³Acadêmico de Medicina, Universidade de Rio Verde;

⁴Prof.^a Orientadora Mestra da Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde. Email: Email:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: Desde o final de 2019, o mundo mudou devido a disseminação do Coronavírus causador da doença infecciosa Covid-19, responsável pela pandemia que afetou principalmente a saúde mental das crianças em razão de ser a fase da formação cognitiva. **OBJETIVOS:** Descrever e compreender a relação entre o isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 com o desenvolvimento psicossocial de crianças durante esse período. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, por meio de uma revisão integrativa da literatura médica atual. A busca das produções científicas foi realizada na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine/ National Institutes of Health dos EUA (PUBMED). Foram utilizadas, para a busca dos artigos, as palavras-chave: “pandemia” and “crianças” and “Covid-19” and “Psychological disorders” extraídas dos descritores em ciências da saúde (DECS) e medical subject headings (MESH). Os artigos encontrados passaram por uma triagem, foram copiados das bibliotecas virtuais e seus dados foram analisados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os estudos analisados demonstram que o confinamento domiciliar gerou múltiplos estímulos de estresse como a perda da rotina e o estabelecimento de hábitos não saudáveis, dentre eles, maus hábitos alimentares, padrões de sono irregulares, sedentarismo e o aumento do uso de telas. Além disso, o afastamento do convívio com outras crianças apresentou sobrecarga psicológica e reações a esse estresse foram manifestadas, como o medo, a ansiedade, a tristeza e o tédio. Observou-se também que muitas dessas reações possuem relação com antecedentes de transtornos psicológicos de hiperatividade, depressão e ansiedade. **CONCLUSÃO:** Portanto, o desenvolvimento psicossocial de crianças durante a pandemia está relacionado a fatores estressantes decorrentes do distanciamento social. Associam-se a esses fatores, o desenvolvimento de hábitos não saudáveis e também os antecedentes de transtornos psicológicos no período pré-pandemia. Pode-se complementar, que é necessário uma maior investigação sobre o assunto, uma vez que é de grande relevância e foram encontradas poucas referências que atendam aos critérios de inclusão da pesquisa. Dessa forma, conclui-se que os objetivos propostos inicialmente nesse projeto foram alcançados.

COBERTURA VACINAL DE TUBERCULOSE E POLIOMIELITE NO ESTADO DE GOIÁS DE 2018 A 2021

Ana Terezinha Mesquita de Miranda Macedo¹, Ana Paula Alves Gouveia², Débora Rosa Pereira da Mota Salomão³, Patrícia Gouveia Appollonio⁴, Renata Dias Furtado Mendonça⁵; Lara Cândida de Sousa Machado⁶.

^{1,2,3,4,5}Graduandos em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde - UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

⁶Enfermeira. Mestre em Ciências Ambientais e da Saúde pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) Goiânia, Goiás, Brasil.

INTRODUÇÃO: A vacinação é uma das ações mais efetivas na eliminação e controle de doenças transmissíveis e determinante na redução da morbimortalidade. No Brasil, o Programa Nacional de Imunizações oferece amplo leque de vacinas, disponibilizadas nos serviços públicos de saúde de todo o território nacional. **OBJETIVO:** Descrever e avaliar a cobertura vacinal das vacinas de tuberculose e poliomielite no estado de Goiás entre os anos de 2018 a 2021. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo transversal descritivo baseado em dados dos anos de 2018 a 2021 obtidos através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Em 2018 a cobertura vacinal da poliomielite foi de 85,54%, ao passo que nos anos de 2019 a 2021 foi de 81,52%, 77,92%, e 72,30%. Já para a vacina de tuberculose, nos períodos de 2018 a 2021 foi de 93,58%, 86,73%, 78,08% e 71,51%. **CONCLUSÃO:** Houve uma redução gradual e significativa na cobertura das duas vacinas em Goiás, estando as mesmas, inferiores às metas estabelecidas. Essa redução na cobertura vacinal traz de volta doenças erradicadas no Brasil. Entre as possíveis causas para isso, está a diminuição da percepção de risco dessas doenças ocasionado pelo próprio sucesso vacinal, que atingiu o controle de doenças por um longo período. Embora a cobertura vacinal seja uma das formas mais eficazes de prevenir doenças imunopreveníveis, a recusa dos em garantir este direito básico pode ocasionar em sérios danos a criança e a sociedade, podendo levar à morte ou sequelas permanentes por toda a vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Cobertura Vacinal; Tuberculose; Poliomielite.

IMPACTO DAS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DA ESOFAGITE EOSINOFÍLICA NO DESENVOLVIMENTO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS

JÚNIOR, A. A. A.¹; RODRIGUES, G. R.²; FONSÊCA, C. V. B.³; FONTANA, A. P.⁴

¹Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil, e-mail adelzijunior1@live.com.

²Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO.

³Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO.

⁴Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil, e-mail fontana@unirv.edu.br.

INTRODUÇÃO: A Esofagite Eosinofílica (EEo) é caracterizada histologicamente pela infiltração de eosinófilos na mucosa do esôfago. Definida por uma grande abrangência clínica, como impactação alimentar, pirose e disfagia; acomete desde crianças a idosos. No que tange à crianças em fase de desenvolvimento, apresenta manifestações que impactam no seu progresso. **OBJETIVOS:** Verificar os impactos das manifestações clínicas da Esofagite Eosinofílica no desenvolvimento de pacientes pediátricos. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, baseada na pergunta de pesquisa “quais os impactos das manifestações clínicas da esofagite eosinofílica (I) no desenvolvimento (Co) de pacientes pediátricos (P)?”. As buscas foram realizadas na PubMed, LILACS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizados os unitermos: “esofagite eosinofílica” AND “manifestações clínicas” e as estratégias de busca recomendadas para cada base. Foram selecionados artigos publicados em inglês e português sem limitação de tempo, que abordassem o contexto mencionado. Após o levantamento, as duplicatas foram excluídas, e os títulos e resumos foram avaliados, seguindo os critérios de inclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Na EEo, a exposição da mucosa a inflamação crônica produz alterações histológicas que impactam no trânsito gastrointestinal. Em crianças a sintomatologia inclui êmese, impactação e dor abdominal. Os portadores de EEo estarão sujeitos a um severo processo de dificuldade alimentar, que pode evoluir para o estreitamento do calibre esofágico; com uma dieta restrita isso finda em uma carência nutricional que pode levar a má progressão estado-ponderal. Devido a abrangência inespecífica dos sintomas, que se assemelham a outras condições, o diagnóstico torna-se muitas vezes subnotificado; assim, com o atraso no início do tratamento, a criança estará sujeita a variadas crises, estabelecendo uma relação de desconforto com a prática alimentar. Isso impacta em aspectos psicológicos da formação de pacientes pediátricos; devido à dificuldade alimentar terão, também, o seu desenvolvimento social prejudicado, se tornando ainda mais retraídos e avessos à socialização. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as manifestações clínicas da Esofagite Eosinofílica impactam o desenvolvimento de pacientes pediátricos, podendo retardar a evolução estado-ponderal e levar a inibição social em crianças, devido à restrição alimentar característica de sua sintomatologia - que permite uma maior exposição dos pacientes a carência nutricional.

IMPACTO PSICOLÓGICO NA REPRODUÇÃO HUMANA

Lara Juliana Henrique Fernandes¹, Marconi de Paiva Manzi Filho², Gilson Batista Sousa Junior², Pedro Vitor Almeida Cruz², Weder Silva Borges Junior² e Waldemar Naves do Amaral³

¹Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia-GO, Brasil - larajhfernandes2001@gmail.com

²Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia-GO, Brasil

³Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia-GO, Brasil - waldemar@sbus.org.br

INTRODUÇÃO: A necessidade de procriar é vista há séculos, seja por desejo intrínseco ou por convenção social. Contudo, muitos casais não conseguem dar fim a esse desejo, o que gera nas mulheres, muitas vezes, a sensação de precisar ser mãe para ser mulher, e no sexo masculino, uma masculinidade afetada por não se considerar homem o bastante para procriar. Assim, é necessário analisar o aspecto psicológico na reprodução humana. **OBJETIVOS:** Identificar o impacto psicológico da reprodução humana assistida no âmbito da infertilidade. **MÉTODOS:** Foi realizada a revisão narrativa das literaturas na base eletrônica ScienceDirect, Scielo e PubMed, utilizando descritores como “impactos psicológicos”, “fertilização in vitro”, “infertilidade”, “psychological impact” e “fertilization” para identificar estudos potenciais. Após a leitura de 15 publicações pertinentes encontradas, 10 foram descartadas, pois não abordavam ou abordavam superficialmente as questões psíquicas e emocionais relacionadas à reprodução humana assistida. Os 5 artigos que contemplavam o tema de forma aprofundada, foram analisados e usados como base para essa revisão. **RESULTADOS:** A infertilidade está relacionada ao aumento do estresse, desconfiança entre cônjuges e a baixa autoestima. Dessa forma, a incapacidade de conceber filho é uma distorção natural do equilíbrio psicológico comparada ao luto após morte de uma pessoa próxima ou vivenciar doenças graves. Além disso, os estudos apontam a técnica de reprodução assistida como método de tratamento, sendo esta por fertilização in vitro, adotada pela maioria dos casais. No entanto, a consequência dessa escolha leva ao aumento da ansiedade, devido a preocupações frente ao resultado do tratamento. Ademais, a infertilidade causa consequências desagradáveis e impacto psicológico negativo quanto ao funcionamento psicossocial, sendo relacionado à maior incidência de depressão. **CONCLUSÕES:** A infertilidade representa um problema social e de saúde pública, visto que muitos casais buscam reverter essa condição, se submetendo a carga emocional e psicológica negativa, tanto na relação conjugal como no âmbito individual. Dessa forma, o apoio entre casal e as intervenções terapêuticas são ferramentas eficazes para a diminuição do estresse e sintomas relacionados à ansiedade e depressão, proporcionando uma melhor qualidade de vida para esses indivíduos na busca pelo sucesso da reprodução humana.

SÍNDROME DE TAKOTSUBO: A DOENÇA QUE SIMULA O INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO (IAM). COMO SUSPEITAR?

Vinícius Lima Nunes¹; Isadora Nogueira de Souza Lenza²; Júlia Costantino Mesquita³; Kamilla Assis Diniz⁴; Lara Cristinne Maia dos Santos⁵; Larissa Cristina Clementino Lara Caiado⁶.

^{1,2,3,5} Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.
viniciuslimanunes2017@gmail.com.

⁴Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário de Mineiros- UNIFIMES, Mineiros, Goiás, Brasil.

⁶Graduada em Medicina pela Universidade de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.
amlarissalara@gmail.com.

INTRODUÇÃO: A Síndrome de Takotsubo (ST) é uma cardiomiopatia induzida por estresse que provoca disfunção transitória do ventrículo esquerdo. É um importante, porém negligenciado, diagnóstico diferencial de IAM, devido as semelhanças entre as síndromes, a ST se encontra no ponto cego do método clínico. Portanto, como suspeitar? **OBJETIVOS:** Reconhecer e delimitar os indicadores que caracterizam a suspeita de ST e o melhor meio para diferenciá-la do IAM. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Foram reunidas referências como embasamento teórico no trabalho realizado. O descritivo empregado foi “Cardiomiopatia de Takotsubo”. As bases de dados aplicadas foram PubMed, MEDLINE e Sec. Est. Saúde SP. Logo, foram obtidos ao todo 394 artigos, dos quais 11 foram selecionados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Atribui-se à ST um fator de estresse, principalmente emocional. Pela semelhança com IAM, a suspeita de ST deve ser construída com base no perfil epidemiológico característico: mulher na pós-menopausa com fator de estresse envolvido. O InterTAK é um método validado para a distinção de ST e IAM, disponível online em www.takotsubo-registry.com. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A ST pode ser facilmente enquadrada como IAM na emergência. Contudo, o InterTAK mostrou-se como uma ferramenta fidedigna de diferenciação entre as síndromes. Um alto índice de suspeita clínica é necessário em pacientes na pós-menopausa e com fator de estresse emocional concomitante.

TRABALHOS APRESENTADOS NA MODALIDADE ORAL – RESUMO E-PÔSTER

A NÃO ADESÃO FARMACOLÓGICA DE ANTIRRETROVIRAIS E O CONSEQUENTE AUMENTO DA TRANSMISSÃO DO VÍRUS DO HIV

Julia Kompier Matos¹; Isabella Cristine Silva de Paulo² Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRv), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: juliakompier27@gmail.com

³Enfermeira, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente efetiva do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRv), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: laracondida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: Dados nacionais de indicadores e monitorização de dados clínicos de HIV indicam que 1,5 milhão de pessoas se tornaram recém-infectadas por HIV em 2021. Independente dos conhecimentos acerca da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e da inexistência da cura, hoje reconhece o avanço das possibilidades de tratamento com o surgimento da terapia com antirretrovirais (TARV) e a consequente estabilização do quadro do paciente, permitindo, desde que corretamente utilizados, a redução da carga viral e por conseguinte a condição de carga indetectável. Entretanto, mesmo com o progresso do uso de TARV, pacientes portadores da AIDS demonstram resistência fisiológica ou psicológica com a adesão ao tratamento. **OBJETIVO:** Descrever as causas de não adesão aos medicamentos antirretrovirais e a consequência do aumento da transmissão do HIV. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, utilizando levantamento bibliográfico de artigos selecionados. Foi realizada uma busca em duas bases de dados, nas quais consistem em: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), PubMed e Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI). Os unitermos “ANTIRRETROVIRAIS” AND “HIV” foram utilizados para a procura dos artigos, sendo encontrados 47 arquivos a partir da busca. Os critérios de inclusão definidos para a seleção de artigos consistem em publicações nas línguas portuguesa e inglesa publicados nos últimos 3 anos. Por fim, 3 artigos foram selecionados para a composição desse trabalho. **RESULTADO:** O surgimento da TARV possibilitou os pacientes com AIDS reduzirem a morbimortalidade da doença com possibilidades de controle, resultando na estabilização do seu estado clínico, caracterizando-a em uma doença crônica. A supressão da carga viral, permite retardar o surgimento da imunodeficiência e a restauração do funcionamento do sistema imunológico associados a benefícios na saúde física. Entretanto, a adesão ao tratamento é de suma importância para a efetividade do medicamento, sendo que quando insatisfatória associa-se ao desenvolvimento de resistência viral. Diferentes fatores estão associados com a adesão ao TARV, principalmente as características sociodemográficas, psicossociais, relativas a própria doença, forma de tratamento e apoio social. Estudos recentes já demonstram que com uso adequado da TARV é capaz de manter a

supressão viral em taxas de adesão inferiores a 95%. A falha virológica é decorrência de resistência medicamentosa pré-tratamento ou adquirida, podendo também não apresentar resistência quando há má absorção gastrointestinal, interações medicamentosas ou níveis inadequados de drogas devido à não adesão. O uso de testes de resistência genotípica envolvem o sequenciamento direto do genoma viral, auxiliando na orientação da terapia inicial e seleção de um regime de TAR ideal após a falha do tratamento. **CONCLUSÃO:** Compreende-se que os pacientes em uso de esquemas modernos de TARV são virologicamente suprimidos, sendo a não adesão ao tratamento um desafio multidimensional que deve ser considerado no momento da escolha do medicamento. Embora a falha virológica possa ser uma complicação clinicamente significativa, avanços no tratamento expandiram as opções de drogas para pacientes com resistência e exposição a vírus multirresistentes. Desse modo, enfoca-se que a TARV beneficia o paciente a ter uma vida saudável, diminui sua carga viral, tornando ele intransmissível e consequentemente reduz as taxas de contaminação, controlando o risco de novos infectados.

ALTERAÇÃO NA QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE MENTAL DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE

Amanda Alves dos Santos¹; Hellen Christiny Mendonça Prates ²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2} Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: prates_hellen@icloud.com

³ Prof.^a Orientadora Mestra da Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde (UniRV).

E-mail: laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A endometriose é caracterizada pelo crescimento de um tecido análogo ao endométrio fora do útero, podendo ser encontrado em ovários, tubas uterinas ou intestino, o que acarreta uma reação inflamatória crônica. A sintomatologia baseia-se, principalmente, em dismenorreia, dor pélvica crônica, dispareunia e infertilidade, além de ter aptidão a ser assintomática, o que prejudica o diagnóstico. **Objetivo:** Analisar e ressaltar a importância da atenção à saúde mental e qualidade de vida de mulheres com endometriose. **MATERIAIS E MÉTODOS:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Para isso, foram utilizadas as bases de dados científicas United States National Library of Medicine (PUBMED), Online Scientific Electronic Library (SCIELO) e Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS). Para seleção dos estudos elegíveis, foi utilizado, nas bases supracitadas, os descritores conforme a descrição do DeCS: “Endometriose”, “Saúde mental” AND “infertilidade”. Foram incluídos os artigos que abrangiam os termos supracitados e nas bases de dados citadas. Como critérios de exclusão: monografias, teses de conclusão de curso e resumos. A pesquisa foi iniciada em junho de 2022, e finalizada em agosto de 2022. Após seleção dos estudos, três artigos científicos foram explorados neste trabalho. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Nesse viés, a dor pélvica e a dispareunia causada por tal patologia faz com que mulheres percam seu libido acarretando em um abandono da vida sexual. Outrossim, a vida profissional e social também são afetadas pelos sintomas por causar uma invalidez nos períodos de fortes dores, conjuntamente, maior tendência a sensação de fracasso, ansiedade e depressão gerada pela infertilidade, comprometendo diretamente a qualidade de vida dos indivíduos afetados. Ademais, muitas vezes a dor pélvica no gênero feminino é desmerecida por muitos profissionais da área da saúde, os quais naturalizam a cólica como manifestação habitual em mulheres, sendo uma das causas do diagnóstico tardio. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Mediante o exposto, é de extrema relevância o cuidado com a saúde mental e diligência com a qualidade de vida das mulheres com endometriose. Para este fim, faz-se necessário o diagnóstico precoce e um acompanhamento multiprofissional.

PALAVRAS-CHAVE: Endometriose; Saúde da mulher; Qualidade de vida.

ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DA DIETA NO QUADRO ÁLGICO EM PACIENTES COM ENDOMETRIOSE

Bianca de Carvalho Prini¹; Ana Cecilia Rabelo Nobuyasu²; Lara Braga de Lima³; Maria Paula Nunes de Oliveira⁴; Pedro Henrique Gomes Velasco⁵; Lara Cândida de Sousa Machado⁶.

^{1,2,3,4,5} Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRv), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: bianca.prini@gmail.com

⁶Enfermeira, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente efetiva do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRv), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A endometriose é um distúrbio ginecológico inflamatório crônico e debilitante, sendo causado pela presença de células endometriais fora do sítio uterino. Sua patogênese pode estar relacionada com fatores imunológicos, genéticos e ambientais, de modo que, a alimentação pode estar fortemente atrelada às condições de melhora e de piora. **OBJETIVO:** Analisar se há relação entre aspectos nutricionais e queixas álgicas em pacientes com endometriose. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Este trabalho consiste em uma revisão integrativa, realizado em Agosto de 2022 e baseado em artigos publicados no período de 2012 a 2022. Os descritores “endometriose” AND “dieta” foram pesquisados na base de dados BVS, sendo encontrados 72 artigos. Destes, três foram selecionados por serem mais relacionados com a temática, já os demais foram excluídos por destoarem da área de interesse. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A partir da análise dos artigos, verificou-se que a inflamação é um dos principais fatores fisiopatológicos da endometriose, sendo que o excesso de estrogênio pode estimular a formação de prostaglandinas, relacionadas com o estímulo doloroso. Tendo em vista esse contexto, estudos mostraram que os ácidos graxos Ômega-3 e o Palmitoylethanolamide modulam prostaglandinas específicas, contribuindo para a redução dessas e, como efeito, da queixa álgica também. Ainda assim, observou-se que alimentos com propriedades anti-inflamatórias, como a vitamina C, podem também reduzir a dor nesses quadros, da mesma forma, evitar alimentos inflamatórios, como o glúten, pode auxiliar na minimização dos sintomas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Podemos compreender, portanto, que a dieta pode agir como um fator de risco e de proteção no quadro da endometriose, sendo indispensável a dietoterapia e a inclusão de nutricionista na equipe multidisciplinar.

ANÁLISE MULTIFATORIAL: REABILITAÇÃO PULMONAR EM PACIENTES HOSPITALIZADOS PÓS COVID - 19

¹Bianca Barbosa Santos ; ²Josiane Santos de Souza ; ³Gabriella de Oliveira Gomes; ⁴Lara Candida de Sousa Machado

^{1 2 3}Graduandas em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

Email:bi_barbosa27@hotmail.com

⁴Orientadora: Prof. Ma. Da Faculdade de Medicina da Universidade de Verde.

E-mail: laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A COVID-19 e os seus impactos lesivos sobre o sistema pulmonar no organismo humano evidenciam aspectos importantes de atenção da saúde pública mundial. Diante disso, a reabilitação pulmonar em pacientes hospitalizados pós Covid – 19 é de grande relevância clínica. De um modo geral, o acometimento pulmonar presente na Covid- 19 vem acarretando impactos na sobrevida e nas taxas de mortalidade de indivíduos hospitalizados com a doença ou pós exposição da mesma. **OBJETIVO:** Descrever e realizar uma análise sobre as possíveis reabilitações pulmonares que podem ser feitas em pacientes que tiveram alterações e disfunções no pós covid-19. **MATERIAIS E MÉTODOS:** O presente estudo trata-se de um resumo simples de revisão integrativa de literatura. A pesquisa de dados foi realizada nas bases de informações online Scielo e Pubmed. As buscas foram por artigos publicados entre o período de 2021 e 2022, sendo utilizados os descritores Pós Covid-19 e Reabilitação Pulmonar para facilitar a busca de dados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A reabilitação pulmonar é recomendada principalmente para favorecer a recuperação físico-funcional de pacientes pós-COVID-19, oferecendo uma melhor qualidade de vida para os mesmos e levando em consideração as particularidades de cada paciente, pode ser feita no hospital com oferta de oxigênio e higiene brônquica, no conforto do lar com exercícios que melhoram a respiração diminuindo os sintomas de dispneia, dessaturação e fadiga, e ainda tem a reabilitação por Telereabilitação que traz benefícios similares com supervisão presencial. A forma grave da doença causa danos pulmonares, podendo resultar em insuficiência respiratória e fibrose pulmonar, pacientes mais graves necessitam de suporte respiratório que pode variar da oxigenoterapia à ventilação mecânica invasiva prolongada. A reabilitação cardiopulmonar baseada em exercício, pós-internação por Covid19, é ferramenta importante e determinante para o retorno das atividades de vida diária, e por isso deve ser individualizada as características dos pacientes sem prejuízo dos pilares do processo de reabilitação, o programa de reabilitação tem ênfase e maior importância no sistema cardiorrespiratório, pode-se concluir que a reabilitação fisioterapêutica por meio de recursos como: threshold (dispositivo de carga de pressão linear), RPPI (respiração com pressão positiva intermitente), trazem muitos resultados positivos e a maioria das pessoas que fazem a fisioterapia de reabilitação pulmonar pós COVID-19 se recuperam, tendo resultados melhores em pacientes mais jovens e sem comorbidades, pacientes

idosos e obesos representam o grupo de risco mas também respondem ao tratamento de reabilitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A reabilitação pulmonar é parte fundamental do tratamento do indivíduo que foi acometido por COVID-19. Independentemente da necessidade de internação hospitalar, sintomas como fadiga e cansaço têm sido relatos comuns, prejudicando a qualidade de vida desses pacientes e trazendo desafios para a realização das atividades diárias. Portanto, é válido ressaltar a importância da reabilitação pulmonar nesses pacientes pós covid-19 levando em consideração as particularidades de cada um e trazendo a melhor forma de reabilitação para os mesmos, junto de uma equipe multidisciplinar com foco na recuperação desses indivíduos.

ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E SUA IMPLICAÇÃO NA SAÚDE MENTAL

Alisson Gabriel Costa Gomes¹; Ana Laura Carvalho de Freitas²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2} Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: alissonum@gmail.com.

³Enfermeira, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A prática de atividade física é caracterizada como os mais diversos movimentos corporais produzidos pela musculatura esquelética que exija gasto de energia acima dos níveis de repouso. **OBJETIVO:** Analisar o impacto da atividade física na saúde mental. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa, baseado em artigos publicados nos últimos 5 anos, entre os anos de 2017 a 2022, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola publicados de forma integra nos bancos de Online Scientific Electronic Library (SCIELO), PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para seleção dos estudos elegíveis foram utilizados, os unitermos: “Atividade física” AND “depressão” AND “ansiedade”. Foram incluídos artigos que se relacionavam com a temática nos periódicos analisados e no período constatado. Foram excluídas teses de conclusão de curso, monografias, resumos publicados em congressos e livros. Dessa forma, foram encontrados 494 artigos selecionados através da leitura dos abstracts 11 artigos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A depressão é a segunda causa mais frequente de incapacidade psicossocial e física na população geral. O hábito de realizar atividades físicas contribuem para uma vida saudável e atuam como uma relevante forma de criar um sentimento forte de integração social, o que por sua vez, contribuem para a saúde mental. No Brasil, identifica-se que praticar atividade física é benéfico ao indivíduo ao atuar como um importante fator de proteção, independentemente da idade e/ou localidade da moradia, não só para a ansiedade, mas também para a depressão. No entanto, tem-se uma taxa de inatividade física de 85,2%, já no mundo fica em 81%. Nesse contexto, o comportamento sedentário pode afetar negativamente as estruturas cerebrais em crianças com sobrepeso/obesidade, sendo possível observar uma diminuição no volume de massa cinzenta em algumas regiões do cérebro. Como consequência, tais crianças podem ter suas funções cognitivas prejudicadas pela falta de atividade física adequada. **CONCLUSÃO:** Dessa forma, portanto, é possível inferir que a realização de atividades físicas tem impacto positivos na saúde mental da população ao ajudar a combater não só depressão como também a ansiedade, além de evitar possíveis danos cognitivos em crianças com sobrepeso/obesidade.

AS REPERCUSSÕES CLÍNICAS DA SÍNDROME DO TORNIQUETE CAPILAR PARA A PEDIATRIA

João Augusto Pinheiro Rezende¹, Mariana Frades dos Reis², Thallita Caroline Cassiano Gouvea³, Nathalia Varela de Miranda⁴, Gabrielly Fávaro Costa Amorim⁵, Ailton Gomes de Abrantes⁶.

¹Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde – UNIRV – Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: joao.a.p.rezende@academico.unirv.edu.br

^{2,3,4,5}Graduandos em Medicina pela Universidade de Rio Verde – UNIRV – Rio Verde, Goiás, Brasil.

⁶ Médico pela Faculdade Medicina Nova Esperança, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

E-mail: ailtongabrantess@gmail.com

INTRODUÇÃO: Existem situações simples e até corriqueiras que se fossem mais abordadas e conhecidas não teriam o potencial que possuem em se converter para agravos, como é o caso da Síndrome do Torniquete Capilar (STC). **OBJETIVOS:** Compreender melhor a respeito da síndrome do torniquete capilar, abordar como isto ocorre, as possíveis implicações, e a sua condução. **MATERIAL E MÉTODOS:** Trata-se de uma análise bibliográfica da literatura científica, fundamentado nas plataformas do SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico, utilizando-se os seguintes descritores: hair tourniquet, diagnosis e clinical repercussions, no mês de julho de 2022, com a delimitação dos estudos publicados nos últimos 5 anos. Os critérios de inclusão foram os artigos na íntegra e com relevância para o tema abordado. Foram descartados os estudos duplicados e que não respondiam ao objetivo proposto. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A STC é um conjunto de sinais e sintomas onde as crianças sofrem estrangulamento de pequenas extremidades como os dedos dos pés e mão ou genitália externa com um fio de cabelo ou de outro material fino. Caso o estrangulamento não seja detectado rapidamente, pode ocorrer em casos mais graves necrose e até amputação dos membros ou órgãos afetados. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Apesar de pouco abordada, a síndrome tem uma importância considerável, em razão dos transtornos que pode acarretar. Mais estudos e a disseminação destes são necessários para alertar a comunidade sobre a condição, assim como para os profissionais possuírem maior segurança e destreza ao examinar o paciente.

AS REPERCUSSÕES DO CLIMATÉRIO NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER

Giovanna Monte Bernadelli¹; Isabella Rezende Guimarães Amaral²; Ana Paula Fontana³.

^{1, 2} Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: giomonte018@gmail.com

³ Docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

Email:fontana@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: O climatério é definido como um período de transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva da mulher, caracterizado por modificações endócrinas, biológicas e clínicas, englobando parte da menacme até a menopausa. **OBJETIVO:** Verificar as repercussões do climatério na qualidade de vida da mulher. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão sistemática, que seguiu as recomendações do relatório *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta- analyses* (PRISMA). A pergunta de pesquisa foi “quais as evidências relacionadas as repercussões do climatério (I) na qualidade de vida (Co) da mulher (P)?”. As buscas foram realizadas na PubMed, LILACS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizados os unitermos: “climatério” AND “consequências” e as estratégias de busca recomendadas para cada base. Foram selecionados artigos publicados em inglês e português sem limitação de tempo, que abordassem o contexto: qualidade de vida, confirmação de climatério e estudos observacionais. Após o levantamento, as duplicatas foram excluídas, e os títulos e resumos foram avaliados, seguindo os critérios de inclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram identificados 160 artigos publicados sendo selecionados através da leitura dos títulos e resumos 9 estudos. Desses apenas 2 estudos foram incluídos para a descrição dos resultados. O hipoestrogenismo pode acarretar uma sintomatologia desconfortável e perturbadora na vida da mulher e sabe-se que esses sintomas trazidos pelo climatério são psicológicos, urogenitais, vasomotores e sexuais. Sendo assim, um estudo realizado no ano de 2020 demonstrou que cerca de 64% das mulheres apresentavam uma qualidade de sono ruim. Isso aponta que a perda da qualidade do sono constitui uma agravante e relevante problema de saúde pública. Em outro estudo a maioria das mulheres descrevem essa fase como um período caracterizado pela presença de muito calor, ganho de peso, diminuição do desejo sexual, insônia, dificuldade de concentração e irritabilidade, sendo a principal queixa as ondas de calor. Os episódios se intensificam a noite, levando despertares frequentes que determinam a fragmentação e a perda da qualidade do sono. **CONCLUSÃO:** Infere-se, portanto, que a sintomatologia da síndrome do climatério, apesar de variável, afeta extensamente a qualidade de vida das mulheres, atrapalhando seu cotidiano e sua rotina, principalmente quando relacionada a qualidade do sono.

BENEFÍCIOS DA ULTRASSONOGRAFIA DURANTE A PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO

Joana Haab Krein¹; Lorena Fagundes Lisboa¹; Louise Carolina Alves Teixeira¹; Paula Castro Ferreira¹; Suzane Oliveira Andrade¹; Mário Augusto Padula Castro²

¹ Graduando em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil. E-mail: joanahaab@gmail.com

² Médico. Docente da faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil. E-mail: mariopadula@uol.com.br

INTRODUÇÃO: A parada cardiorrespiratória (PCR) é uma das principais causas de invalidez e também de morte no Brasil. Apesar de existir um bom treinamento e grande empenho por parte das equipes de pronto atendimento na ressuscitação cardiopulmonar (RCP), as taxas de sobrevivência mantêm-se baixas. O ultrassom cardíaco focado (FOCUS), no contexto da ressuscitação, pode ajudar na avaliação e no manejo de pacientes. **OBJETIVO:** Analisar os benefícios da utilização do FOCUS no contexto da PCR no serviço de emergência. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Revisão integrativa de literatura feita a partir da análise de artigos publicados na plataforma PubMed entre 2017 a 2022, tendo como descritores: “ultrassonografia” AND “parada cardíaca” AND “serviço de emergência”. Os artigos foram avaliados quanto à elegibilidade por título e texto completo, tendo como resultado 14 artigos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O uso do FOCUS na unidade de emergência durante o manejo da PCR esteve associado, principalmente, a detecção das causas potencialmente reversíveis da parada e a distinção entre a Atividade Elétrica sem pulso (AESP) e a pseudo-AESP, determinantes no prognóstico e no direcionamento da conduta. Dentre as causas subjacentes avaliadas, foi observado grande enfoque no reconhecimento dos quadros de hipovolemia, pneumotórax hipertensivo e tamponamento cardíaco, demonstrando certa limitação na identificação da embolia pulmonar. O uso do ultrassom cardíaco também esteve associado a maiores taxas de retorno da circulação espontânea quando comparada às tentativas de RCP sem o uso do método, além de se mostrar de grande importância na avaliação da qualidade das compressões torácicas. Os estudos trouxeram como limitação ao uso do FOCUS a disponibilidade de equipamento e a necessidade de treinamento para a correta interpretação das imagens. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dessa forma, foi evidenciado os benefícios da utilização do FOCUS durante o manejo da PCR, sobretudo em ritmos não chocáveis em que a identificação da causa é de extrema importância para a reversibilidade do quadro, estando associado à maiores taxas de sobrevida e melhor prognóstico.

COBERTURA VACINAL DE HPV NO ESTADO DE GOIÁS NO PERÍODO DE 2017-2022

Andressa Gomes Amaral¹; Beatriz Marques Gonçalves²; Camilla Stéfani de Oliveira³; Carolina de Paula Andrade⁴; Micaela Teodoro Oliveira⁵; Lara Cândida de Sousa Machado⁶.

^{1,2,3,4,5}Graduandas do curso de Medicina, Universidade de Rio Verde - UniRV.

E-mail:andressa_amaral15@hotmail.com;

⁶Orientadora: Prof. Ma. Da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde.

E-mail:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: O papilomavírus humano (HPV) é uma das infecções sexualmente transmissíveis mais prevalentes do mundo. A persistência da infecção pode evoluir para o câncer de colo de útero, o terceiro tipo de câncer mais incidente entre mulheres no país, excluídos os tumores de pele não melanoma. No Brasil, a vacina foi incluída no Programa Nacional de Imunização em 2014, tendo como público alvo meninas de 09 a 14 anos de idade e meninos de 11 a 14 anos de idade. Contudo, os dados estatísticos da cobertura vacinal não têm sido satisfatórios, tendo como principais fatores a ausência de confiança e preocupações com as reações adversas, cenário que se torna uma problemática já que uma das principais estratégias para o controle desse tipo de câncer é a vacinação. **OBJETIVOS:** Descrever a cobertura vacinal de HPV no estado de Goiás nos últimos cinco anos. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de um levantamento epidemiológico descritivo por meio de dados da plataforma DATASUS, em conjunto com a busca na literatura científica. Foram investigadas, em “Assistência à Saúde” e “Imunizações”, as doses aplicadas dos imunobiológicos HPV quadrivalente para ambos os sexos, no período de 2017-2022 em Goiás. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Entre os anos de 2017 a 2022, foram aplicadas 779,081 doses no estado de Goiás, sendo que 421,612 dessas doses tiveram como alvo o público feminino e as 357,469 doses restantes, direcionadas ao público masculino. Esses dados refletem a maior busca das mulheres por esse imunizante, visto que é a parcela da população mais atingida pela complicação causada pelo HPV, segundo o INCA “Estudos no mundo comprovam que 80% das mulheres sexualmente ativas serão infectadas por um ou mais tipos de HPV em algum momento de suas vidas”. O ano de 2017 se destaca com a maior cobertura vacinal, visto que em ambos os sexos a busca foi maior nesse período, com 101.708 doses aplicadas nas mulheres e 99.595 doses aplicadas nos homens. Houve um decréscimo no número de vacinados no decorrer dos anos, sendo que em 2022 foram vacinadas 27,048 mulheres, evidenciando-se uma redução de 37% em comparação ao ano de 2017. Para o público masculino, o decréscimo foi progressivo ao longo dos anos e ainda mais acentuado, observando-se uma queda de 19,85% nas doses aplicadas ao se comparar o ano de 2017 e 2022. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dessa forma, estudos são importantes para investigar os motivos que levam a baixa adesão à vacinação contra o HPV em Goiás, visto que mesmo com a relevância dessa estratégia de prevenção para a redução dos índices de morbimortalidade por câncer de colo de útero, observa-se uma diminuição de vacinados. A partir disso, políticas de saúde pública devem ser aplicadas com o objetivo de esclarecer para a população os benefícios da vacinação e desconstruir crenças que reforcem o movimento anti-vacina.

COVID x QUEDA DE CABELO: POSSÍVEIS CAUSAS E MELHORES TRATAMENTOS

Anna Laura Caetano Costa¹; Ana Carolina Soares Sousa²; Andressa Gomes Amaral³; Gabriel Sousa de Freitas Abreu⁴; Marcella Maciel Rios⁵; Lara Cândida de Sousa Machado⁶

^{1,2,3,4,5} Graduandos do curso de Medicina, Universidade de Rio Verde – UniRV.

E-mail: annalauraccosta@gmail.com

⁶Orientadora: Prof. Ma. da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde.

E-mail: laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: A COVID- 19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (Ministério da Saúde). As causas de queda de cabelo podem estar relacionadas à febre alta e também segundo a Fabiane Mullinari Brenner da SBD (Sociedade Brasileira de Dermatologia), “A própria infecção, o emagrecimento, o estresse pela doença ou a redução da oxigenação do folículo capilar também justificam essa alteração”. **OBJETIVO:** Relatar a possível relação entre a COVID-19 e a queda capilar, utilizando referências confiáveis sobre o tema para chegar as possíveis causas e tratamentos. **MATERIAIS E MÉTODOS:** O trabalho é uma revisão narrativa da literatura por meio de uma análise descritiva nas bases de dados PubMed, SciELO e Ministério da Saúde. Ao todo, foram obtidos 167 resultados nas bases de dados, após os critérios de seleção, restaram 8 artigos na íntegra e com linguagem clara e direta, que foram submetidos à leitura para a coleta de dados. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** Estudos apontam que a queda de cabelo, conhecida como telógeno eflúvio, pós covid está relacionada com diversos fatores, entre eles se destaca o processo inflamatório, em que são liberadas citocinas que podem desencadear o quadro de queda capilar. Além disso, drogas administradas durante o tratamento, também tem relevância nesse quadro de queda capilar. Ademais, na literatura observa-se a influência do estresse da hospitalização, febre, emagrecimento e a falta de oxigenação no folículo capilar como também possíveis causas de telógeno eflúvio. Atualmente, tratamento não farmacológico proposto é uma alimentação rica em proteínas e vitaminas, que devem ser dosadas através de exames laboratoriais submetidos aos pacientes. O tratamento farmacológico com maior relevância é o Minoxidil, que age melhorando a circulação sanguíneo no local, através do aumento do calibre dos vasos sanguíneos e consequentemente estimulando o crescimento capilar. **CONCLUSÃO:** Dessa forma, a infecção pelo COVID tem relação com a queda capilar, entretanto, como uma resposta a inflamação pela liberação de citocinas e a relação com medicamentos como azitromicina. O estresse, a má alimentação e a redução da oxigenação nas periferias provocados pelo COVID colaboram para o telógeno eflúvio.

ENDOMETRIOSE PÉLVICA: ESTADO ATUAL DO DIAGNÓSTICO

Déborah Alvim Monteiro Batista Alves¹; Cassem Saboya Charafeddine²; Geovana Almeida Spies³; Gustavo Carlos de Alvarenga⁴; Lara Juliana Henrique Fernandes⁵; Waldemar Naves do Amaral⁶.

^{1,2,3,4,5}Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia-GO.

E-mail: deborahalvim@discente.ufg.br

⁶Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.

E-mail: waldemar@sbus.org.br

INTRODUÇÃO: A endometriose configura-se como um distúrbio benigno comum definido pela presença do tecido endometrial, glândulas e estroma, fora do sítio normal. São frequentes as dificuldades e delongamento em relação ao diagnóstico, fato promotor de transtornos na qualidade de vida de uma portadora. Nesse âmbito, faz necessárias a descrição e revisão de como é feito o diagnóstico atual da endometriose pélvica, e os melhores métodos para tal. **OBJETIVOS:** Descrever como é feito, atualmente, o diagnóstico da endometriose pélvica. **MÉTODOS:** Trata-se de uma análise descritiva, fundamentada a partir do estudo sistemático de artigos. Utilizou-se as plataformas PubMed (National Library of Medicine and National Institutes of Health) e Scielo. Os descritores selecionados foram: “endometriosis”, “pelvic”, “diagnosis” e suas respectivas traduções em português. Dentre os artigos analisados, cinco foram selecionados para o estudo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Diversos achados nos exames físico, de imagem e laboratoriais podem predizer com alto grau de confiabilidade a presença de endometriose no paciente. Biomarcadores têm sido bastante investigados para o diagnóstico ou triagem da endometriose como o Ca-125 - um antígeno de superfície celular- que pode ser útil para o diagnóstico da endometriose em estágio avançado. A interleucina-6 (IL-6) também tem bom desempenho em discriminar pacientes com endometriose. Além disso, a ultrassonografia pélvica transvaginal tem sensibilidade de 94% e uma especificidade de 98% na identificação de focos de endometriose profunda. A presença de massas ovarianas com hipótese diagnóstica duvidosa pode ser melhor avaliada com a ressonância magnética (RM). Apesar da alta confiabilidade de exames laboratoriais e de imagem, estes não são confirmatórios do diagnóstico de endometriose. O valor preditivo de sinais e sintomas clínicos também permanece incerto uma vez que as manifestações são muito variáveis e não há achado clínico patognomônico. Assim, todos os cinco artigos analisados neste estudo nos mostram que o diagnóstico de endometriose ainda requer intervenção cirúrgica, sendo a exploração laparoscópica com exame histopatológico dos implantes suspeitos o padrão ouro. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que apesar de o quadro clínico ser de extrema relevância na análise, bem como os exames de imagem e laboratório, ainda a exploração laparoscópica com exame histopatológico permanece como o padrão ouro no diagnóstico havendo, portanto, necessidade de intervenção cirúrgica.

EPISIOTOMIA: A LINHA TÊNUE ENTRE SUA INDICAÇÃO E UMA PRÁTICA ROTINEIRA QUE CONFIGURA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Rebeca Ferreira Souza¹; Daniel Carvalho Santos²; Edmar Soares de Andrade³; Mateus Cortez Lima⁴; Antonio Alves de Sousa Neto⁵; Cristhiane Campos Marques⁶.

^{1, 2, 3, 4, 5}Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil. E-mail:rbecafsouza@gmail.com

⁶Biomédica. Mestre em Medicina Tropical (UFG). Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV).

E-mail:cristhiane@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A episiotomia é uma intervenção obstétrica definida como a incisão cirúrgica no períneo, utilizada no período expulsivo do trabalho de parto a fim de ampliar a dimensão da vagina para o nascimento. Desde 1970 há evidências de que a realização desse procedimento oferece riscos maiores de hemorragia pós-parto e infecção. Atualmente, a OMS recomenda o uso limitado da episiotomia e estipula diretrizes de prática médica para essa intervenção. Entretanto, estatísticas demonstram que a episiotomia é realizada em 53,5% das parturientes brasileiras que fazem parto normal. Sendo assim, é necessário que toda ação direcionada à mulher durante o parto que cause dor ou dano, deve ser praticada com embasamento em referências da área e tendo seu consentimento explícito. Caso contrário, é denominado violência obstétrica. **OBJETIVOS:** Compreender os critérios atuais que levam a indicação para a realização da episiotomia. **MÉTODOS:** Revisão integrativa de literatura a partir de análise de artigos publicados nos últimos 10 anos na plataforma PUBMEDline. Como critério de busca, utilizou-se os descritores em ciências da saúde e o operador booleano: “Episiotomy” AND “Therapeutic Indication”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Conforme a OMS e o Ministério da Saúde, deve-se realizar a episiotomia em casos de: prematuridade, períneo pouco distensível, exaustão materna, uso de fórceps ou vácuo extração, sofrimento fetal agudo, apresentação pélvica e nas múltiparas que tenham sido submetidas ao mesmo procedimento anteriormente. Ademais, já existem diversas evidências que apontam que uma prática de rotina não previne lacerações e não fortalece os músculos do assoalho pélvico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A literatura evidencia que a episiotomia não deve ser uma prática ordinária e que seu uso se dá em situações clínicas específicas. Portanto, o médico que atestar a necessidade de uma episiotomia deve orientar a parturiente sobre o procedimento e o porquê de sua indicação.

PALAVRAS-CHAVE: Episiotomia, Indicação Terapêutica, Violência Obstétrica

ESTRESSE E A QUEDA DA IMUNIDADE: A REATIVAÇÃO DO HERPES-ZÓSTER

Ana Beatriz Mesquita Marques de Araújo Faria¹, Marie Fenanda Alves Leme², Lara Cândida de Sousa Machado³

^{1,2}Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil.
E-mail:anabmesquita@hotmail.com

³Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil.
E-mail:laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: O agente Varicellovirus (VZV) pode induzir duas entidades clínicas diferentes, sendo elas o herpes-zóster e a varicela. Assim sendo, o herpes-zóster corresponde à infecção secundária, decorrente da reativação do vírus latente encontrado em gânglios sensoriais dorsais, a partir da primo-infecção (varicela). Nesse viés, relata-se que a localização das lesões cutâneas corresponde ao trajeto do nervo comprometido, pode-se apresentar de um modo súbito ou insidioso e a intensidade da sua dor varia de discreta a muito intensa, chegando a ser intolerável. Por conseguinte, o herpes-zóster ocorre de forma esporádica, esta doença incide em todas as faixas etárias, desde a infância - sendo menos frequente; até a fase adulta - com predomínio em idosos. Ademais, a epidemiologia dessa infecção secundária tem uma alta incidência em indivíduos imunocomprometidos. Nessa linha de raciocínio, este presente trabalho discorre sobre essa infecção secundária e os possíveis fatores causais desta – demonstrando que o estresse como fator influenciador, na maioria das vezes, é negligenciado. **OBJETIVO:** Demonstrar que o estresse, fator influente na queda da imunidade, pode acarretar na reativação do herpes-zóster. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, por meio do levantamento de periódicos científicos indexados na base de dados: Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e PubMed. Em seguida, os seguintes descritores foram considerados “herpes-zóster”, “estresse” e “imunidade”, por serem uma terminologia comum à pesquisa. Os critérios de inclusão dos artigos para análise foram: artigos publicados entre 2000 e 2021, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, que tratavam sobre a infecção secundária do agente Varicellovirus (VZV) e estresse; e estes foram selecionados de acordo com o seu grau de relevância para a proposta dessa revisão. Como critério de exclusão, optou-se por artigos que não abordassem a temática da revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Observa-se que os dados mais enfatizados em literaturas e pesquisas sobre o herpes-zóster afirmam que a epidemiologia está intimamente ligada às idades mais avançadas e à públicos imunocomprometidos. Contudo, nota-se que dificilmente correlaciona-se a queda da imunidade, a reativação do vírus e o estresse cotidiano. O estresse é uma reação fisiológica do organismo causada por diferentes fatores, denominados estressores. Dessa forma, os hormônios do estresse atuam sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), mais especificamente no eixo Hipotálamo-Hipófise-Adrenal (HHA); assim, promove-se uma ação de modular e regular vários sistemas, como o sistema imunológico - o desequilíbrio deste sistema pode acarretar em diversas doenças. Por conseguinte, sabe-se que o estresse faz parte da vida de todas as pessoas – mesmo que em intensidades diferentes. Desse

modo, constata-se que uma rotina estressante pode influenciar diretamente na queda da imunidade do indivíduo. Sendo assim, conclui-se a possibilidade de diversas enfermidades se manifestarem – como relatado no herpes-zóster, com a reativação do Varicellovirus (VZV). Desse modo, é possível observar que o estresse é um potencialmente fator para a reativação do zóster. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, quando discorre-se sobre o herpes-zóster e sua reativação – além dos idosos e imunossuprimidos - conclui-se que uma rotina estressante também pode ser gatilho para sua evolução. Logo, observa-se que o estresse influencia negativamente na qualidade de vida, podendo acarretar em enfermidades. Assim sendo, um viés essencial para cuidar da saúde e prevenir a reativação do herpes-zóster é não se submeter a rotinas muito desgastantes e estressantes.

FATORES DE RISCO RELACIONADAS À SEPSE NEONATAL

Michelle Cristine Delalibera Rezende¹; Juliana Nogueira Fernandes²; Lucas Campos Arataque³; Álvaro Macedo de Carvalho⁴; Lara Cândida de Sousa Machado⁵.

^{1,2,3,4}Graduando em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:mitirezende@gmail.com

³Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil.

E-mail:laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A sepse neonatal é uma síndrome clínica e uma importante causa de morbidade e mortalidade em recém-nascidos e pode ser classificada como de início precoce ou tardia, sendo precoce os casos anteriores a 7 dias e tardio aqueles após 7 dias. Assim, deve-se atentar aos fatores de risco para prevenir as principais complicações. **OBJETIVO:** Discorrer sobre a sepse neonatal e descrever sobre os fatores de risco relacionados à essa síndrome clínica. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, utilizando os bancos de dados: PubMed, Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Science Direct. A seleção dos artigos foi feita inicialmente pela leitura dos títulos, que depois foram lidos integralmente, sendo 4 artigos os selecionados. **RESULTADOS:** Os indivíduos mais acometidos por essa síndrome clínica são os RN com baixo peso e submetidos a procedimentos invasivos durante sua permanência na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Existem três condições relacionadas aos fatores de risco para o desenvolvimento da sepse neonatal: fatores gestacionais e maternos; condições de nascimento e prematuridade; e fatores relacionados ao ambiente da UTIN. Os fatores gestacionais e maternos estão principalmente relacionados à infecção no período gestacional e à ruptura prematura de membranas amnióticas. A prematuridade e o baixo peso ao nascer constituem um dos principais fatores de risco para sepse neonatal. Identifica-se uma maior taxa de sepse neonatal precoce nos recém-nascidos entre 29 e 34 semanas e peso ≤ 1000 g. **CONCLUSÃO:** A sepse neonatal é uma síndrome clínica cujo os fatores de risco são definidos por condições: gestacionais e maternas; de nascimento e prematuridade; e fatores relacionados ao ambiente da UTIN. Dessa forma, é importante conhecer os fatores de risco para a prevenção da sepse neonatal.

IMPACTO DA RECIDIVA DE SARAMPO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS

Lara Braga de Lima¹; Bianca de Carvalho Prini²; Larissa Pereira da Silva³; Nara Frota Sabbadini⁴; Vinícius Polinski Garcia⁵; Lara Cândida de Sousa Machado⁶.

^{1,2,3,4,5}Graduando em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: larabragadelima@hotmail.com

⁶Professora orientadora, graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e membro do corpo docente da Universidade de Rio Verde.

E-mail:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: O sarampo é uma doença contagio-infecciosa causada por um vírus de RNA pertencente à família Paramyxoviridae, que se manifesta através de febre; tosse; irritação ocular; coriza e manchas avermelhadas pelo corpo. No Brasil, após a epidemia em 1997, houve redução nos casos notificados da doença com o início das campanhas de vacinação. Entretanto, a cobertura vacinal passou a apresentar baixa adesão, o que culminou na recidiva da enfermidade no país.

OBJETIVOS: Descrever o impacto da recidiva de sarampo no Brasil nos últimos anos, além de ressaltar a necessidade de ampliação das campanhas de vacinação. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura na base de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Assim, adotou-se como método de inclusão, busca de artigos na íntegra, seleção dos trabalhos por meio da leitura dos resumos e análise da discussão dos textos nos idiomas português e inglês, selecionados entre os anos de 2018 e 2022. Para os critérios de exclusão foram adotados os artigos que não tinham relação com o objetivo do estudo e que não estão contemplados dentro do recorte temporal. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** As taxas de vacinação diminuíram ao longo do tempo, pois a imigração de áreas de baixa cobertura vacinal leva ao acúmulo de indivíduos suscetíveis ou à redução do risco de infecção individual leva desestimulação da população sobre a vacinação. Logo, com a circulação de notícias falsas sobre imunobiológicos, houve uma hesitação vacinal da sociedade e esse pensamento foi fortalecido pelo medo propagado durante a pandemia da COVID-19. Outros elementos para a baixa cobertura vacinal são escassez de vacinas e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em virtude dos fatos mencionados e discutidos, a recidiva dessa doença no país é espelho da baixa cobertura vacinal. Diante disso, os impactos mais negativos da não vacinação têm sido o acréscimo da morbimortalidade que afeta principalmente as crianças.

IMPORTÂNCIA DA CIRURGIA PLÁSTICA REPARADORA NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES PÓS-BARIÁTRICOS

Iago Pereira de Souza¹; Ana Laura Portilho Carvalho²; Emily Porto Rodrigues Macedo³; Joana Haab Krein⁴; Rebeca Ferreira Souza⁵; Uiara Rios Pereira⁶.

^{1,2,3,4} Graduando em Medicina, Universidade de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:iagopsouza20200@gmail.com

³Médica. Docente da faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:rios.uiara@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A cirurgia bariátrica é comumente realizada com o intuito de intensificar a perda de peso e afastar os riscos decorrentes da obesidade. Entretanto, com a perda de peso maciça, o excesso de pele apresentou-se como uma queixa frequente entre os pacientes pós-bariátrica, gerando uma crescente demanda por operações reparadoras que visam a remoção deste excesso de pele e melhora da qualidade de vida desses pacientes. **OBJETIVO:** Compreender a relevância e impacto da cirurgia plástica reparadora na qualidade de vida de pós-bariátricos. **MÉTODOS:** Revisão integrativa de literatura a partir da análise de artigos publicados nos últimos 5 anos, em inglês, na plataforma PubMed, utilizando-se os descritores em ciências da saúde e o operador booleano: “Cirurgia Plástica” AND “Qualidade de Vida” AND “Cirurgia Bariátrica.”. A busca gerou 74 resultados, destes apenas 22 atendiam os critérios de inclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Em relação à qualidade de vida após a cirurgia reconstrutiva, os principais aspectos abordados foram a autoimagem, contexto psicossocial, melhoria das funções físicas e desempenho sexual. A cirurgia de contorno corporal esteve intimamente relacionada à melhoria das sensações de insatisfação, vergonha e baixa autoestima, contribuindo para um melhor convívio social e diminuição de depressão e sintomas de ansiedade. Com relação às funções físicas, foram observados resultados positivos na mobilidade, desempenho sexual e lesões de pele, visto que, o excesso de pele esteve relacionado a dermatites, celulites, ulcerações. **CONCLUSÃO:** Evidencia-se a importância do trabalho conjunto entre os cirurgiões bariátricos e os cirurgiões plásticos, como parte essencial na recuperação funcional e psicossocial do paciente, visto que a cirurgia de contorno corporal melhora a satisfação quanto ao próprio corpo, eleva a autoestima e aprimora o funcionamento social desses indivíduos.

IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO NUTRICIONAL NO DIABETES MELLITUS

¹Laura Moschetta Orlando; ²Ana Beatriz Ribeiro Mascarenhas; ³Isadora Paula Correia;
⁴Leticia Paula Correia; ⁵Vithoria Maria Bernieri Iffert; ⁶Ana Cecília Johas Marques da Silveira
Leão Vaz.

^{1,2,3,4,5} Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde-
GO, Brasil.

E-mail: laura-orlando@hotmail.com

⁶Orientadora graduada pela Faculdade Estácio de Sá, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

E-mail: acjohas@gmail.com

INTRODUÇÃO: O diabetes mellitus (DM) é uma patologia que cursa com comprometimento do metabolismo dos carboidratos, das gorduras e das proteínas, causada pela ausência de secreção de insulina ou por redução da sensibilidade dos tecidos à insulina. No DM tipo 1, a hiperglicemia ocorre devido a deficiência na secreção de insulina gerando ausência deste hormônio. No DM tipo 2, a hiperglicemia resulta da resistência à ação da insulina. **OBJETIVOS:** Investigar os efeitos do tratamento nutricional sobre os pacientes portadores de diabetes mellitus tipo 2. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa nas bases de dados SciELO (Scientific Eletronic Librany Online) e Google Acadêmico. Utilizou-se os descritores “Diabetes”, “Nutrição” e “Distúrbio Metabólico”. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** A partir dos resultados obtidos, nota-se que a terapia nutricional médica em pacientes diabéticos é importante tanto na prevenção, no controle da DM existente e na redução da taxa de complicações. A falta de controle clínico do paciente evolui com alterações da homeostase metabólica, podendo ocorrer aumento das necessidades de calorias e proteínas induzido pelo catabolismo. A hiperglicemia pode levar ao comprometimento do sistema imunológico e aumentar o risco de doenças cardiovasculares, lipídicas, complicações crônicas, e infecções. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Por meio de uma análise detalhada pode-se compreender que o tratamento e o acompanhamento nutricional do paciente diabético são as principais formas de melhorar a qualidade de vida e diminuir as complicações que são causadas pela Diabetes Mellitus.

IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS COM ENFOQUE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Giulia Zoratto de Oliveira¹; Isadora Rodrigues Carvalho²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde-UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil - giuliazoratto10@gmail.com

³Prof.^a Orientadora Mestra da Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde (UniRV). E-mail:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: Cuidados Paliativos (CP) é definido como um tratamento integral para pessoas que vem enfrentando doenças graves e crônicas que sensibilizam a continuidade da vida, afim de proporcionar o máximo conforto para o paciente e todos que estão a sua volta. Todavia não é viabilizado para todos que carecem desse cuidado. Em razão disso, a Atenção Primária à Saúde (APS) é muito relevante para a expansão da CP, dado que torna possível o amplo acesso para pessoas necessitadas desse tratamento. **OBJETIVO:** Descrever a importância dos cuidados paliativos na Atenção Primária à Saúde e evidenciar os benefícios desse método na população necessitada. **MÉTODOS:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada nos bancos de dados PUBMED, SCIELO e LILCS. O descritor conforme a descrição do DeCS foi: “Cuidados Paliativos na atenção primária”. **RESULTADOS:** Os benefícios dos cuidados paliativos são o enfoque do cuidado na pessoa e não na enfermidade, com respaldo na inserção dos familiares nesse momento. Além disso reforçam o respeito à autonomia do paciente, mesmo nas situações de dependência e vulnerabilidade, estendendo-se até a sua morte. Devido às diversas vantagens, o interesse por CP é um novo obstáculo de saúde pública, dado o sucessivo envelhecimento da população global, resultante no aumento do número de idosos. Nesse cenário, é nítido a importância dos Cuidados Paliativos, da mesma forma que a Atenção Primária à Saúde é movida pelo princípio do cuidado, da integralidade, humanização e equidade, as doutrinas dos cuidados paliativos também. Sendo assim, em conjunto, têm potencial para assegurar a oferta e demanda de CP. **CONCLUSÃO:** Pode-se constatar que os Cuidados Paliativos são de suma importância para pacientes que se encontram com DCNT, além disso, seu acesso na Atenção Primária à Saúde contribui para tratamento do mesmo. Embora haja dificuldades por falta de profissionais especializados, os Cuidados Paliativos terão maior cobertura para assistência dos doentes.

INFLUÊNCIA DA ANESTESIA EPIDURAL INTRAPARTO NO DESENVOLVIMENTO DE AUTISMO

Ana Laura Carvalho de Freitas¹; Alisson Gabriel Costa Gomes²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: anacfreitas15@hotmail.com.

³Enfermeira, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente efetiva do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: O transtorno do espectro do autismo (TEA) possui etiologia multifatorial, entre predisposições genéticas e impactos ambientais. A anestesia epidural (ELA) tem sido correlacionada como um fator modificável no neurodesenvolvimento na primeira infância. **OBJETIVO:** verificar a associação da ELA com o maior risco de desenvolver TEA. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, utilizando artigos publicados nos últimos 5 anos, entre os anos de 2017 a 2022, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola que foram publicados de forma íntegra nos bancos de Online Scientific Electronic Library (SCIELO), PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para seleção dos estudos elegíveis foram utilizados, os unitermos: “autismo” AND “anestesia”. Foram incluídos artigos que se relacionavam com a temática nos periódicos analisados e no período constatado. Foram excluídas teses de conclusão de curso, monografias, resumos publicados em congressos e livros. Dessa forma, foram encontrados 135 artigos publicados sendo selecionados através da leitura dos abstracts 17 artigos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As complicações da ELA no organismo materno e fetal são raras, pelo efeito anestésico local e em baixas doses, porém novos estudos abordam o efeito dessa no TEA, pelo aumento da incidência do transtorno em crianças as quais as mães optaram pela sedação e tiveram maior exposição, quantificada em horas, da droga. No entanto, a amplitude de parâmetros necessárias para analisar a doença multifatorial e comprovar essa associação é um desafio em, praticamente, todos os estudos atuais. Entre as dificuldades na análise dos dados encontra-se a falta de histórico materno e familiar, como a presença ou não de idade avançada, pré eclampsia, diabetes e obesidade, os quais são fatores de risco biológicos da TEA. Além disso, outro fator de suma importância é a incapacidade de considerar na análise o estudo genético dos pais, o que tendencia a pesquisa, visto que o autismo é um transtorno fortemente genético, comporta por heterogeneidade fenotípica e provável envolvimento de múltiplos loci, os quais se inter-relacionam. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Infere-se, que, apesar de aumentos de TEA, os achados são insuficientes devido limitações metodológicas inerentes aos estudos observacionais.

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO GANHO DE PESO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

**Guilherme Rocha Rodrigues¹; Adelzí Auto Alves Júnior²; Lyzandra Almeida Barros Alves³;
Laryssa Almeida Barros Alves⁴; Lidiane Bernardes Faria Vilela⁵.**

^{1,2}Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde-GO, Brasi. E-mail: guirochar05@gmail.com

^{3,4}Acadêmica de Medicina do Centro Universitário de Goiatuba (UNICERRADO), Goiatuba-GO, Brasil.

⁵Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde-GO, Brasil.
E-mail: lidibfv@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A COVID-19 é uma doença infecciosa que afeta principalmente o sistema respiratório humano e apresenta uma rápida taxa de transmissão e contaminação. Em resposta a essas características e a inexistência, a priori, de medidas terapêuticas específicas, diversos países assumiram o isolamento físico como medida preventiva no auge do período pandêmico da moléstia. Nesse sentido, a pandemia do SARS-COV-2 impôs limitações e alterações inevitáveis nos hábitos e nas práticas de estilo de vida, dentre eles, alguns, predispõem o ganho de peso, incluindo, principalmente, mudanças no comportamento alimentar e na prática de atividades físicas. **OBJETIVOS:** Avaliar a influência da pandemia de covid-19 no ganho de peso associado ao descontrole alimentar e a redução da prática de atividade física da população brasileira. **MATERIAS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão da literatura integrativa realizada nas bases indexadas de dados do SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico, por meio dos descritores: “alimentação”; “atividade física”; “ganho de peso”; “descontrole alimentar”; “compulsão alimentar”; “pandemia”; “COVID-19”; “Brasil”. Foram excluídos todos os artigos que fugiram à pauta ou que haviam sido publicados anteriormente ao ano de 2020. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A manutenção do peso corporal adequado se dá através da associação de fatores psíquicos, físicos e nutricionais, qualquer alteração nessa tríade básica poderá ter como consequência a perda ou o ganho de peso. Nesse viés, considerando as mudanças nos hábitos humanos durante a pandemia de COVID-19, o isolamento social aliado ao impacto econômico, o medo e o estigma da doença contribuíram para o aumento interação com situações ansiogênicas, esses eventos de estresse colaboram para o estabelecimento de quadros de descontrole alimentar ou compulsão alimentar. Somado a esse cenário, houve mudanças na ingestão alimentar, evidenciando um maior consumo de alimentos ultra processados, com maior densidade energética, ricos em açúcares, gorduras e calorias. Além disso, as medidas profiláticas de contaminação fizeram com que espaços destinados a prática de atividade física fossem fechados, assim, limitou-se a sua execução regular, reduziu-se os níveis das práticas de intensidade moderada a vigorosa e aumentou-se o tempo sedentário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A pandemia de COVID-19 pode ter influenciado no ganho de peso por meio do descontrole alimentar e a redução da prática de atividade física evidenciada no período de isolamento social.

OCCLUSÕES VASCULARES RETINIANAS APÓS COVID-19

**Marconi de Paiva Manzi Filho¹; André Lucas Costa²; Déborah Alvim Monteiro Batista Alves³;
José Nicolas Andraos Filho⁴; Warllyson de Almeida Bezerra⁵; Matheus Lopes Silva⁶.**

^{1,2,3,4,5} Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia - GO, Brasil.

E-mail: marconifilho@discente.ufg.br

⁶ Centro de Referência em Oftalmologia da Universidade Federal de Goiás (CEROF-UFG), Goiânia - GO, Brasil.

E-mail: matheuslopes7712@gmail.com

INTRODUÇÃO: A COVID-19 foi uma pandemia global que se instalou no mundo no final do ano de 2019, que causou uma síndrome respiratória aguda por infecção pelo coronavírus SARS-CoV-2. Desde o início da pandemia vários efeitos sistêmicos foram relatados, incluindo relatos de vermelhidão nos olhos, irritação e conjuntivite em pacientes com COVID-19 severa, outrossim, em alguns pacientes houveram casos de oclusão vascular retiniana, uma complicação grave ligado à perda de visão. **OBJETIVOS:** Esta revisão tem por objetivo revisar a literatura nacional e internacional sobre complicação da COVID-19 em oclusão de vasos retinianos. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Revisão sistemática da literatura com pesquisa nas bases de dados PubMed (National Library of Medicine and National Institutes of Health) e Scielo. Os critérios de inclusão foram artigos originais e relatos de caso em português e inglês que tinham como tema oclusão vascular retiniana após infecção por COVID-19. Os critérios de exclusão foram informações de livros e/ou capítulos, cartas ao editor e artigos de revisões. “Como estratégia de busca foram combinados os descritores em inglês e português, respectivamente, “Retinal Vein Occlusion”, “COVID-19 Retinal”, “Coagulopathy eye COVID-19”, “Oclusão da Veia Retiniana”, “Retina e COVID-19”, “Coagulopatia ocular COVID-19”. Foram encontrados 4 artigos sobre o tema que cumpriam os critérios de inclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Dentre os artigos selecionados 3 artigos foram relatos de caso de pacientes com Covid que evoluíram com perda de acuidade visual em momentos diferentes, sendo: um paciente de 48 anos que desenvolveu oclusão retiniana bilateral; um paciente de 30 anos com trombose da artéria carótida interna (ACI) que levou a acidente vascular cerebral isquêmico com oclusão da artéria oftálmica (OAO) unilateral; uma paciente de 17 anos com oclusão da veia central da retina unilateral. Outrossim, foi selecionado 1 estudo de coorte retrospectivo e observacional, com n=37 pacientes hospitalizados por Covid, no qual quatorze pacientes apresentaram retinopatia (38%) com hemorragia retiniana em 7 (19%), manchas algodinosas em 8 (22%) e oclusão de ramo da artéria retiniana em 1 (3%) paciente. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os estudos selecionados demonstraram impactos da COVID-19 na vascularização da retina, com impactos na acuidade visual. Os conhecimentos até agora sobre a COVID-19 e seus impactos na retina ainda são limitados, mais estudos são necessários sobre o tema.

OS DESAFIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO CUIDADO DAS MÃES COM DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Amanda Alves dos Santos¹; Hellen Christiny Mendonça Prates²; Gabrielly Cruvinel Fernandes³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:amandamv.santos@hotmail.com

³Prof.^a Orientadora Mestra e Doutora da Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde (UniRV).E-mail: gabrielly@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: A depressão pós-parto (DPP) é caracterizada pelo estresse, choro constante, sentimentos de solidão e diminuição da energia. Além disso, percebe-se que a mãe apresenta ideias suicidas e excesso de cuidado (ou negligência completa) para com o bebê. **OBJETIVOS:** Elucidar os obstáculos que a atenção primária à saúde enfrenta ao atender as pacientes com DPP e evidenciar os métodos de diagnóstico. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Foram utilizadas as bases de dados científicas PUBMED, SCIELO e LILACS. Utilizou-se os descritores “Depressão pós-parto” AND “Atenção Primária de Saúde”. **DISCUSSÃO:** O diagnóstico dessa enfermidade acontece por meio de escalas, como a EPDS (Escala de Depressão Pós-Parto de Edinburgh), que medem e caracterizam os sintomas depressivos da mulher. Com isso, o método diagnóstico permite organizar estratégias para tratamento precoce, visando diminuir os danos na relação mãe-bebê. Entretanto, esse serviço ainda não foi implantado à rotina dos serviços públicos de atenção primária à saúde, o que dificulta a atuação dos profissionais no rastreio e na identificação precoce da doença. Além disso, os protocolos preconizados pelo Ministério da Saúde no atendimento pré-natal à gestante não são direcionadas à garantia da saúde mental, mas sim às condições fisiológicas da gravidez. Outrossim, muitas profissionais da atenção básica relatam falta de preparo para lidar com a enfermidade, somada a ausência de profissionais especializados em saúde mental nas clínicas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Diante dos dados analisados, pode-se inferir que o serviço de diagnóstico precoce não é oferecido ao sistema público de saúde, além de a atenção primária não ser instruída a fazer atendimento direcionado aos transtornos mentais.

PARTICULARIDADES DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NA INFÂNCIA

Taynara Souza Silva¹; Nicole Gonzaga Guerreiro¹; Tayane Souza Silva²; Glenia Arantes Maia³.

¹Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde - UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: taynarasouzas@hotmail.com

²Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Jataí – UFJ, Jataí, Goiás, Brasil.

³Neuropediatra e docente da Faculdade de Medicina de Rio Verde – UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:glenia_arantes@hotmail.com

INTRODUÇÃO: O Acidente Vascular Cerebral Isquêmico é um importante preditor de morbidade em crianças. Apesar da limitada ocorrência, apresenta taxas relevantes de sequelas permanentes e fatais. Porém, a identificação do quadro na infância é retardada pelas particularidades dos fatores de risco e do quadro clínico quando comparados aos adultos. **OBJETIVO:** Dessa forma, torna-se necessário o conhecimento dos principais fatores de risco na faixa etária pesquisada, e dos supostos sinais e sintomas do AVCi na infância. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Este trabalho é uma revisão integrativa da literatura realizada no banco de dado PubMed. Foram utilizadas, para a busca dos artigos, as palavras-chave “Stroke”, “Childhood” e “Ischemic”. Os critérios de inclusão dos artigos foram: artigos publicados nos últimos seis meses; em qualquer idioma; com a presença das três palavras-chave no título do artigo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os fatores de risco na infância se diferenciam dos principais fatores de risco na idade adulta e possuem forte influência no surgimento do quadro, sendo eles: arteriopatas intra e extracranianas, doenças cardíacas congênitas, estados de hipercoagulabilidade, condições sistêmicas agudas e neoplasias sanguíneas. Quando semelhante ao quadro clínico do adulto, o quadro clínico na criança apresenta-se com hemiparesia, astenia em hemiface, afasias e distúrbios de visão. Parestesia e astenia podem ser os sinais iniciais do quadro em todas as faixas etárias. Mas, apesar de poder se apresentar através de um quadro típico e focal, muitas vezes os sintomas são inexistentes ou confundidos com outras comorbidades. Em bebês de até 12 meses, convulsões e alterações de tônus são comuns. Cefaleia isolada pode ocorrer em crianças de idade escolar. Cursos de gagueira podem surgir repentinamente em qualquer idade infantil. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Apesar das particularidades da comorbidade nessa faixa etária, o diagnóstico precoce do AVCi na infância é fundamental para a prevenção de sequelas futuras e óbitos.

PARTOS HUMANIZADOS NO BRASIL E O SEU IMPACTO NA VIDA DAS GESTANTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Thallyta Ferreira Silva¹; Giovanna Monte Bernadelli²; Ana Paula Fontana³.

¹Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: thallytafs@gmail.com

²Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

³Docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: fontana@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: O parto humanizado (PH) refere-se a todos os tipos de parto, desde que eles visem valorizar a vida da mulher e do feto em todos os âmbitos, objetivando principalmente diminuir as intervenções desnecessárias. Assim, tanto o PH quanto o parto não humanizado (PNH) visam a saúde do feto e da mãe, embora aquele em relação a este proporcione maior autonomia a gestante na hora do parto, diminuindo o risco de complicações e mortalidade. **OBJETIVO:** Analisar o que levou ao aumento de PH no Brasil e suas repercussões na vida materno fetal. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa, que seguiu as recomendações do relatório *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta- analyses* (PRISMA). A pergunta de pesquisa foi “qual o impacto (I) do atendimento humanizado(Co) na vida das gestantes (P)?”. As buscas foram realizadas na PubMed, LILACS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizados os unitermos: “parto humanizado” AND “Brasil”. Foram selecionados artigos publicados em inglês e português sem limitação de tempo, após o levantamento, as duplicatas foram excluídas, e os títulos e resumos foram avaliados, seguindo os critérios de inclusão. **RESULTADOS:** Foram encontrados 117 estudos, excluídos 7 por serem duplicatas e após a leitura na íntegra, selecionados 5 estudos para a descrição dos resultados. O PH é o resgate do protagonismo da mulher durante o parto, respeitando seus direitos e dando autonomia suficiente para que ela decida sobre os procedimentos a serem realizados. Dessa forma, a humanização deve incluir desde o contato materno fetal imediato, favorecendo o vínculo e a estimulação a amamentação; até procedimentos que envolvam cada vez menos medicalização e técnicas consideradas invasivas, como episiotomia e manobra de Kristeller. Diante disso, deve-se considerar que o parto é um processo de caráter fisiológico e biológico, e não como um processo patológico em que busca-se medidas resolutivas, uma vez que o PH deve oferecer meios que visem o bem estar da mãe e do feto, sendo assim, o parto um processo humano e acolhedor e que não induza a paciente a realizar procedimentos indesejados, como cesárea, por meio de coação através de um momento de extrema fragilidade emocional. Ademais, como a gestação e o nascimento são considerados momentos de grande importância, tem-se aumentado o número de PH no Brasil, haja vista que eles têm dado maior autoridade e liberdade às mulheres, o que tem evitado várias formas de violência obstétrica e aumentado a empatia entre profissionais e pacientes, permitindo acolher as gestantes de forma integral, respeitando as particularidades e a história de vida das pacientes. **CONCLUSÃO:** Diante dos resultados analisados, infere-se que o parto humanizado, permite uma

melhor qualidade de atenção em saúde para a gestante, porém, ainda é uma causa a ser mobilizada neste país, pois muitas práticas invasivas ainda são realidade em muitos hospitais.

PÉ DIABÉTICO: UMA RESPONSABILIDADE SOCIAL E PROFISSIONAL

Gabriel Sousa de Freitas Abreu¹; Anna Laura Caetano Costa²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduandos em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: gabriel_sufa@hotmail.com

³Orientadora: Prof. Ma. Da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde-Goiás-Brasil.

E-mail: laramachado.enf@gmail.com

Introdução: O diabetes mellitus é uma síndrome muito presente e quando mal controlada, o desenvolvimento de complicações como o pé diabético é favorecido. O conhecimento acerca da prevenção é essencial para todos os pacientes portadores da doença. De acordo com a Diretriz de Prevenção do IWGDF, a taxa de incidência de ulceração do pé diabético ao longo da vida é 19%-34% e após a cicatrização a taxa de recorrência é de 65%, tornando a prevenção uma alternativa principal para se evitar problemas. Em contrapartida, a falta de conhecimento por parte da população e má adesão ao tratamento torna o processo difícil. **Objetivo:** Relatar e descrever sobre o pé diabético na contemporaneidade, como a população acometida e os profissionais de saúde deve agir diante desse cenário. **Materiais e Métodos:** Realizada uma revisão narrativa da literatura por meio de uma análise descritiva nas bases de dados PubMed e SciELO. Ao todo, foram obtidos 77 resultados nas bases de dados, após os critérios de seleção da temática, restaram 46 artigos na íntegra e com linguagem clara e direta, que foram submetidos à leitura para a coleta de dados. **Resultados e Discussão:** O paciente com pé diabético fica propício a desenvolver úlceras e feridas que possuem dificuldade de cicatrização. Para a prevenção é recomendado educar os pacientes e profissionais da saúde sobre os cuidados com os pés. O profissional deve estar apto a orientar o paciente sobre a maneira correta de cortar as unhas, fazer a inspeção diária, manter a região hidratada, ter os pés examinados regularmente por um profissional, reconhecer sinais pré-ulcerativos/úlceras, entre outros. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, mais da metade dos pacientes diabéticos nunca tiveram os pés examinados por um profissional e nunca receberam orientações a cerca da inspeção dos pés, o que demonstra a necessidade de aumentar a orientação e instrução por parte dos profissionais a cerca do tema para que estes instruem de forma rotineira os pacientes a realizarem a prevenção e tratamentos adequado quando necessário. **Considerações finais:** Observa-se que com a maior capacitação dos profissionais, instrução/adesão dos pacientes, a piora dos quadros e procedimentos como debridamentos e amputações diminuiriam de forma considerável, o que confirma a necessidade de se discutir mais sobre o assunto e promover educação em saúde.

SUBNOTIFICAÇÃO DE CASOS DE HANSENÍASE COM A PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL

MARTINS, G.H.P.F.¹; SOARES, A. G.²; PAIVA, L.C.³; MACHADO, L.C.S.⁴

^{1,2,3}Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde – GO, Brasil.

E-mail: gui_framar@outlook.com

⁴Enfermeira, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente efetiva do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: A hanseníase é uma doença causada pela bactéria *Mycobacterium leprae* transmitida através de gotículas liberadas durante a fala, espirro e/ou tosse, desde que o contato seja íntimo e prolongado com pessoas que não estão em tratamento. É uma doença que apresenta longo período de incubação e alta infectividade, na qual as bactérias podem danificar o(s) nervo(s) periférico(s), além de desencadear manchas na pele, ocasionando danos motores e sensitivos. Durante a pandemia do COVID-19, o número de notificações de pessoas com hanseníase reduziu consideravelmente em relação aos anos anteriores. **OBJETIVO:** Analisar a relação da subnotificação de casos de hanseníase durante a pandemia do COVID-19. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, utilizando artigos publicados entre os anos de (2020 a 2022), na língua portuguesa, que foram publicados na forma íntegra nos bancos de dados Scientific Electronic Library (SCIELO) e Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS). Além disso, conta com a abordagem quantitativa de dados secundários disponibilizados pelo Ministério da Saúde por meio do site do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no campo Informações de Saúde (TABNET), durante os anos de 2019 a 2021, utilizando como fator de exclusão o ano do diagnóstico e o da notificação. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O objetivo da vigilância epidemiológica de hanseníase é o de detectar precocemente casos novos a fim de acabar com a cadeia de transmissão dessa doença, o que se tornou difícil durante a pandemia do COVID-19, como mostrado nos dados coletados pelo DATASUS. Entretanto, durante o ano de 2019, o número de casos notificados foi de 34.385; em 2020, 21.977; e em 2021, 22.283 novos casos de hanseníase, observando-se assim uma significativa redução no número de notificações dessa doença. Sendo assim, a subnotificação também é responsável por manter a cadeia de transmissão, no qual os pacientes que não estão em tratamento com a poliquimioterapia e que não possuem o conhecimento a respeito do seu diagnóstico, podem infectar outras pessoas através dos aerossóis liberados durante a fala, tosse ou espirro. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, houve uma queda grande no número de notificações da doença hanseníase no Brasil, principalmente entre os anos de 2019 e 2020, superior a 36%, devido a pandemia do COVID-19. Nesse contexto, os principais motivos estão relacionados à integração das equipes hospitalares para retardar o avanço da pandemia, o que causou sobrecarga do sistema de saúde, além do receio dos pacientes em se deslocarem para evitar o risco de contaminação pelo novo coronavírus, até mesmo pela restrição de viagens devido à pandemia.

RETINOPATIA DIABÉTICA:ANÁLISE MULTIFATORIAL EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO II

**Josiane Santos de Souza¹; Bianca Barbosa Santos²; Maria Tereza Tavares Valotto³; Lara
Cândida de Sousa Machado³.**

^{1,2,3}Graduandas do curso de Medicina, Universidade de Rio Verde - UniRV.

E-mail: Josianesantosdesouza222@gmail.com

²Orientadora: Prof. Ma. Da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde.

E-mail: laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO: Diabetes Mellitus (DM) tipo II é uma doença crônica, no qual o corpo não produz insulina ou cria resistência à insulina, e é um dos principais fatores de risco para a retinopatia diabética. Essa doença é o resultado dos efeitos que o diabetes faz nos vasos sanguíneos da retina, um tecido que reveste o olho na parte interna. Com isso, ocorre o extravasamento de soro ou sangue para a cavidade externa e o crescimento anormal deste tecido. De um modo geral, essa lesão na retina ocorre principalmente quando os portadores de diabetes mellitus tipo II não tratam ou não fazem o uso correto da medicação, podendo levar à baixa acuidade visual ou até mesmo à perda total da visão. **OBJETIVO:** Analisar e descrever a relação dos portadores de diabetes mellitus tipo II com a retinopatia diabética e os impactos da doença a longo prazo. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de caso de revisão integrativa de literatura. A pesquisa de dados foi realizada nas bases de informações online Scielo, Lilacs e Pubmed, dentre os quais 10 artigos foram analisados e 4 selecionados. As buscas foram realizadas por meio de artigos científicos publicados entre o período de 2003 a 2021, sendo utilizados os descritores “Retinopatia Diabética” e “Diabetes Mellitus” para facilitar a busca de informações. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A literatura cita que as possíveis causas das alterações anatômicas da retina são agrupadas em categorias bioquímicas, hemodinâmicas e endócrinas. As categorias interagem entre si e apresentam sequência temporal, sendo a bioquímica a anormalidade mais consistentemente ligada ao início destas alterações. Em média, após 20 anos de Diabetes Mellitus, 99% dos portadores insulino dependentes e 60% dos portadores não insulino dependentes têm algum grau de retinopatia diabética. Os fatores de risco associados ao surgimento dessa complicação estão relacionados não somente ao tempo de duração da Diabetes Mellitus, mas também ao controle glicêmico e à presença de nefropatia diabética, sendo o controle da glicemia o fator de risco independente mais importante para a RD. Com a introdução da medida da glicohemoglobina (HbA1c) na década de 80, que passou a ser utilizada como uma avaliação acurada do controle metabólico, foi constatado que o valor inicial da HbA1c é o mais importante fator de risco para incidência e progressão da RD, mesmo depois de controlada para idade, sexo e duração da doença. A nefropatia diabética e a RD são complicações microvasculares do DM que podem estar associadas, sendo que o controle rígido da glicemia reduz a incidência de nefropatia e RD. Além disso, a hipertensão arterial, uma comorbidade comum do DM, é também um fator de risco

importante para o surgimento e progressão de RD, devendo, portanto, ser tratada precocemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A etiologia da Retinopatia Diabética associada aos portadores de Diabetes Mellitus Tipo II é multifatorial e inclui fatores de risco variáveis, por se tratar de doença crônica. Portanto, é imprescindível, que a equipe médica e multidisciplinar conheça os sinais clínicos dos pacientes acometidos pela Retinopatia Diabética, a fim de que ocorra um tratamento precoce, mais efetivo, para que proporcione redução de danos e maior adesão à conduta terapêutica.

O RISCO AUMENTADO DE OSTEOPOROSE PÓS-MENOPAUSA EM RAZÃO DO HIPOESTROGENISMO

Isadora Carvalho Rodrigues¹; Giulia Zoratto de Oliveira²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:isa.rcarvalho20@gmail.com

³Prof.^a Orientadora Mestra da Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde (UniRV).

E-mail:laramachado.enf@gmail.com

INTRODUÇÃO:A osteoporose é uma doença ocasionada pela redução na densidade mineral óssea relacionada com a modificação da microarquitetura óssea,predispondo um maior risco de fraturas. As principais áreas acometidas pela são as vértebras,fêmur e rádio,decorrente da perda óssea causada,principalmente,em mulheres devido ao hipoestrogenismo pós-menopausa.A menopausa aumenta a probabilidade de osteoporose devido a baixa atividade dos folículos que acarreta na redução da secreção de estrógenos.**OBJETIVOS:**Elucidar o risco aumentado de osteoporose pós-menopausa em razão do hipoestrogenismo,além do papel do estrogênio na osteoporose. **MATERIAIS E MÉTODOS:**O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Para isso, foram utilizadas as bases científicas PUBMED,SCIELO e LILACS.**RESULTADOS E DISCUSSÃO:**Durante a menopausa os folículos ovarianos tornam-se menos sensíveis à ação dos hormônios luteinizante e foliculoestimulante acarretando a inviabilidade dos folículos e em consequência a baixa secreção de estrógeno.Diante disso,o efeito da pós-menopausa na osteoporose é devido às mudanças no tecido ósseo,causada pela intensificação na fase de reabsorção da remodelagem óssea,diminuindo a DMO.A remodelação é constituída por fases,sendo que o estrogênio possui papel fisiológico na fase reabsorção. Esse esteroide em concentrações diminuídas,intensifica a ação dos osteoclastos que são responsáveis por reabsorver a matriz óssea,causando perda de massa óssea.Com isso,a redução da DMO torna a mulher pós-menopáusia mais susceptível a desenvolver a osteoporose.**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**Assim,infere-se que o acompanhamento médico com mulheres no período pós-menopausa é de suma importância.Isso se deve a elevada incidência da doença em mulheres acima dos 50 anos,em razão da baixa produção de estrogênio,sendo esse fator uma das principais causas da osteoporose.

TROMBOFILIA COMO CAUSA DE AVE EM JOVENS MULHERES

Nássara Letícia Müller Pinheiro¹; Beatriz Kaori Vaz Otsubo¹; Brenda Yukari Vaz Otsubo¹; Gabrieli Leite Carvalho¹; Guiler Algayer¹; Bárbara Correia Neves Sabino².

¹Graduando em Medicina pela faculdade de medicina de Rio Verde- UNIRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail:nassaraleticia@gmail.com

² Professora mestra em saúde, interdisciplinaridade e reabilitação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. Docente na UniRV.

E-mail:nevesbarbara@hotmail.com

INTRODUÇÃO: Define-se a trombofilia (TBA) como a tendência de formação de trombos decorrente de anomalias da coagulação, em virtude da oclusão de vasos sanguíneos que ocasiona alterações fisiopatológicas, como o acidente vascular encefálico (AVE), uma das causas mais comuns de morte. Associados a essa doença, há fatores de riscos específicos como enxaqueca, uso de contraceptivos orais, gravidez e puerpério, que tornam as mulheres jovens um público que merece atenção. **OBJETIVO:** Descrever o impacto da trombofilia como fator de risco para o AVE em jovens mulheres. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com informações coletadas de artigos publicados entre o período de 2014 a 2019, nas línguas portuguesa e inglesa, sendo estes publicados nos bancos de dados Online Scientific Eletronic Library (SCIELO) e United States National Library of Medicine (PUBMED). Para a seleção de estudos elegíveis, foram encontrados 9 artigos científicos, dos quais 5 foram selecionados, em virtude de estarem de acordo com o objetivo proposto desse trabalho, como mulheres jovens e a relação entre trombofilia e o AVE. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A TBA, sendo uma predisposição à formação de trombos, é uma preocupação constante na medicina por acarretar no desenvolvimento de várias enfermidades importantes. A oclusão de vasos sanguíneos evolui em alterações do estado hemodinâmico, da estrutura arterial cerebral e em hipercoagulabilidade, interrompendo o fluxo laminar do sangue e o seu suprimento adequado aos tecidos, sendo, portanto, um fator de risco para o AVE. Associado a isso, conforme pesquisas, a faixa etária das mulheres acometidas com TBA encontra-se entre 21 e 40 anos, enquanto em homens está acima dos 40. Além disso, mulheres com gene da proteína afetado e fator V de Leiden estão predispostas a eventos trombóticos, sobretudo, quando associadas à rotina de contraceptivos orais e recomenda-se maior precaução com a sua utilização mediante a existência de histórico familiar. Todavia, fatores externos e de estilo de vida, como viagens longas, obesidade, gravidez e uso de hormônios são fatores trombóticos independentes e podem justificar o acometimento de AVE em populações mais novas. Desse modo, pacientes mulheres mais jovens requerem mais atenção no tocante à sua abordagem diagnóstica e etiológica. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ainda que não haja inúmeros trabalhos que associam diretamente a trombofilia e o risco de AVE em mulheres jovens, a relação entre esses fatores é muito bem estabelecida ao se deparar com evidências acerca das suas variadas etiologias e sua ligação com o sexo feminino.

UTILIZAÇÃO DE IMUNOBIOLOGICOS ESPECIAIS EM PORTADORES DO VÍRUS HIV

Isabella Cristine Silva de Paulo¹; Julia Kompier Matos²; Lara Cândida de Souza Machado³.

^{1,2}Acadêmica em medicina pela Universidade de Rio verde- Campus Rio Verde.

E-mail:isabella_cris2012@hotmail.com

³Orientadora, docente da Universidade de Rio verde- Campus Rio Verde.

E-mail: laracandida@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO: Os Centros de Referência de imunobiológicos Especiais (CRIES) foram implantados a partir de 1993 pelo Ministério da Saúde. São constituídos de infraestrutura e logística especializada, sendo destinados ao atendimento de indivíduos portadores de quadros clínicos especiais, mais vulneráveis às doenças ou risco de complicações próprias, relacionadas a questões biológicas como o transplante, imunodepressão, asplênia, AIDS, entre outros. A adoção de medidas preventivas através do uso de imunobiológicos especiais simboliza um importante recurso para o controle da infecção do vírus HIV tornando-se uma estratégia eficiente na redução da morbimortalidade desses pacientes.

OBJETIVO: Identificar e descrever os imunobiológicos administrados em pacientes com AIDS.

MATERIAIS E MÉTODOS: Trata-se de uma revisão integrativa, utilizando artigos publicados entre os anos de 2012 a 2022, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola que foram publicados de forma íntegra nos bancos de Online Scientific Electronic Library (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para seleção dos estudos elegíveis foram utilizados, os unitermos: “IMUNOBIOLOGICOS ESPECIAIS” AND “HIV”. Dessa forma, foram encontrados 26 artigos publicados sendo selecionados 4 para composição desse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Há sempre um risco quando se aplicam imunobiológicos destinados à imunização ativa ou passiva. Em indivíduos imunodeprimidos, o risco praticamente não aumenta para vacinas não vivas, mas é bastante variável para vacinas vivas atenuadas. Uma vacina viva atenuada só deve ser considerada para a vacinação de uma pessoa imunodeprimida se houver experiência na literatura que autorize este uso e quando a situação epidemiológica indicar que o risco da doença natural e suas complicações claramente excedem os riscos das complicações vacinais para aquele tipo de imunodepressão. As vacinas existentes são: Vacina ativa contra poliomielite (VIP); Vacina contra hepatite B (HB) e imunoglobulina humana anti-hepatite B (IGHAHB); Vacina contra hepatite A (HA); Vacina contra varicela (VZ) e imunoglobulina humana antivaricela-zoster (IGHAVZ); Imunoglobulina Humana Anti-Rábica (IGHAR); Vacina contra influenza, inativada (INF) – “Vacina contra Gripe”; Vacinas contra Pneumococo (polissacarídica 23 valente e conjugada 7 valente); Vacina contra Haemophilus influenzae do tipo b (Hib); Vacina tríplice acelular (DTPa); Vacina dupla infantil (DT); Imunoglobulina humana antitetânica (IGHAT); Vacina contra meningococo conjugada – C (MncC). **CONCLUSÃO:** É notória a importância da utilização dos imunobiológicos especiais nos portadores de HIV com o objetivo de promoção de saúde, visando aumentar a taxa de sobrevivência e diminuição da morbimortalidade desses indivíduos.

A DEMANDA DE INTUBAÇÃO OROTRAQUEAL: OS REFLEXOS NO APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA MÉDICA

Wallyson Maciel Oliveira¹, Ana Beatriz Mesquita Marques De Araújo Faria²; Ana Paula Fontana³.

^{1,2}Graduando em Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde – GO, Brasil.

E-mail:wallysonmacieloliveira@gmail.com

³Profa. Ma. da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde – GO, Brasil.

E-mail:fontana@unirv.edu.br

RESUMO

A intubação orotraqueal é intervenção médica essencial para manutenção das vias aéreas de pacientes em emergência; logo, a eficiência na sua execução está intimamente correlacionada à prática rotineira. Desse modo, o objetivo do estudo é demonstrar a relação do aumento na demanda de IOT, pela pandemia do COVID-19, e o aperfeiçoamento desta prática em meio à classe médica. Dessa maneira, trata-se de uma revisão integrativa de literatura, baseada em materiais coletados de diversos bancos de dados eletrônicos. É válido ressaltar que a realização de uma IOT vai além do entendimento teórico, sendo a repetição um ponto crucial para a consolidação de uma técnica adequada. Desse modo, a pandemia, vivida recentemente, propiciou aos médicos essa elevada demanda por prática de intubações. Conclui-se que a alta demanda no número de intubações, durante a pandemia pela COVID-19, contribuiu positivamente no aperfeiçoamento da prática médica frente a este procedimento. Portanto, médicos - recém formados ou não - que tinham pouca experiência na realização deste procedimento, em meio as oportunidades propiciadas, obtiveram maior performance na execução de intubações orotraqueais.

INTRODUÇÃO

Intubação traqueal consiste na introdução de um tubo na luz da traqueia. Podendo ser realizada através das narinas (via nasotraqueal), boca (via orotraqueal) ou abertura na parede da traqueia (transtraqueal). A abordagem de um paciente com status emergencial conta com diversas técnicas mantenedoras da vida. Desse modo, tem-se a Intubação Orotraqueal (IOT) como uma dessas técnicas; este é um procedimento comum em unidades de emergência, cuidados intensivos e centros cirúrgicos.

A principal indicação de IOT ocorre em situações onde há prejuízo na manutenção da permeabilidade das vias aéreas. Portanto, pacientes que entram neste critério são passíveis de receber tal procedimento. Entretanto, apesar da indicação, a realização da IOT é definida pelo seu caráter: eletiva ou de emergência. Quando eletiva, geralmente está associada à indivíduos submetidos a cirurgia. No que tange a emergência, tem-se a síndrome respiratória aguda grave (SARS), causas traumáticas, depressão do nível de consciência, dentre outras. Assim sendo, em traumas, a IOT é

indicada imediatamente em pacientes cuja Escala de Coma de Glasgow (ECG) seja ≤ 8 . A intubação orotraqueal também está indicada na presença de insuficiência respiratória aguda.

Desse modo, a julgar pela importância desta técnica, é de suma importância que o médico esteja sempre preparado para realizar uma IOT de sucesso. Isso se comprova pela relevância no manuseio das vias aéreas na medicina de emergência e pela crescente preocupação em tornar a IOT mais rápida e segura possível. Nesse viés, a repetição da técnica está intimamente ligada à experiência adquirida, levando em consideração o maior contato com a situação e suas variáveis no processo. Logo, o objetivo deste estudo é demonstrar a relação do aumento na demanda de IOT, pela pandemia do COVID-19, e o aperfeiçoamento desta prática em meio à classe médica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em seis etapas: elaboração da questão de pesquisa; busca e amostragem - estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão para a busca; coleta/extração de dados; avaliação e análise crítica dos estudos incluídos; análise e síntese dos estudos incluídos com interpretação dos resultados; e apresentação da revisão. Para a construção da questão norteadora, foi considerada a estratégia PICO, sendo: P= médicos; I= indicação de IOT; Co= aperfeiçoamento da prática durante a pandemia, ficando, assim, formulada a seguinte questão de pesquisa: “Qual a relação do aumento na demanda de IOT, pela pandemia do COVID-19, e o aperfeiçoamento desta prática em meio à classe médica?”.

A busca foi realizada em onze de agosto de 2022 nas bases da PubMed, SCIELO (*Scientific Electronic Library*) e LiLACS (*Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde*). Como estratégia de busca, foi considerada a combinação de descritores controlados e não controlados, segundo a indicação de cada base pesquisada. Foram utilizados os *Medical Subject Heading* (MeSH), Emtree (*Embase Subject Headings*), títulos CINAHL e os descritores em Ciências da Saúde (DECS). Para as buscas, foram consideradas as seguintes palavras-chave: “intubação orotraqueal”, “capacitação” e “pandemia”. Para a pesquisa, foi empregado o operador booleano “AND” em todas as combinações e, quando necessário, o “OR”. Além disso, foi realizada a leitura das listas de referências de alguns artigos de revisão sistemática para a seleção de possíveis estudos adicionais relevantes e que pudessem ser incluídos. Os estudos selecionados foram em inglês, espanhol e português, sem limite de tempo.

Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e avaliados de maneira independente pelos revisores e, perante qualquer discordância, um terceiro revisor seria solicitado, caso que não se aplica a essa revisão, por haver 100% de concordância entre os pesquisadores. Foram excluídos artigos de opinião, reflexões teóricas e artigos que não estivessem disponíveis na íntegra online e publicações que não abordassem a temática da revisão.

Os dados foram extraídos de forma padronizada. Os pesquisadores extraíram os dados de forma separada e depois foi definido o padrão para descrever os detalhes em relação ao tema proposto nessa revisão. Para a quarta etapa, foi considerado o nível de evidência e grau de recomendação

dos estudos. Na quinta etapa, os resultados foram apresentados de forma sintetizada, permitindo a discussão e a interpretação dos achados relacionados as temáticas verificadas. E na sexta e última etapa apresentou-se uma síntese dos artigos incluídos neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca nas bases de dados resultou em 98 artigos. Após a remoção de 26 duplicatas, foi feita a leitura de títulos e resumos dos 72 artigos capturados, selecionando 12 para leitura na íntegra. Esta leitura resultou na seleção de cinco artigos que atendiam aos critérios de inclusão. A seleção dos estudos está descrita na figura 1.

O primeiro artigo selecionado, cujo título é: Treinamento de Intubação Orotraqueal na Pandemia por Coronavírus: Aplicação da Prática Deliberada em Ciclos Rápidos, é um estudo metodológico. Foi realizado em um hospital de ensino de referência no Brasil, e publicado no ano de 2021. Tal estudo se relaciona a temática pela comprovação do aumento de IOT's em meio a pandemia, e a relação entre baixa repetição e perda de performance na realização desta prática.

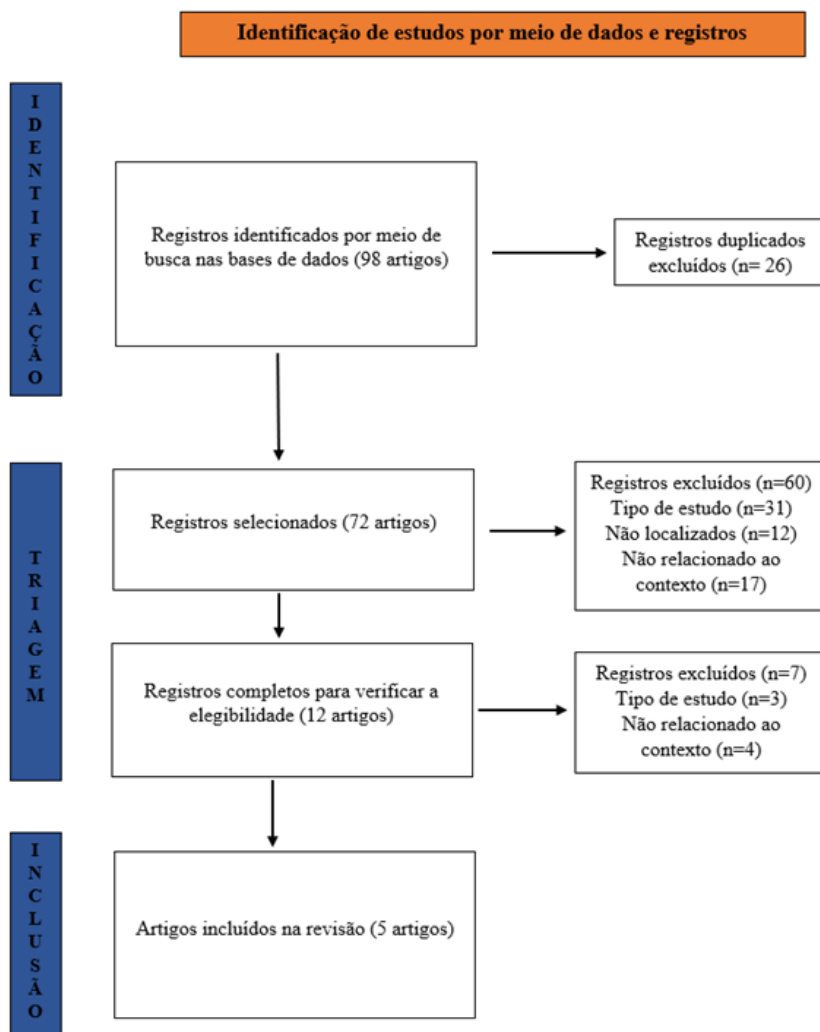
O segundo artigo selecionado, cujo título é: Análise da Habilidade Autorreferida de Intubação Orotraqueal pelos Internos em Medicina, é um estudo exploratório, descritivo com abordagem quantitativa. Foi realizado em uma instituição de ensino superior privada, localizada no noroeste do estado do Paraná – Brasil, e publicado no ano de 2021. Tal estudo se relaciona a temática pela comprovação do aumento de IOT's em meio a pandemia, e a dificuldade em se realizar uma IOT.

O terceiro artigo selecionado, cujo título é: Intubação Traqueal, é um estudo de revisão da literatura. Foi realizado no estado do Rio de Janeiro – Brasil, e publicado no ano de 2021. Tal estudo se relaciona a temática pela necessidade de se fazer uma IOT de forma segura e eficaz, e aspectos que facilitaram o procedimento de IOT.

O quarto artigo selecionado, cujo título é: Caracterização do Comprometimento Pulmonar Associado à COVID-19 em Pacientes com Necessidade de Ventilação Mecânica, é um estudo de análise quantitativa. Foi realizado em um hospital de Mulhouse – França, e publicado no ano de 2021. Tal estudo se relaciona a temática pela quantificação dos pacientes com COVID-19 que foram submetidos a intubação.

O quinto artigo selecionado, cujo título é: Intubação Orotraqueal: Avaliação do Conhecimento Médico e das Práticas Clínicas Adotadas em Unidades de Terapia Intensiva, é um estudo prospectivo. Foi realizado em três diferentes unidades de terapia intensiva de um hospital universitário: da anestesiologia (ANEST), da pneumologia (PNEUMO) e do pronto socorro (PS), localizado na cidade de São Paulo – Brasil, e publicado em 2007. Tal estudo se relaciona a temática pelo debate sobre as indicações de uma IOT.

Figura 1 – Fluxograma de Seleção dos Artigos



Diversas são as enfermidades que causam distúrbios degenerativos para o bom funcionamento da via aérea humana. Nesse viés, durante a busca por uma via aérea pérvia durante processos patológicos, a IOT foi “tentada” de diferentes formas, incluindo em animais. Em 1543, Vesalius realizou, através de uma traqueostomia, a primeira intubação em animal – um porco naquela ocasião.

Apesar dos testes em animais, o foco era o sucesso do procedimento em seres humanos. A primeira IOT de sucesso com uso de anestésicos, em humanos, foi realizada em 1986. Dessa forma, diversas técnicas para intubação foram desenvolvidas, incluindo a confecção de equipamentos que facilitassem esta prática, como o laringoscópio. Além disso, por se tratar de uma prática invasiva, também foram introduzidos bloqueadores neuromusculares – popularmente conhecidos como anestésicos – a fim de facilitar a instrumentação das vias aéreas.

Embora o médico tenha conhecimento teórico sobre a IOT, o ganho de habilidade e destreza somente é obtido e mantido com a prática rotineira. Nesse viés, estudos demonstram que a falta de atualização e a inexistência da repetição prática causam, com o passar do tempo, desvios de técnicas ou habilidades estacionárias. Outrossim, longos períodos sem a prática de determinada habilidade, por consequência, resultam em déficit de performance.

O manejo das vias aéreas não é fácil. Logo, observa-se que tanto médicos quanto internos (acadêmicos dos últimos dois anos do curso), podem apresentar dificuldade para realizar uma IOT, seja por falta de habilidade ou mínima experiência técnica, como também por características anatômicas e gravidade do paciente.

Em um intervalo de 16 dias foram admitidos na UTI, em um hospital de Mulhouse – França, 53 pacientes com pneumonia grave por COVID-19. Destes pacientes, apenas um não precisou ser intubado e foi tratado com oxigenoterapia por meio de cânula nasal de alto fluxo. Os demais, após a intubação, receberam ventilação mecânica. Assim sendo, em relação à insuficiência respiratória aguda, notou-se, recentemente, que a necessidade de IOT ficou ainda mais evidente diante da pandemia.

Em meio a este período do novo coronavírus, observou-se um aumento exponencial dos casos da síndrome do desconforto agudo respiratório, nos quais em 71% dos hospitalizados se realizou a IOT para fins de ventilação mecânica. Estudos realizados em 552 hospitais de províncias chinesas indicam que 14% a 20% dos casos infectados pelo vírus da COVID-19 podem evoluir para a SARS. Nestes, há a necessidade de IOT em cerca de 2,3% dos pacientes com COVID-19 confirmados.

Nessa linha de raciocínio, constata-se que houve o aumento da necessidade de IOT; e dessa forma, conseqüentemente, equipes técnicas e médicas precisaram realizar o mesmo procedimento inúmeras vezes; adquirindo assim, um ganho de experiência na realização da IOT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que estar diante de múltiplos pacientes, traz ao médico a possibilidade de aprimorar sua técnica em meio a inúmeras variações anatômicas. Dessa maneira, obteve-se maior competência para realizar este procedimento médico que auxilia na abertura das vias aéreas.

Além disso, discorre-se que, pelo contexto pandêmico, a quantidade de IOT's realizadas no mundo durante esse período foi extremamente elevada. Por conseguinte, vale ressaltar que, por se tratar de um procedimento médico, diversas vezes as IOT's não eram realizadas por médicos com grande experiência nesta prática.

Dessa maneira, é válido ressaltar que a pandemia pela COVID-19 refletiu de diversas maneiras negativas na nossa sociedade, contudo a elevada execução de IOT's exigida, proporcionou um ganho positivo na capacitação médica - no que tange a realização de tal procedimento.

Desse modo, conclui-se que houve um aprimoramento na técnica e conseqüente ganho de experiência na realização da IOT, um procedimento complexo e essencial em situações de emergência médica. Logo, este fato confirma-se através da constante execução desse procedimento em meio a pandemia pela COVID-19.

AS INFLUÊNCIAS HORMONAIS NO DESENVOLVIMENTO DE MIOMAS UTERINOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Queiroz, L.Q¹; Mota, J.H²; Santos, T.A²; Ribeiro, J.P²; Campos, R.B²; Freire, T.G³

^{1,2}Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde (FAMERV), Rio Verde –GO, Brasil.

E-mail: leticiaqueiroz1039@gmail.com

³Médico, Ginecologista e Obstetra, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

E-mail: thiagogfreire@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: Com origem no miométrio, os leiomiomas, também chamados de miomas, são tumores benignos que aparecem com maior frequência em mulheres na idade reprodutiva. A progesterona e estrogênios, hormônios esteróides ovarianos, estão fortemente associados ao crescimento, desenvolvimento e manutenção dos leiomiomas. Esta associação está pautada na incidência de miomas em mulheres na idade fértil e seu posterior retrocesso após menopausa. Os leiomiomas são considerados a maior causa de morbidade entre mulheres na idade reprodutiva, estando entre as principais causas de hospitalizações por condições ginecológicas não relacionadas à gravidez. **OBJETIVO:** relacionar o crescimento de miomas uterinos com as descargas hormonais em mulheres na idade fértil. **MATERIAIS E MÉTODOS:** esta pesquisa consistiu em um estudo retrospectivo, descritivo-narrativo e sistemático sobre a influência hormonal no desenvolvimento de miomas uterinos nas mulheres. Resultados: verificou-se que o estrogênio é considerado o principal fator mitogênico no útero. Os níveis sanguíneos de estrogênio e progesterona são semelhantes em mulheres com e sem miomas clinicamente detectáveis, entretanto no tecido interno dos miomas a concentração é superior a do miométrio normal. **CONCLUSÃO:** concluiu-se que existe a relação hormonal com o crescimento de miomas uterinos, principalmente os hormônios estrogênio e progesterona.

INTRODUÇÃO

Os miomas uterinos são tumores benignos que acometem, principalmente, as mulheres na fase reprodutiva da vida, podendo ter tamanhos variados, além de serem únicos ou múltiplos. Originam das musculaturas lisas do miométrio, sendo constituídos de matéria rica em colágeno, proteoglicanos e fibronectina. O sangramento menstrual intenso é tido como o sintoma mais comum do tumor, apresentando-se, muitas vezes, com coágulos, sendo fator de risco para anemia. Além disso, infertilidade, dor pélvica e aumento do volume abdominal são frequentes, dando aspectos gravídicos em mulheres magras e levando a quadros de abortamento em gestantes.

Apesar da causa precisa dos miomas uterinos ser desconhecida, evidências e estudos indicam uma associação com os hormônios esteróides ovarianos, em especial, a progesterona, permitindo desenvolvimento e crescimento do tumor. Além da atuação direta com receptor nuclear na regulação gênica, os sistemas de sinalização do fator de crescimento que garante a sobrevivência dos miomas parecem ser ativados diretamente pelo receptor de progesterona. Levando em conta os registros epidemiológicos de miomas uterinos em mulheres com idade fértil, este estudo busca determinar a influência dos fatores hormonais esteroidais na sua incidência.

OBJETIVOS

Avaliar a relação entre o desenvolvimento de miomas uterinos e a liberação de hormônios na idade fértil da mulher.

METODOLOGIA

Realizou-se a revisão bibliográfica nas bases de dados Uptodate, Scielo, Google Acadêmico, Pubmed, Cochrane, National Institutes of Health e Journal of Clinical Medicine, nos últimos 15 anos, com os descritores: etiologia, sintomatologia, diagnóstico de miomas uterinos, fatores de crescimento e miométrio, útero fibroso, leiomiomas e câncer de endométrio, tratamento com progestina.

Os artigos identificados pela estratégia de busca inicial foram avaliados de forma independente por 2 autores, tendo como principal critério de inclusão: revisões sistemáticas e artigos dos quais relatam acerca de risco de miomas uterinos em mulheres férteis e após a menopausa, a relação da progesterona e a patogênese de leiomiomas, além de mulheres as quais já passaram por histerectomia

Os critérios de exclusão englobam relatos de casos, artigos que apresentam foco em mulheres com câncer esporádico, bem como estudos os quais ocorrem em mulheres de uma única região, demonstrando como esse tipo de doença é recorrente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de se pensar que os eventos iniciais que desencadeiam a tumorigênese do leiomioma envolvem mutações somáticas, é evidente que o desenvolvimento e o crescimento do leiomioma são altamente dependentes de hormônios esteróides ovarianos. A incidência de leiomioma em mulheres durante anos reprodutivos e sua regressão após a menopausa, apoia fortemente a dependência de esteróides ovarianos. Quando as mulheres recebem agonistas de GnRH, uma redução no tamanho do leiomioma ocorre, implicando hormônios ovarianos no crescimento do leiomioma. Enquanto o estrogênio tem sido considerado o principal fator mitogênico no útero, há evidências crescentes de estudos clínicos, bioquímicos, histológicos e farmacológicos que a progesterona e seu receptor, PR, desempenha um papel fundamental no crescimento e desenvolvimento do leiomioma uterino.

Os pesquisadores que acompanharam o tamanho do leiomioma longitudinalmente após o primeiro trimestre, no entanto, não observaram mais diferença entre o segundo e terceiro trimestre. Vários estudos descobriram que o volume uterino pode ser reduzido em apenas 3 meses com uma redução no volume do leiomioma, reduzindo de 6 a 12 meses de uso de SIU LNG. No entanto, outros estudos encontraram uma redução na perda de sangue menstrual, mas não no volume do leiomioma. Ensaio maiores devem ser conduzidos para determinar se o SIU LNG melhora a perda de sangue e a carga de leiomioma. O mecanismo de redução do tamanho do leiomioma após a inserção do SIU LNG é desconhecido.

O aumento da progestina local em vez da sistêmica pode ter resultados inesperados na biologia do leiomioma. Além disso, o LNG tem níveis séricos de progesterona reduzidos e podem reduzir o fluxo sanguíneo da artéria uterina, o que pode explicar as mudanças no tamanho do tumor de leiomioma. Em apoio a essas observações, demonstraram in vitro que o tratamento com LNG reduziu a viabilidade das células do leiomioma e o aumento da apoptose. Estudos adicionais são necessários para avaliar os efeitos celulares do LNG no leiomioma e células do miométrio.

Evidências indiretas sugerem que uma única célula-tronco miometrial sofre uma mutação genética específica ou um rearranjo cromossômico e, em seguida, começa a se dividir fora de controle e se diferencia em uma célula de leiomioma madura. O tumor subsequente desenvolvido é altamente dependente de hormônios esteróides sexuais que promovem a proliferação e sobrevivência de células do leiomioma através da inibição de vias apoptóticas, a liberação parácrina de fatores de crescimento e o acúmulo de matriz extracelular. Tanto o estradiol quanto a progesterona são críticos para o crescimento do leiomioma, e evidências recentes mostram que o estradiol atua principalmente aumentando a resposta à progesterona. Aqui observamos que os níveis de mRNA PR-B em leiomioma foram diretamente associados com o número de tumores e inversamente correlacionados com a intensidade do sangramento intermenstrual e dismenorreia.

A evidência de que o leiomioma expressa níveis mais elevados de PR do que o miométrio não neoplásico no mesmo útero foi confirmada. Encontramos altos níveis de mRNA PR-B e proteína em leiomioma apesar de níveis semelhantes de PR-total mRNA, em comparação com o miométrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do desconhecimento científico, em literatura direta, acerca dos mecanismos moleculares que originam os leiomiomas uterinos, é inegável a atuação hormonal na sua eclosão. De forma antagônica, essas concentrações tendem a obter reduções drásticas após o período da menopausa.

DOR GÊNITO-PÉLVICA: ANÁLISE ETIOLÓGICA, IMPACTO NA ESFERA BIOPSIKOSSOCIAL E ABORDAGEM MÉDICA

Júlia Lenza Goulart¹; Naiara Nunes Silva²; Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Faculdade de Medicina de Rio Verde.

E-mail: juliaalenzaagoulartt@gmail.com.

³Faculdade de Medicina de Rio Verde.

E-mail: laraandida@unirv.edu.br.

RESUMO

INTRODUÇÃO: O vaginismo e a dispareunia constituem a perturbação da dor gênito-pélvica e da penetração (PDGPP), dificultando o intercursos sexual. Essa disfunção apresenta causas multifatoriais e alta prevalência. **OBJETIVO:** O objetivo deste estudo é abordar as principais causas da PDGPP, seus efeitos nocivos na qualidade de vida feminina e a relevância do conhecimento acerca da sexualidade, na medicina, para melhor prognóstico das pacientes. **MÉTODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Para isso, foram usadas as bases de dados SciELO, PubMed e LILACS. Para seleção das pesquisas foram utilizados os unitermos conforme a descrição do Decs: “dispareunia”, “disfunções sexuais”, “epidemiologia”, “vaginismo” e “sexualidade”. Por fim, foram utilizados 7 artigos, no intervalo de 2009 a 2022. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os artigos analisados mostraram as causas etiológicas, biológica, psicológica, relacional e cultural do vaginismo. Ademais, evidenciou a alta prevalência de disfunções sexuais e o despreparo na abordagem pelos médicos, além dos efeitos na qualidade de vida das mulheres portadoras de dor gênito-pélvica e da penetração. **CONCLUSÃO:** As disfunções gênito-pélicas têm um profundo impacto na esfera sexual e pessoal das mulheres. Nesse sentido, torna-se necessário um atendimento capacitado às pacientes acometidas, a fim de assegurar sua qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

O vaginismo, juntamente com a dispareunia, constitui perturbação da dor gênito-pélvica e da penetração (PDGPP). Tal dor pode acontecer no vestíbulo vaginal que é o vaginismo, ou na penetração profunda, que consiste na dispareunia. O vaginismo envolve a contração involuntária dos músculos do assoalho pélvico quando acontece a tentativa de penetração na entrada vaginal.

Neste contexto, estudos populacionais no Brasil demonstram que, entre as mulheres, cerca de 49% apresentam algum tipo de disfunção sexual. O diagnóstico da dispareunia e do vaginismo requer, pelo menos, 6 meses de queixa persistente ou recorrente de dor vulvovaginal ou pélvica durante a relação pênis-vagina ou durante tentativas de penetração, medo ou ansiedade em relação a dor em antecipação, durante ou como resultado da penetração, tensão ou contração dos músculos

do assoalho pélvico durante a tentativa de penetração vaginal que causa sofrimento a mulher. Sendo estes, associados ou não.

A etiologia dessa disfunção é bem variada e pode envolver fatores físicos e psicológicos. A contração dos músculos no vaginismo segue um ciclo, um estímulo doloroso inicial resulta em contrações mais intensas o que resulta em mais dor. Fatores como educação sexual punitiva, abusos e assédios sexuais são frequentemente associados a esse distúrbio. Além disso, existem causas físicas como endometriose, infecções sexualmente transmissíveis, lesões, entre outras.

O objetivo deste estudo é abordar as principais causas da PDGPP e analisar as consequências que essa disfunção tem na esfera biopsicossocial da vida de mulheres. Além disso, essa pesquisa procura salientar a necessidade da abordagem desse assunto na sociedade e entre os profissionais de saúde, visando aumentar a busca, das mulheres afetadas, por ajuda profissional e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é abordar as principais causas da PDGPP e analisar as consequências que essa disfunção tem na esfera biopsicossocial da vida de mulheres. Além disso, essa pesquisa procura salientar a necessidade da abordagem desse assunto na sociedade e entre os profissionais de saúde, visando aumentar a busca, das mulheres afetadas, por ajuda profissional e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Para realização da pesquisa foi utilizado os bancos de dados: PubMed (US National Library of Medicine) , SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) de dados científicos até 4 de julho de 2022, sem restrição de idioma com estudos publicados entre os anos de 2009 e 2022. Foi utilizado também dados da Federação Brasileira Das Associações De Ginecologia E Obstetrícia (FEBRASGO).

2.1 Estratégia de Pesquisa

Foi utilizado os unitermos para ir de encontro à temática com um desenho prospectivo: “dispareunia”, “disfunções sexuais”, “epidemiologia”, “vaginismo” e “sexualidade”. Foi utilizado o operador booleano AND para a produção da pesquisa. Para complementar as buscas nas bases de dados, foram revisadas todas as referências dos artigos selecionados e dos artigos de revisão.

2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: estudo original e não original, publicado em periódico com corpo editorial. Foram excluídos editoriais, comentários, cartas aos editores, estudos qualitativos e estudos que relataram apenas uma análise transversal. Por fim, foram selecionados 7 artigos.

2.3 Seleção e Extração dos Artigos

A seleção dos estudos foi realizada de forma independente pelo autor principal, seguindo três etapas: I- análise dos títulos dos artigos, II- leitura dos resumos e III- leitura dos textos completos. A cada fase, caso houvesse divergências, o segundo autor era solicitado a julgar, e a decisão final era tomada por consenso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A saúde sexual é considerada como um dos pilares que garantem qualidade de vida aos indivíduos. A construção da sexualidade feminina possui uma influência cultural, familiar, histórica, emocional, ambiental, psicológica e também é dependente de como sua sexualidade foi construída ao longo da vida. Devido a essa multifatorialidade na formação sexual feminina, suas possíveis disfunções, como o vaginismo e a dispareunia, também estarão ligadas a causas além do corpo biológico.

Os fatores etiológicos da dor genito-pélvica podem ser divididos em: biológicos, psicológicos e relacionais. No vaginismo, uma primeira experiência dolorosa produz pensamentos de medo em relação a dor e seu significado. O que leva a uma hiper vigilância somática que aumenta todas as sensações potencialmente negativas, amplificando as emoções negativas associadas à dor.

Os fatores biológicos associados à dor genital são, majoritariamente, agudas e transitórias, levando à inflamação da pele e da mucosa vulvar devido a infecções, por exemplo a herpes genital e a candidíase. Além disso, lesões malignas, mudanças no aspecto hormonal e fatores genéticos também têm importante papel no acarretamento da dor vaginal.

Os fatores psicológicos variam, mulheres com diagnóstico de PDGPP apresentam maior propensão para ter história de abuso sexual, físico e emocional. As queixas de dor são frequentes em mulheres com histórico de distúrbios depressivos e de ansiedade. Em consideração a isso, o ambiente psicossocial em que a mulher está inserida, interfere diretamente na esfera sexual desta.

A concepção de sexo da mulher também está associada com as disfunções sexuais. Estudos mostraram que em mulheres com disfunção de dor gênito-pélvica há uma ativação maior de esquemas cognitivos negativos, o que resulta em um envolvimento afetivo menor, a evitação da intimidade e maiores níveis de ansiedade antecipatória.

Já no que tange os relacionamentos, é necessário salientar que, apesar de ser a mulher que experiencia a dor, o parceiro também é afetado pelo vaginismo. Visto que o medo da dor leva a evitação da atividade sexual e também de seu parceiro. Visto isso, a comunicação entre as partes

viabiliza uma discussão aberta sobre a dor e aumenta a satisfação sexual das mulheres. Desse modo, a resposta do parceiro à dor na relação tem influência na percepção das mulheres.

Ademais, outro fator potencializador da PDGPP é o pouco conhecimento dos profissionais de saúde a respeito da fisiologia sexual. Tal fato pode ser visto num estudo com ginecologistas brasileiros, o qual verificou que aproximadamente 50% dos especialistas entrevistados não sentiam segurança para abordar as demandas ligadas à sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o vaginismo é uma disfunção sexual decorrente da contração involuntária dos músculos do assoalho pélvico e, juntamente, com a dispareunia, constituem a disfunção da dor gênito-pélvica. Cerca de 23% das mulheres brasileiras apresentam um quadro de PDGPP, a qual provém de causas multifatoriais. A etiologia pode advir de fatores biológicos, psicológicos e associados à natureza dos relacionamentos das mulheres afetadas. A perturbação da dor da penetração segue um ciclo vicioso que, com o reforço de um estímulo doloroso inicial, há deflagração do distúrbio. Contudo, a falta de conhecimento da própria sexualidade e o despreparo dos médicos para abordagem do assunto diminui a busca por ajuda e prejudica a qualidade de vida das mulheres afetadas. Verifica-se a necessidade de mais pesquisas e discussões a respeito da sexualidade feminina e a urgência de treinamento médico na conduta diante de disfunções sexuais.

EPIDEMIOLOGIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL 1998 A 2021

Stefannie Novaes de Carvalho¹, Higor Quixabeira Bonifácio², Maria Eduarda Arantes Cabral², Laryssa da Silva Valentim², Luís Octávio de Sousa Reis², Edmar Soares de Andrade², Lara Cândida de Sousa Machado³.

^{1,2}Graduanda em Medicina, Universidade de Rio Verde (UniRV).

Apresentadora: stefanniecarvalho@outlook.com.

³Orientadora, Enfermeira pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, docente efetiva do curso de Medicina da Universidade de Rio Verde (UniRV).

E-mail: laramachado.enf@gmail.com

RESUMO

A Sífilis congênita representa um problema de saúde pública, a desinformação associada com o descuido com o pré-natal abre caminhos para a negligência por parte das puérperas que não buscam os hospitais para o cuidado integral durante a gestação. Tem-se como objetivo descrever a prevalência da sífilis congênita no Brasil de 1998 a 2021, tendo como base fatores sociais e econômicos. Esse trabalho é um estudo epidemiológico descritivo, transversal e analítico através de coleta de dados eletrônicos de diversas fontes.

INTRODUÇÃO

A sífilis é uma doença infecciosa de caráter sistêmico, causada por uma bactéria chamada *Treponema pallidum* que pode ser transmitida pelo contato sexual e pela via vertical, sendo exclusiva do ser humano. Quando o contágio é feito pela via hematogênica, da gestante infectada não tratada ou inadequadamente tratada para o seu conceito, por via transplacentária, denomina-se sífilis congênita.

A sífilis congênita é um agravo evitável, contudo, ainda representa um grave problema de saúde pública e tornou-se uma doença de notificação compulsória. A medida de controle da sífilis congênita mais efetiva consiste em oferecer a toda gestante uma assistência pré-natal adequada com a realização do VDRL no primeiro trimestre da gestação, idealmente na primeira consulta, e de um segundo teste em torno da 28ª semana com ações direcionadas para busca ativa a partir dos testes reagentes.

A abordagem aos recém-nascidos cujas mães apresentaram VDRL reagente na gestação, no parto ou apresentam suspeita clínica é por meio do teste não treponêmico em amostra de sangue periférico. O título do RN deve ser comparado com o da mãe, colhido no momento do parto, e será considerado positivo quando o título da criança for superior a quatro vezes o título materno.

Os achados clínicos nos recém-nascidos são variados, podendo ser precoces ou tardios. Podem estar presentes, lesões mucocutâneas, coriza mucossanguinolenta, alterações no líquido, ceratite

intersticial que junto com dentes incisivos anômalos e surdez são chamados de tríade de Hutchinson. Além disso, as lesões em palmas e plantas dos pés, podem ser contagiosas pela presença da bactéria, nesses casos o isolamento de contato é indicado. O tratamento da sífilis congênita é feito de acordo com a categoria em que o RN se encaixa e segue as normas e condutas do Ministério da Saúde.

Desse modo, esse trabalho possui o intuito de evidenciar a epidemiologia da sífilis congênita no Brasil, que é um importante agravamento de saúde pública e de grande relevância social e econômica, sendo de suma importância o conhecimento acerca do estudo dessa doença, afim de obter-se melhorias no sistema de saúde em todo território nacional.

Diante do exposto e da relevância dessa patologia no país, esse estudo tem a finalidade de descrever a prevalência da sífilis congênita no Brasil de 1998 a 2021, fazendo comparações pela faixa etária, raça, escolaridade e regiões de maior acometimento por essa doença.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, transversal e analítico através de coleta de dados eletrônicos nas bases SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PubMed, utilizando os descritores “Sífilis Congênita” e “Epidemiologia” e dados secundários do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (SINAN), além da base de dados do DATASUS/TABNET, sistema cujo objetivo é coletar, transmitir e disseminar dados sobre a vigilância epidemiológica brasileira, avaliando doenças e agravos que constam na lista nacional de doenças de notificação compulsória.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De 1998 a junho de 2021, foram notificados no Sinan 260.596 casos de sífilis congênita em menores de um ano de idade, dos quais 115.806 (44,4 4%) eram residentes na região Sudeste, 77.686 (29,8%) no Nordeste, 30.442 (11,7%) no Sul, 22.155 (8,5%) no Norte e 14.507 (5,6%) no Centro-Oeste. A alta incidência dessa doença infecciosa no país representa um grave problema de saúde pública que gera anualmente diversos custos ao Sistema Único de Saúde além de graves consequências maternas e fetais. Nesse sentido, observa-se que ao longo dos anos foi na região Sudeste em que houve o maior número de casos de sífilis congênita no Brasil.

Segundo o Ministério da Saúde a transmissão de sífilis congênita pode ser reduzida, por meio do diagnóstico e tratamento corretos para as gestantes e seus parceiros. Nesse viés, observa-se a falha na assistência e intervenção no pré-natal, principalmente na Atenção Primária, em que há o primeiro contato com a mãe, na qual desde a primeira consulta devem ser solicitados exames de triagem e rastreamento de inúmeras doenças, incluindo a sífilis. No que concerne ao acesso a esses exames e a realização da investigação, 55,1% tiveram diagnóstico de sífilis durante o pré-natal, 33,6% no momento do parto/curetagem, 5,6% após o parto e 0,7% não tiveram diagnóstico, sendo que 5,0% tiveram essa informação ignorada.

A sífilis é uma doença infectocontagiosa que ao ser detectada é de notificação compulsória, como medida de controle e profilaxia da doença e seus agravos. Nessa perspectiva, em 2020, 80,9% das mães de crianças com sífilis congênita fizeram pré-natal, enquanto 12,5% não o fizeram e 6,7% apresentaram essa informação ignorada.

Os maiores percentuais de casos de sífilis congênita em 2020 ocorreram em crianças cujas mães tinham entre 20 e 29 anos de idade (56,4%), seguidas daquelas nas faixas de 15 a 19 anos (21,1%) e de 30 a 39 anos (17,2%). Dessa forma, esses números denotam que existe uma maior incidência entre gestantes de 20 a 29 anos, devido a essa faixa etária ser a mais acometida por essa infecção. Com relação à escolaridade, foi observado no mesmo período que a maior parte das mães possuía da 5ª à 8ª série incompleta (19,0%), sendo que a maioria delas se declararam como pardas (58,6%). À vista disso, essas referências espelham a situação de vulnerabilidade social e econômica que essa população se encontra historicamente no país, correlacionando mulheres pardas com a precariedade no ensino educacional, e consequentemente no despreparo da vida sexual, aumentando assim a incidência de infecções sexualmente transmissíveis, como a sífilis.

Quanto à mortalidade infantil (em menores de um ano de idade) por sífilis congênita, no período de 1998 a 2020, o número de óbitos declarados no SINAN foi de 2.959, apenas em 2020, foi declarado no SIM um total de 186 óbitos por sífilis em crianças menores de um ano, o que corresponde a um coeficiente de mortalidade de 6,5 óbitos por 100.000 nascidos vivos. Assim, verifica-se a importância de se compreender essa patologia e sua epidemiologia.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o que foi apresentado e discutido, evidenciou-se que a sífilis congênita se trata de um sério problema de saúde pública no Brasil, que mesmo sendo evitável infecta centenas de neonatos anualmente, gerando para esses uma série de agravos. Desse modo, é de fundamental importância a descrição epidemiológica dessa infecção no Brasil, como uma forma de alerta e de democratização da informação, aos profissionais de saúde, ao poder público e principalmente a população, haja vista que falta de conhecimento é o principal empecilho para a erradicação dessa infecção neonatal no país.

Conclui-se, portanto que é imprescindível realizar o rastreamento e notificação da sífilis congênita no país, a fim de reduzir seus efeitos nos fetos, mediante a garantia de diagnóstico e tratamento precoce. É válido ressaltar que é por meio desses estudos que as medidas já implantadas podem ser melhoradas e que novas políticas públicas voltadas para a redução da incidência dessa infecção possam ser estabelecidas

. PREVALÊNCIA DA TUBERCULOSE PULMONAR EM MULHERES NO MUNICÍPIO DE FORMOSA GOIÁS

Marina de Sousa Aguiar¹; Ellen Cristiny Ribeiro Silva²; Jhonata Leonardo de Souza³; Letícia Freitas Machado⁴; Rickson Carvalho Sacamoto Meneses⁵; Pedro Afonso Barreto Ferreira⁶.

^{1,2,3,4,5}Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Rio Verde - UNIRV, Formosa, Goiás, Brasil.

E-mail: marinaaguiaar@gmail.com

⁶Enfermeiro. Mestre em ciências pelo programa de farmacologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP/USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

E-mail: pedroafonso@unirv.edu.br

INTRODUÇÃO

A tuberculose é uma doença infecciosa que pode ser causada pela micobactéria, *Mycobacterium tuberculosis*. A doença pode ser pulmonar, em que transmissão ocorre por meio de aerossóis das vias aéreas, ou extrapulmonar, quando o agente se dissemina pelo corpo.

No Brasil, de 2015 até 2020, foram confirmados 248.529 casos em ambos os sexos dos 20 aos 40 anos, sendo que o Goiás contribuiu com aproximadamente 1,3% da prevalência da doença do país.

Os fatores de risco estão associados ao perfil sociodemográfico, como presidiários, ao perfil clínico, como a AIDS, e aos hábitos de vida, como o uso de drogas ilícitas. Desta forma, os homens são mais suscetíveis aos fatores de risco.

Tosse, expectoração, febre e perda de peso são algumas das manifestações clínicas da tuberculose.

A prevenção pode ser realizada com a vacina da BCG. Já os infectados e os que estão na forma latente da doença devem utilizar o tratamento farmacológico. Deve-se fazer o rastreamento das pessoas próximas ao paciente com tuberculose pulmonar.

Desta forma, por ser uma doença infectocontagiosa muito frequente no Brasil em determinados grupos de risco e que afeta drasticamente a qualidade de vida, é inquestionável a importância da realização de estudos que relatem a prevalência da doença em mulheres, já que boa parte dos estudos focam no homem, para possibilitar a tomada de medidas a este grupo.

O objetivo do artigo é avaliar os dados do DATASUS sobre a prevalência da tuberculose em mulheres dos 20 aos 39 anos no Município de Formosa Goiás de 2016 a 2020.

METODOLOGIA

Foi feito um estudo descritivo do tipo transversal, avaliando a prevalência da tuberculose no Município de Formosa, Goiás (GO), Brasil. Os dados foram coletados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), referentes ao ano de diagnóstico (2016-2020), no qual as informações sobre a prevalência foram obtidas por meio do sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN-TB).

Foi utilizado um critério específico, sendo mulheres de 20 a 39 anos, moradoras do Município de Formosa-Goiás, e que tiveram seus casos notificados nessa mesma cidade. A partir disso, foram utilizados critérios secundários, sendo eles: tipo da zona de residência, tipo de entrada (caso novo, recidiva, reingresso após abandono, transferência, pós-óbito); a raça que possui; estar em situação de rua, forma clínica da doença (pulmonar), ser HIV soropositivo e/ou ter AIDS, ser alcoolista e fazer uso de drogas ilícitas, ser tabagista. Critérios relacionados a testes e diagnóstico, foi utilizado apenas o teste confirmatório.

Critérios de exclusão foram gestantes, fora da faixa etária, residindo fora de Formosa, diabéticas, privadas de liberdade (PPL), profissionais da saúde e outros tipos de forma clínica.

Não houve a necessidade de autorização do Comitê de Ética Médica (CEM), devido a utilização de dados secundários não nominais, de acesso público, respeitando os preceitos éticos.

RESULTADOS

De forma resumida, foram identificados 84 casos de tuberculose no município de Formosa, entre os anos de 2016 e 2020, dos quais 73 foram excluídos, dessa forma são 11 casos de tuberculose diagnosticados no sexo feminino com idades de 20 a 39 anos, de 2016 a 2020. E dentre esses 11 casos, 7 são do tipo pulmonar (100%), 3 extrapulmonares e 1 pulmonar + extrapulmonar, sendo que o tipo pulmonar é o que será evidenciado no presente estudo. Além de observar que, entre os 7 casos, todas as pacientes moravam em zona urbana (100%), 6 eram pardas (85,72%) e 1 foi deixado em branco (14,28%).

QUADRO 01 - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DAS MULHERES DE 20 A 39 DO MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO

Dados sociodemográficos	N	%
Faixa etária		
20-39	7	100%
Raça		
Ign/Branco	1	14,28%
Branca	0	
Parda	6	85,72%
Preta	0	
Amarela	0	
Indígena	0	

Escolaridade		
Ign/Branco	6	85,72%
Educação superior completa	1	14,28%
Local de residência		
Ign/Branco	0	100%
Urbana	7	
Rural	0	
Periurbana	0	

Fonte: dados retirados do DATASUS – Formosa-GO, 2021.

QUADRO 02 - DADOS CLÍNICOS DAS MULHERES DE 20 A 39 DO MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO

Dados clínicos	N	%
Forma		
Pulmonar	7	100%
Etilista		
Sim	1	14,28%
Não	6	85,72%
Tabagista		
Sim	3	42,86%
Não	4	57,14%
Drogas ilícitas		
Sim	0	100%
Não	7	
AIDS		
Sim	0	85,72%
Não	6	
Branco	1	
HIV		
Negativo	4	57,14%
Em andamento	1	14,28%
Não realizado	2	28,58%
Confirmação laboratorial		
Com	4	57,14%
Sem	3	42,86%
Situação Encerrada		
Branco	3	42,86%
Cura	3	42,86%
Transferência	1	14,28%
Tipos de Entrada		
Caso novo	7	100%

Fonte: dados retirados do DATASUS – Formosa-GO, 2021.

Durante a discussão, foi visto que, os índices de tuberculose (TB) cresceram na população em virtude do surgimento do HIV, na década de 80. Uma vez que, os sexos têm experiências diferentes com a tuberculose, devido ao preconceito e aos estereótipos relacionados à doença. O estigma,

principalmente ao sexo feminino, durante e após o diagnóstico, acarreta prejuízos ao tratamento medicamentoso das mulheres. Tal estigma, às vezes, até prejudica o casamento dessas mulheres.

Além disso, foi observado nos anos de 2008 e 2013, da amostra de 281 casos de tuberculose relacionados ao sexo, 198 eram do sexo masculino e 83 do feminino. Essa prevalência nesse grupo está associada ao abandono do tratamento por grupos em alta vulnerabilidade, com baixa escolaridade e baixa renda. Já em 2015, foram notificados 10,4 milhões de novos casos de tuberculose em todo o mundo. Em relação a esses dados, a taxa de mulheres com tuberculose atualmente é alta. Vários casos são subnotificados e/ou não diagnosticados, ou o tratamento é abandonado. Em 2015, aproximadamente 5,9 milhões eram homens, 3,5 milhões de mulheres e 1,0 milhão de crianças que apresentavam a forma clínica da doença.

Ainda há necessidade de muitas pesquisas tendo a mulher como protagonista, relacionando-a com os fatores associados ao contágio e desenvolvimento da tuberculose e, sobretudo, para entender melhor por que o tratamento é abandonado. Depois que todos os autores abordam a estigmatização do sexo e o abandono do tratamento relacionado ao grupo feminino, fica claro que há muito o que mudar.

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, infere-se que, a baixa adesão ao tratamento pelas mulheres deixa claro que o acesso ao diagnóstico e à medicação por si só não são suficientes para uma adesão efetiva. Isso pode até torná-los suscetíveis a complicações da tuberculose. A partir do presente estudo, infere-se que ainda existem barreiras a serem superadas para que o controle e o tratamento da tuberculose sejam efetivos na população feminina.

Outrossim, existe uma grande limitação em relação ao número limitado de estudos sobre tuberculose voltados para a população feminina. o tratamento da tuberculose para eles é uma realidade, o que torna indiscutível a importância de discutir esse tema, não apenas para nortear as políticas públicas, mas também para direcionar as ações da atenção básica.

QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA (ELA)

Louise Fagundes Ribas Souza¹, Bianca Costa Fadini², Leonides Rocha de Oliveira Filho³.

^{1,2}Graduando em Medicina pela faculdade de medicina da Universidade de Rio Verde UniRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: lousefagundes123@gmail.com

³ Médico Fisiatra. Professor na faculdade de medicina da Universidade de Rio Verde – UniRV, Rio Verde, Goiás, Brasil.

E-mail: leonidesrocha@unirv.edu.br

RESUMO

Objetivos: Compreender as principais complicações da Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e seus efeitos sobre a qualidade de vida dos pacientes. **Metodologia:** Essa revisão integrativa da literatura deu-se por coleta de dados eletrônicos nas bases Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine (PubMed) usando-se os descritores “qualidade de vida”, “esclerose amiotrófica lateral” AND “doença do neurônio motor”. Foram encontrados 15 artigos e selecionados 7 que condizem com a temática da qualidade de vida das pessoas diagnosticadas com ELA, publicados entre 2000-2022. **Resultados e Discussão:** A ELA é uma doença neurodegenerativa progressiva e multissistêmica que afeta, principalmente, o sistema respiratório – na comunicação e respiração, digestório e emocional. Assim, as consequências da doença vão além das questões físicas, impactando a qualidade de vida do paciente em diferentes âmbitos. Analisou-se fatores vivenciados por eles e as formas de amenizá-los. **Considerações Finais:** Investigando os principais sistemas corporais afetados pelo quadro de ELA percebe-se a perda de qualidade de vida dos pacientes em diferentes âmbitos de suas vidas, logo, estabelece-se que são imprescindíveis terapias, intervenções e cuidados paliativos com esse grupo objetivando promover maior bem-estar e expectativa de vida, além de realizar-se mais pesquisas na área em busca por novos tratamentos e cura.

INTRODUÇÃO

A Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) é uma doença neurodegenerativa devastadora que provoca a morte seletiva de neurônios motores do sistema nervoso central, sendo considerada a forma mais frequente do grupo de doenças do neurônio motor, a qual se caracteriza por uma degeneração de caráter progressivo dos neurônios motores inferiores e superiores no córtex cerebral, tronco cerebral e medula espinhal. Ademais, a ELA apresenta sinais e sintomas clínicos únicos e padrões de progressão que se diferem de outras doenças, fato que causa sérios efeitos sobre os indivíduos acometidos por essa enfermidade e seus familiares, por desencadear alterações nas funções físicas e psicossociais, bem como altos encargos financeiros em busca de manter a qualidade de vida, além do

medo da morte por não se ter cura disponível. No entanto, o diagnóstico precoce e o atendimento por equipe multidisciplinar visam melhorar o bem-estar e aumentar a expectativa de vida desses pacientes (OLIVEIRA, 2009).

OBJETIVOS

Compreender as principais complicações da Esclerose Lateral Amiotrófica e seus efeitos sobre a qualidade de vida dos pacientes.

METODOLOGIA

Essa pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico realizado mediante uma revisão integrativa da literatura, a partir das bases de dados eletrônicas Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine (PubMed). O intuito do presente trabalho foi o de unificar e resumir os dados acerca da qualidade de vida das pessoas diagnosticadas com Esclerose Lateral Amiotrófica publicados em estudos científicos contemporâneos. Foram usados os descritores “qualidade de vida”, “esclerose amiotrófica lateral” AND “doença do neurônio motor” para efetuar a consulta nos periódicos, tendo como critérios de exclusão pesquisas que contrapõe a área de interesse ou não possuem metodologia relevante, como monografias, trabalhos de conclusão de curso e resumos publicados em congressos, bem como trabalhos relacionados a outras doenças diferentes do foco do estudo. Os princípios de inclusão centraram-se em artigos encontrados nos periódicos descritos, com recorte temporal de 2000-2022, nas línguas português e inglês, de acordo com o tema do trabalho. Dessa forma, conforme a busca online, encontrou-se cerca de 18 artigos e, a partir da leitura de cada um, foram eleitos oito artigos pertinentes e dentro da temática proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) é uma doença neurodegenerativa caracterizada pela deterioração progressiva do sistema nervoso motor, envolvendo córtex, tronco encefálico e medula espinhal, o que provoca fraqueza muscular, atrofia, câimbras e fasciculações quando há perda de neurônios motores inferiores, e espasticidade e perda de reflexos rápidos na perda dos superiores (ALENCAR, 2022). O início e a progressão precoce da ELA são normalmente insidiosos, para que o diagnóstico seja estabelecido é necessário que se identifique sinais de comprometimento do neurônio motor inferior, por meio de exame clínico, além de alterações eletrofisiológicas ou neuropatológicas, associadas ao comprometimento do neurônio motor superior clinicamente comprovados, com curso crônico e progressivo, além do fato de que não devem existir achados característicos de outras doenças que afetam o sistema em questão. Outro ponto que dificulta o diagnóstico precoce é a ausência de causa consolidada para ELA, dessa forma, a maioria dos casos aparece esporadicamente, enquanto outros são resultado de mutações no gene que codifica a enzima antioxidante de Cu, Zn-superóxido dismutase (SOD1), cabendo salientar que existem estudos que associam a doença a fator de risco genético entre cerca de 5 a 10% dos diagnósticos provenientes da mutação (OLIVEIRA, 2009).

Tendo em vista as limitações dos pacientes com ELA, sua qualidade de vida é prejudicada. Sendo assim, ocorre uma incapacidade cumulativa envolvendo diferentes domínios, como a mobilidade física, atividades cotidianas, alimentação, comunicação, respiração e reações emocionais. Portanto, o tratamento multidisciplinar busca prolongar a vida e controlar a sintomatologia a partir de intervenções que aumentem o bem-estar do paciente por meio da reabilitação. Para avaliar a qualidade de vida desse grupo formulou-se o Questionário de Avaliação da Esclerose Lateral Amiotrófica (ALSAQ-40) e a Escala de Avaliação Funcional da Esclerose Lateral Amiotrófica (ALSFRS-R), a fim de avaliar atividades diárias, coordenação motora grossa e fina e possíveis alterações no bulbo. Ademais, a força muscular, a performance física e a fadiga são investigadas por meio de testes específicos (ALENCAR, 2022).

No que tange à comunicação, as alterações disártricas, associadas à ELA, são caracterizadas por lentidão, fraqueza, imprecisão articulatória e incoordenação do sistema estomatognático, comprometendo os sistemas respiratório, fonatório e articulatório, gerando rouquidão, sopro, aspreza e voz monótona e menos intensa. Por conseguinte, com os avanços da enfermidade, a comunicação tende a tornar-se mais simples com frases mais curtas, fato que culmina em impactos negativos na vida cotidiana do indivíduo, como o isolamento do convívio social. Estudos apontam que à medida que as alterações disártricas se tornam mais severas, há piora da qualidade de vida, pois para serem compreendidos os pacientes precisam se esforçar para falar e repetir o que foi dito, dificultando o processo de comunicação (NETO, 2017).

A ELA pode provocar salivação excessiva (sialorreia) em cerca de 50% dos pacientes, a qual pode ser de gravidade leve a severa, variando de exteriorização da saliva em pequena quantidade a grande exteriorização de saliva, troca de mais de três babadores por dia, penetração laríngea da saliva e alto risco de aspiração pulmonar. Para melhorar o quadro do paciente, uma estratégia de tratamento alternativa utilizando toxina botulínica tipo A está sendo implantada, administrando-a nas glândulas salivares do paciente, a fim de diminuir a sialorreia, ajudar em parâmetros de fonação e, por consequência, na inclusão do paciente no âmbito social, além de apresentar efeitos colaterais ínfimos. Desse modo, com o tratamento, o paciente terá melhor qualidade de vida a alimentação e a fala (FILHO, 2016).

Em relação ao sistema respiratório, a fraqueza progressiva atinge a força muscular respiratória, a qual, quando grave, pode afetar tanto músculos inspiratórios quanto expiratórios e leva à falta de ar e insuficiência ventilatória. Quando há muitos episódios de aspiração e infecção recorrente, a deterioração da função pulmonar se agrava, sendo uma das principais complicações da ELA e a responsável pela maioria dos óbitos decorrentes dessa doença. Em relação a qualidade de vida, os pacientes com esse quadro necessitam de técnicas de desobstrução das vias aéreas e mecanismos que promovam maior expectoração. Em situações de presença de taquipneia, uso de musculatura acessória, movimento paradoxal do abdome, tosse fraca, dispneia aos pequenos esforços ou a fala, ortopneia, entre outros, faz-se necessária a ventilação não invasiva. Por conseguinte, a qualidade de vida do paciente fica comprometida por ter que ser submetido a diferentes episódios de intervenções (ORSINI, 2015).

A partir de análise da saúde mental dos indivíduos com ELA, os estudos apontam que existe elevada frequência de ansiedade e depressão nesses pacientes, associadas às limitações geradas pelos demais sistemas do organismo acometidos e à falta de esperança por conta da ausência de cura (PRADO, 2017).

Por fim, no sistema gastrointestinal, uma das estratégias para atenuar a desnutrição, a desidratação e a perda de peso que podem ser geradas devido a um quadro de disfagia bulbar sintomática progressiva comum em pacientes com ELA, é a colocação de uma gastrostomia endoscópica percutânea (PEG). A PEG é capaz de promover a adequada ingestão proteico-calórica, a estabilização ponderal e serve como via alternativa para administração de medicamentos. Assim, torna-se possível mitigar problemas de engasgamento, necessidade de modificação da textura dos alimentos e quadros de fadiga durante as refeições, o que promove maior bem-estar ao paciente (MENDES, 2006). Ademais, outra forma de amenizar os agravos gerados pela disfagia é com o cuidado paliativo em pacientes que ainda não necessitem da PEG, valorizando a alimentação, como nutrição e momento de convívio social, trabalhando em conjunto com a fonoaudiologia na deglutição funcional (LUCESI, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho a análise dos principais sistemas corporais afetados pelo quadro de Esclerose Lateral Amiotrófica permite inferir a perda de qualidade de vida dos pacientes em diferentes âmbitos de suas vidas, seja no convívio sociofamiliar, seja na independência das atividades cotidianas. Logo, estabelece-se o quão imprescindíveis são as terapias e cuidados paliativos com esse grupo com vistas a promover o maior bem-estar possível e ampliar os anos de vida com qualidade limitando-se os danos ocasionados diretamente pela ELA e os demais associados por sua consequência. Finalmente, cabe a realização de mais pesquisas na área com o intuito da busca por novos tratamentos e quiçá uma forma de cura.



editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 





editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 

